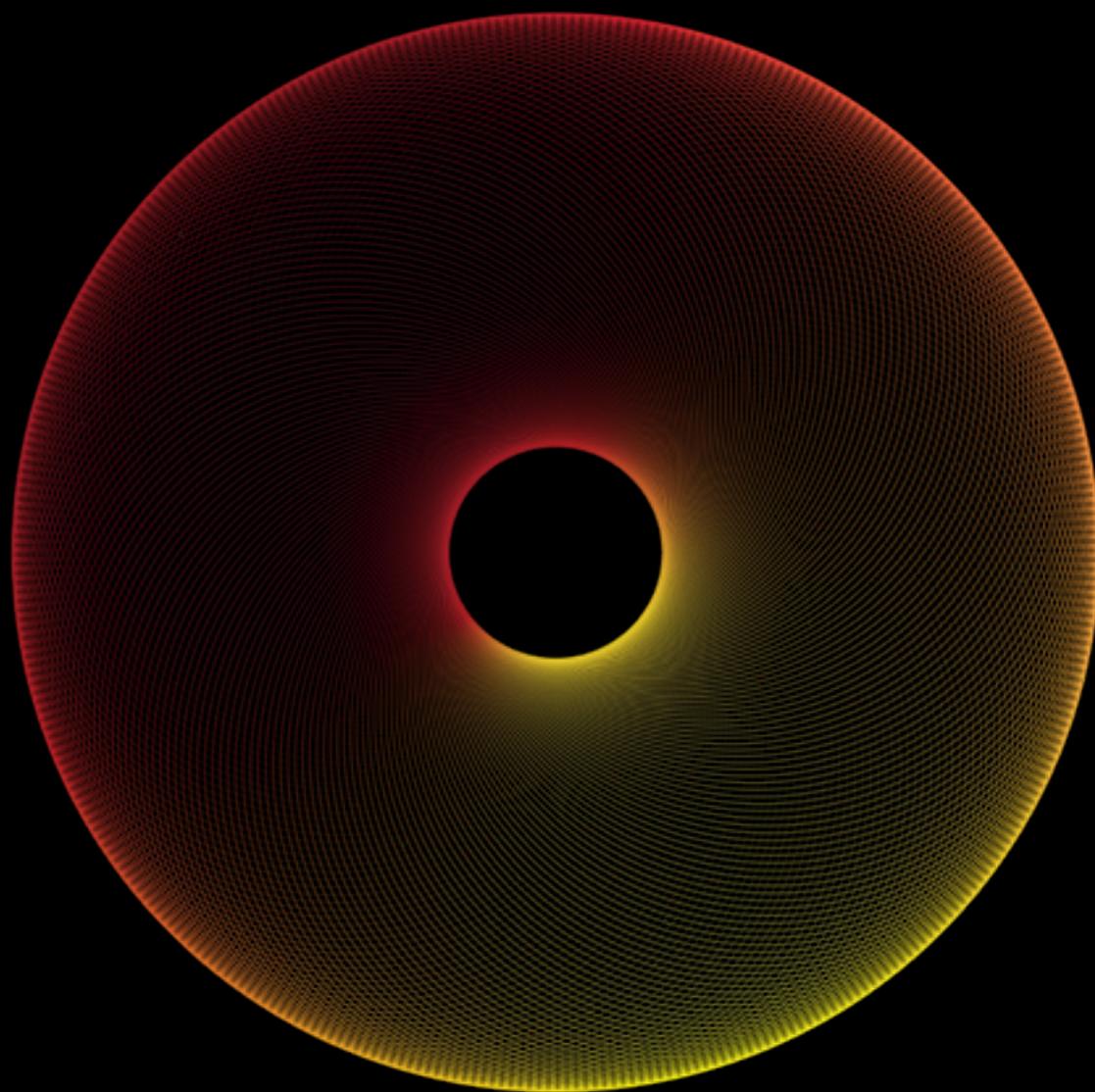


Deloitte.



Banca em análise 2021
(R)evolução no sector
bancário em Angola
O papel das Pessoas e da Tecnologia





José Barata
Presidente
Deloitte Angola

É com enorme satisfação que apresentamos a 15ª edição do Banca em Análise, um estudo que se tem assumido como uma das principais iniciativas da Deloitte Angola, sendo já uma referência incontornável e um contributo sólido e independente para uma reflexão dos agentes económicos nacionais. Esta edição do Banca em Análise inclui informação financeira em base individual dos Bancos a operar em Angola para o exercício de 2020. Nesta edição, em conformidade com as edições em anteriores, os responsáveis das principais instituições financeiras e das entidades de maior relevância para o sector, fizeram um balanço do ano de 2020 e do primeiro semestre de 2021, partilhando as suas expectativas para o futuro do sector bancário nacional, em particular no que se refere ao papel das pessoas e da tecnologia.

O sector bancário nacional tem vindo a enfrentar desafios relevantes, resultantes, em larga medida, dos desafios económicos que o País enfrenta, acrescidos por exigências regulamentares adicionais e pela aceleração do processo de transformação digital induzido pela resposta à situação de pandemia, o qual exigirá, inevitavelmente, maior capacitação do capital humano.

Em complemento, o aparecimento de novos desafios decorrentes do quadro concorrencial e da maior exigência e sofisticação dos clientes tem um impacto crescente para o sector. Neste contexto, as preocupações com o desenvolvimento sustentável do negócio, adequando-o, de forma rentável, a preocupações de natureza ambiental, social e de governação já se manifestaram em 2020 e tenderão a reforçar a sua importância.

Por outro lado, o aparecimento de concorrentes não bancários com actividade no sector bancário é um desafio adicional para o sector. Importa salientar, no âmbito da inclusão financeira da população e do desenvolvimento da oferta de serviços financeiros em Angola, a dinamização verificada com vista à implementação do Sistema de Transferências Móveis e Instantâneas (STMI), ou seja, um sistema de pagamentos móveis ou *mobile money*. Este desenvolvimento envolverá um ecossistema onde, além do Banco Nacional de Angola (BNA), actuarão sociedades prestadoras de serviços de pagamentos e câmaras de compensação, sendo um segmento de interesse e de actuação de agentes não bancários.

A nível macroeconómico foi dada continuidade à implementação do Programa de Estabilização Macroeconómica definido em 2018, o qual conta com o acompanhamento do Fundo Monetário Internacional (FMI). Os últimos anos têm sido marcados por enormes desafios, os quais foram agravados, no decurso de 2020, pelos impactos decorrentes da resposta à pandemia, com especial destaque para a: (i) redução acentuada do preço do petróleo, para valores historicamente baixos; (ii) recessão económica em Angola pelo quinto ano consecutivo; (iii) desvalorização do Kwanza face às principais moedas de referência e; (iv) a aplicação de medidas de emergência definidas para controlar a pandemia em território nacional que limitaram o desenvolvimento da maioria das actividades, tendo-se materializado numa descida do PIB de 3,6% em 2020. Por outro lado, e a partir do segundo trimestre de 2021, iniciou-se a consolidação de um ambiente económico mais favorável a nível mundial, em larga medida como reflexo do processo de vacinação, principalmente

nos países desenvolvidos, e da contínua adaptação dos diversos sectores da economia. A nível nacional, as previsões do Executivo de Angola e do FMI apresentam uma estimativa de uma taxa de crescimento em 2021 entre 0,0% e 0,4% respectivamente, sinalizando o fim do período de recessão económica que se verifica desde o final de 2014, o qual beneficia, também, da oportunidade gerada pela extensão por mais 6 meses (até final de 2021) da moratória referente ao serviço da dívida no quadro da Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida do G20.

Sem prejuízo da diminuição verificada nas reservas internacionais líquidas (RIL), importa salientar que tem sido possível assegurar uma redução significativa do seu ritmo de descida, o qual tem vindo a abrandar desde o início de 2018, atingindo cerca de 7,9 mil milhões de USD em Junho de 2021. Por outro lado, no que se refere às taxas de juro, e após a diminuição apresentada em 2020, a taxa LUIBOR tem vindo a aumentar em 2021, ascendendo a 15,1% no final de Maio de 2021 (Luibor a 3 meses), face a 12,5% no final de 2020.

No âmbito da actividade bancária, assistimos em 2020 a uma trajectória mista dos principais indicadores do sector face a 2019. Por um lado, observou-se um aumento do total dos activos (cerca de 19%) e do crédito líquido concedido a clientes (cerca de 10% em 2020, invertendo a tendência de diminuição do período 2016-2019), com uma diminuição do produto bancário (cerca de 55%, em larga medida influenciado pelo BPC, sem o qual, o produto bancário dos Bancos analisados tinha registado um crescimento de 11% face a 2019). Ao nível do resultado líquido verifica-se um prejuízo agregado, em larga medida decorrente do reconhecimento da menos-valia na cessão de cerca de 80% da carteira de crédito malparado do BPC à RECREDIT. Caso o BPC não fosse considerado, o resultado líquido agregado dos bancos analisados no estudo registaria um decréscimo de 32% face a 2019, o que traduz, ainda assim, um período desafiante. Importa referir que estes dados não incluem o Banco Económico uma vez que as respectivas demonstrações financeiras do exercício de 2020 não se encontravam disponíveis na data do presente estudo.

No que se refere ao exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA), que se materializou em ajustes relevantes nas contas dos Bancos no encerramento contabilístico de 2019, salienta-se que durante 2020 os Bancos continuaram a efectuar esforços no sentido de finalizarem a incorporação dos impactos nas suas demonstrações financeiras.

O ano de 2020 foi ainda marcado pela descida da notação financeira de Angola pela *Moody's*, de B3 para Caa1 e pela *Fitch* que baixou o *rating* de Angola de B- para CCC, o que teve impacto no sentimento geral do sector e em particular ao nível do apuramento de perdas por imparidade adicionais nas posições soberanas detidas pelos Bancos. Ao nível do contexto regulamentar, é incontornável destacar a promulgação, em Maio de 2021, da Lei do Regime Geral das Instituições Financeiras, que veio contribuir para um alinhamento do enquadramento jurídico das Instituições Financeiras com as melhores práticas internacionais, atestando o BNA como autoridade macroprudencial nacional. A esse propósito, destaca-se ainda, no âmbito da revisão constitucional recentemente aprovada pela Assembleia Nacional, a reformulação das principais atribuições do BNA, em especial naquilo que lhe confere o carácter de entidade administrativa independente.

Ainda neste capítulo, destacam-se os desafios crescentes em matérias como a Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais, Financiamento do Terrorismo e Proliferação de Armas de Destruição em Massa cuja Lei n.º 05/20 foi publicada em Janeiro de 2020 ou com a Equivalência de Supervisão e Regulação, projecto iniciado em Maio de 2020.

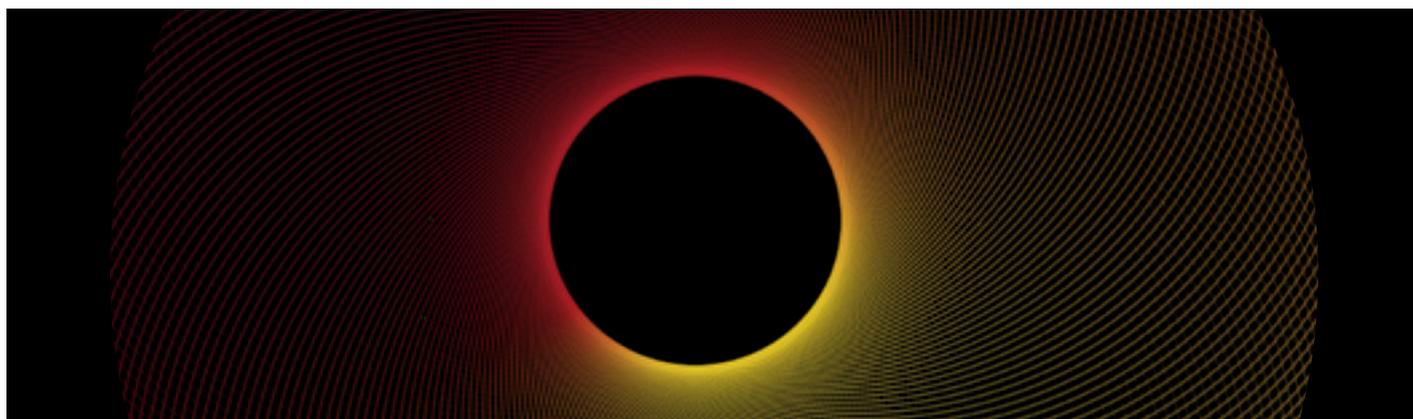
Neste enquadramento desafiante, a visão estratégica das principais Instituições Bancárias deverá continuar assente na diversificação e inovação da oferta, na dinamização do nível de digitalização da actividade e na resposta ao processo, que se manteve em 2020 e no primeiro semestre de 2021, de promoção da inclusão financeira da população.

Com este estudo a Deloitte reitera o sólido compromisso com o país e com o seu sistema financeiro, alicerçado numa presença local com mais de 25 anos. Pretendemos reforçar o nosso contributo activo, sendo um parceiro de referência e apresentando soluções que permitam responder aos desafios de curto prazo na prossecução de um desenvolvimento sustentado e sustentável de Angola, das suas organizações e da sua população.

Votos de uma excelente leitura da 15ª edição do Banca em Análise.

Nesta edição

Banca em Análise 2021



6

Entrevista BNA

43

Enquadramento
macroeconómico

10

Entrevista ABANC

53

Enquadramento
económico angolano

11

Entrevista EMIS

64

(R)evolução no sector
bancário em Angola:
o papel das pessoas
e da tecnologia

12

Entrevista RECREDIT

68

Estudo da Banca
em Análise 2021

14

Entrevistas
Instituições Financeiras

104

Demonstrações
financeiras

Banco Nacional de Angola (BNA)

José de Lima Massano

Governador



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

I. DESAFIOS MAIS EVIDENTES AO BNA:

a) Ano 2020

1. O principal desafio que marcou o ano de 2020 foi inicialmente, de carácter externo, isto é a declaração em 11 de Março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde da COVID-19 como pandemia, provocando contracção económica;
2. A nível interno, a COVID-19, impôs fortes desafios, na forma de queda abrupta da procura e contracção na oferta, fruto das medidas de confinamento e isolamento social adoptadas pelos Governos de vários países, visando conter a propagação do vírus;
3. Crescentes défices públicos do Tesouro Nacional e interrupção do processo de desinflação que teve o seu início em 2017;
4. A necessidade da revisão da regulamentação prudencial, com vista a assegurar o seu alinhamento às normas prudenciais europeias/princípios do BIS, tendo em consideração a realidade do sistema financeiro angolano;

b) Ano 2021

5. Garantir a estabilidade dos preços através do controlo da inflação;
6. Manter as Reservas Internacionais Brutas em níveis confortáveis face a volatilidade do preço do barril de petróleo definido no mercado internacional;

7. Reforçar a correcta regulamentação dos mercados ou procura de garantia da estabilidade macroeconómica;
8. A contínua procura pela reanimação da economia, face aos efeitos devastadores da situação pandémica, consumados por uma desaceleração da actividade económica.

II. MEDIDAS DE POLÍTICAS ADOPTADAS:

a) Ano de 2020

1. Flexibilização da política monetária e ajustes na política cambial:
 - Estabelecimento de uma linha de liquidez com valor máximo de 100 mil milhões de Kwanzas para a aquisição de títulos públicos em posse de sociedades não-financeiras (Pequenas, Médias e Grandes empresas);
 - Redução da taxa de juro de operações de Facilidade Permanente de Absorção de liquidez de 10% para 7%;
 - Activação da Facilidade Permanente de Liquidez *Overnight*, em até Kz 100,00 mil milhões, renovável trimestralmente, de modo não cumulativo ao longo do exercício de 2020;
 - Introdução da taxa de custódia sobre o excesso de liquidez dos bancos comerciais junto do BNA;
 - Direcção da política monetária para a redução da inflação, o que concorrerá para a redução do custo de endividamento, ou seja, taxas de juro mais baixas e mais recursos disponíveis para apoiar o sector privado da economia;
 - Implementação da plataforma electrónica Bloomberg (FXGO) em 01 de Abril de 2020, através da qual os leilões do BNA são realizados, bem como a negociação directa das operações cambiais entre, por um lado, as empresas petrolíferas, diamantíferas e o Tesouro Nacional e, por outro lado, os bancos comerciais;
 - Início de leilões de operações cambiais a prazo;
 - Eliminação do licenciamento da maioria das operações cambiais e a dispensa da entrega de documentos justificativos para a compra de moeda estrangeira pelos particulares nas suas operações de invisíveis correntes;
 - O ajustamento do mercado cambial, que é um catalisador importante para a dinamização da produção nacional e nesta perspectiva um impulsionador para o aumento do crédito ao sector produtivo.

2. Maior dinamização de crédito em Angola:

- Orientação aos bancos comerciais para concessão de crédito à economia até ao montante mínimo de 2,5% do seu activo líquido, o que corresponde à liberação para a economia de um montante mínimo equivalente a 178,032 mil milhões de Kwanzas para financiar 460 projectos até Dezembro de 2021 (Aviso nº 10/2020);
- Estabelecimento de um tecto máximo de 7,5% para o custo total de crédito para as empresas que actuem em sectores de apoio as cadeias produtivas de 54 produtos da cesta básica dos angolanos (Aviso nº 04/2019);
- Alargamento da concessão de crédito, com dedução nas reservas obrigatórias, para os 54 produtos do PRODESI, assim como o número mínimo de operações de crédito a conceder por banco;
- Eliminação do requisito obrigatório de contas certificadas e de estudo de viabilidade para crédito à Pequenas e Médias Empresas;
- Determinação de prazos para comunicar ao cliente a decisão de crédito (Aviso nº 10/2020);
- A regulamentação que permite a criação de Centrais Privadas de Informação de Crédito;
- Expansão da cobertura da Central de Risco de Crédito (CIRC) em cerca de 10% e melhorias do seu funcionamento a nível do reporte ao Banco Nacional de Angola sobre informação financeira, contabilística e de risco referente à responsabilidades de crédito, efectivas e potenciais, decorrentes das operações de crédito assumidas por mutuários, avalistas e garantes, bem como o acesso tempestivo a essa informação por via do Portal do Consumidor do Banco Nacional de Angola (Instrutivo nº 05/2021 de 26 de Fevereiro).

3. Facilitação das importações de bens da primeira necessidade:

- Isenção temporária dos limites de pagamento por instrumento para importação de bens da cesta básica alimentar e medicamentos e material de biossegurança;
- Delegação aos bancos comerciais o licenciamento de todos os contratos de prestação de serviços, permitindo maior dinamismo nos processos e contratação das empresas no exterior pelas empresas nacionais;

4. Protecção da estabilidade do sistema financeiro:

- Suspensão e prorrogação do período de reporte de informação obrigatória ao BNA através do Portal das Instituições Financeiras (PIF);
- Introdução de medida de transição para o reconhecimento das perdas de imparidades para os títulos de dívida pública para fins prudências;
- Realização de teste de esforço “bottom-up” pelos bancos, para avaliação do impacto do novo coronavírus e da redução do preço do petróleo nos seus balanços, bem como a preparação e envio dos planos de acção de mitigação dos respectivos impactos;
- Notificação às instituições bancárias para a activação dos seus planos de contingência e de continuidade de negócio;
- Flexibilidade no cumprimento das obrigações de crédito, introduzindo a possibilidade de moratória de 60 (sessenta) dias para cumprimento das responsabilidades creditícias que não poderiam ser atendidas devido à situação da pandemia;
- Aprovação das seguintes Leis: Regime Geral das Instituições Financeiras; Lei das Garantias Imobiliárias e Registo das Garantias e; aprovação na generalidade pela Assembleia Nacional da Lei do BNA e da Revisão pontual da Constituição onde se prevê ou consagra a independência do Banco Central.

5. Protecção da estabilidade do sistema de pagamentos:

- Subsídio em 50% do custo de aquisição dos Terminais de Pagamento Automático (TPA) para as microempresas e mercado informal;
- Redução da burocracia e obrigações no processo de aquisição de TPAs para as microempresas e vendedores do mercado informal;
- Redução da taxa de serviço (1%) nas operações de compra de baixo valor com cartões de pagamento para uma taxa fixa de Kz 10 (dez Kwanzas);
- Aumento dos limites nas operações de transferência, pagamento e compra;
- Redução do horário de funcionamento do Sistema de Pagamentos em Tempo Real (SPTR/RTGS) face a redução dos horários de atendimento presencial nas agências bancárias;

- Virtualização dos cartões de pagamento (scheme doméstico - Multicaixa) através da implementação da solução MCX EXPRESS;
- Publicação da Lei N.º 05/20, de 27 de Janeiro, Lei de Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais, do Financiamento do Terrorismo e da Proliferação de Armas de Destrução em Massa (Lei de BC/FT/P).

b) Medidas adoptas no 1.º semestre de 2021:

- Afectação do saldo da conta de reserva dos bancos comerciais a duas contas distintas junto do Banco Nacional de Angola: a conta de reservas obrigatórias e a conta de compensação, sendo que deve ser mantido permanentemente na conta de reservas obrigatórias em moeda nacional, 100% do valor apurado para a semana vigente;
- Introdução de um intervalo de 0,10% a 0,20% para a taxa de custódia em função da magnitude sobre o excesso de liquidez dos bancos comerciais junto do BNA;
- Indexação da taxa de juro da Facilidade Permanente de Cedência de Liquidez a taxa de mercado dos Bilhetes do Tesouro para 91 dias, acrescida de 0,25%;
- Indexação da taxa de juro da facilidade permanente de absorção de liquidez, com maturidade *overnight*, à taxa de custódia aplicável sobre reservas livres mantidas junto do BNA;
- Aumentar o coeficiente das reservas obrigatórias em moeda estrangeira de 17% para 22%, terminando-se a obrigatoriedade de cumprimento parcial em moeda nacional.

Têm existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria (Fintechs). Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o BNA para dar resposta aos desafios tecnológicos?

Face a esta evolução e propósito de contributo que poderá proporcionar o aumento da transparência, eficiência, eficácia, maior comodidade, segurança e supressão dos constrangimentos ligados à mobilidade urbana e acesso aberto e flexível, o Banco Nacional de Angola no âmbito do Sistema de Pagamentos, tem em curso várias iniciativas vocacionadas a dar resposta aos desafios tecnológicos, das quais podemos salientar:

- Publicação da nova Lei 40/20 de 16 de Dezembro;
- Revisão do Aviso sobre a Prestação de Serviços de pagamentos, que visa acomodar grandes e pequenos prestadores, entre os quais as Fintechs, assim como os serviços de informação sobre contas e serviços de iniciação de pagamento no sistema financeiro angolano.
- Criação do Laboratório de Inovação do Sistema de Pagamentos de Angola, LISPA (Incubação e Aceleração de Fintechs, Sandbox regulatório e estudos e pesquisas).
- Implementação do Sistema de Pagamentos em Tempo Real (RTGS) 24/7/365 e do Sistema de Transferências Instantâneas (STI).
- Realização de estudos sobre a moeda Digital de Bancos Central, CBDC.

Quais as principais metas e objectivos traçadas para o BNA para o futuro próximo, designadamente no que respeita ao seu Capital Humano?

No capítulo do capital Humano as principais metas e objectivos do BNA no futuro próximo são:

1. Dotar o BNA de novos quadros qualificados para o reforço das competências para o cumprimento da sua missão;
2. Continuar com o desenvolvimento das competências técnico-profissionais dos trabalhadores e colaboradores, para que possam corresponder, cada vez melhor, às exigências das suas funções;
3. Adoptar políticas de gestão capital humano que assegurem a sua saúde e bem-estar dos trabalhadores e respondam às suas principais expectativas, nos domínios social e profissional;
4. A adopção de práticas que apoiem a implantação duma cultura de *compliance* e inovação.

PRINCIPAIS REALIZAÇÕES:

- Aprovação das novas políticas de gestão e desenvolvimento do capital humano;
- Nova qualificação de funções;
- Realização do Assessment de competências;
- Implementação de uma nova metodologia de gestão de desempenho;
- Implementação de uma nova ferramenta de apoio à gestão do capital humano (Sap Sucess factor);
- Implementação do regime remoto e de rotatividade da força de trabalho;
- Adopção em massa, de ferramentas de trabalho colaborativas e a necessária capacitação para o efeito;
- Opção pela modalidade de capacitação *on-line*.

Associação Angolana de Bancos (ABANC)

Mário Nascimento

Presidente



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O surgimento da crise de saúde originada pelo COVID-19 é claramente o marco de 2020, e do primeiro semestre de 2021. Com a crise do COVID-19 assistiu-se a um agravamento da crise económica e das condições de funcionamento do mercado bancário. Foi necessário o sector adaptar-se às restrições impostas pelo executivo, pelo que desde as primeiras notícias relativas ao surgimento da COVID-19, a ABANC, em colaboração com o Executivo, o regulador e os seus associados, fez sair informação relativa a esta nova pandemia. E comunicou, assim, ao mercado as medidas de protecção dos cidadãos adoptadas pelo sector, com a descrição e os requisitos de biossegurança que teve que adoptar. Internamente, também fomos obrigados a tomar medidas para fazer face a esta nova realidade, foi necessário reorganizarmos a forma de trabalhar, com a adopção do regime de teletrabalho, a adopção da comunicação e da realização de eventos via plataformas digitais, com os nossos associados, os reguladores, e todos os stakeholders.

Outro desafio que marca 2020 e o primeiro semestre de 2021, é a produção de diversa regulamentação por parte do BNA, que trouxe mais pressão sobre a actividade bancária, nomeadamente, as matérias relativas a Supervisão Bancária, Reporte de Informação ao supervisor, matérias sobre as regras e procedimentos do mercado cambial, a regulamentação sobre o financiamento ao sector real da economia, as matérias de preparação do sector ao SREP (ICAAP/ILAAP), e a nova lei das instituições financeiras, agora designada Regime Geral das Instituições Financeiras. Em todas estas matérias, a ABANC foi um interveniente activo, participando nas consultas públicas, e actuando em diversas ocasiões, sob mandato dos associados, na discussão das matérias com o regulador, ou ainda com

a Autoridade Fiscal, quando as matérias fossem de natureza tributária.

Têm existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria (Fintechs). Face a esta evolução, de que forma vê a Banca nacional a dar resposta aos desafios tecnológicos?

A banca em Angola já está fortemente comprometida com a digitalização, pois estes avanços têm permitido a banca alargar os seus canais de distribuição e comercialização, e, simultaneamente, têm permitido aos bancos diminuir custos e reorganizarem os seus procedimentos e processos, tornando-os mais eficientes. Os avanços a que assistimos, e que têm permitido o surgimento de fintechs, poderão ser mais um instrumento de inclusão financeira e de aumento da oferta de produtos e serviços, que irão, com certeza, contribuir de forma relevante para o aumento da bancarização e da modernização do nosso sistema financeiro. As fintechs, das quais as ligadas aos pagamentos móveis, preparam-se para iniciar a sua operação no nosso mercado, e verificamos que os bancos, à semelhança dos provedores de serviços de comunicação, são seus parceiros estratégicos, e não concorrentes, pelo que o seu surgimento vem complementar a oferta de produtos financeiros, ali onde a banca não chega ou não é seu espaço de actuação.

Quais as principais metas e objectivos traçadas para a ABANC para o futuro próximo?

Os objectivos da ABANC para o futuro próximo são, essencialmente, os que decorrem do cumprimento do mandato desta direcção, dos quais destaco a aprovação dos novos Estatutos da ABANC, que permitirão avançar para a reorganização interna da ABANC e o reforço da comunicação e relações institucionais com os nossos associados. Adicionado ao anterior e, externamente, os objectivos passam pelo reforço das relações institucionais com os nossos stakeholders, por forma a que possamos contribuir para a modernização do sistema financeiro angolano e para a solidez das nossas instituições. E ainda contribuir para o processo de diversificação de economia e de financiamento da economia real, pelo que iremos, com certeza, continuar a ser activos no processo de SREP.

Empresa Interbancária de Serviços (EMIS)

José Matos

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O ano de 2020 ficou marcado pelo surgimento da pandemia da COVID-19, que obrigou à declaração do estado de excepção. Entretanto, as características pandémicas permitiram consolidar o canal MULTICAIXA *Express*, oferecendo ao mercado uma alternativa para a aquisição de bem e serviços, contribuindo para o cumprimento das medidas de prevenção contra a proliferação da doença. O MULTICAIXA *Express* continua a inovar no sentido de melhorar a experiência de utilização do canal, o que permitiu o crescimento para a mais de 600 mil utilizadores efectivos e um volume transaccional superior a 28 milhões de operações por mês. Por outro lado, o ano de 2020 ficou ainda marcado com a decisão do BNA em encarregar a EMIS da implementação, e da operação, do STI – o novo Sistema de Transferências Instantâneas, que pretende dotar o mercado de uma solução de prestação de serviços financeiros em linha com a tendência mundial, assegurando a interoperabilidade entre operadores de pagamentos bancários, e não bancários, abrindo assim a possibilidade para o surgimento de serviços de pagamentos interoperáveis para a população não bancarizada. O ano de 2020 fica ainda marcado com a implementação de um *Gateway* de Pagamentos *Online*, com o objectivo de potenciar o comércio electrónico doméstico.

Têm existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria (Fintechs). Face a esta evolução, de que forma vê a Banca nacional a dar resposta aos desafios tecnológicos?

A EMIS foi criada pelos bancos comerciais angolanos, com o propósito de desenvolver ferramentas, e soluções que permitam aos bancos participados disponibilizar produtos e serviços aos seus clientes. A EMIS dá resposta ao desafio da dependência tecnológica com a implementação de soluções que acautelem o crescimento transaccional, ao mesmo tempo que garante que esse crescimento seja feito com segurança e qualidade. Nesse sentido, a EMIS está a implementar um plano de reforço de capacidade e resiliência. O culminar desse desafio passa pela substituição e modernização da infra-estrutura de IT, e a implementação de um novo modelo de funcionamento do sistema, para suportar a continuidade da operação em cenário de desastre.

Quais as principais metas e objectivos traçados para a EMIS para o futuro próximo, designadamente no que respeita ao seu Capital Humano?

As empresas tecnológicas como a EMIS vivem o desafio de encontrar recursos qualificados no mercado nacional. É a única maneira de reduzir a necessidade de procurar os recursos nos mercados internacionais e, desta forma, acautelar a exposição à custos em moeda estrangeira. A principal estratégia tem passado pelo recrutamento de potenciais talentos numa fase intermédia do seu processo de formação académica, através da atribuição de bolsas de estudo e um acompanhamento do desenvolvimento dos mesmos. Finda a formação, os recursos são alocados às áreas de especialidade para formação profissional e estágios. A EMIS tem conseguido alguns resultados, mas ainda incipientes e que justifiquem a redução da dependência de aquisição de serviços externos.

RECREDIT

Valter Barros

Presidente do Conselho de Administração



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Para o ano de 2020, aprovamos um Plano de Actividade e um Orçamento ambicioso que nos pareceu realista, na altura, tendo-se revelado totalmente desajustado, depois de em Março de 2020 ter sido declarado o estado de emergência, com todas as restrições que a actividade económica passou a ter em Angola e no mundo, tendo impactado na vida das empresas de uma maneira geral e por conseguinte, também naquelas que integram a carteira de crédito da RECREDIT.

Ainda na sequência dos desafios causados pela pandemia do COVID-19, tivemos que reduzir consideravelmente a presença de colaboradores nas nossas instalações, implementando sistemas de cobrança à distancia, reduzimos significativamente as visitas aos activos propostos para dação em cumprimento, não podendo efectuar as avaliações dos mesmos, confrontamo-nos com a redução da actividade de uma série de serviços públicos, nomeadamente cartórios, conservatória de registo predial e do registo comercial, tribunais, etc.

Por outro lado, salientou-se uma redução da liquidez em muitas empresas devedoras da RECREDIT, como resultado da fraca actividade económica e, conseqüentemente, implicou um atraso no processo de negociações dos acordos de pagamento, face as incertezas em relação ao futuro.

Ao nível do Capital Humano, tivemos um cuidado particular com o acompanhamento das nossas equipas, introduzindo uma série de medidas de biossegurança nas nossas instalações, testagens periódicas de todos os nossos colaboradores e apoio àqueles que testaram positivo e as suas respectivas famílias.

Criamos condições para que todos os colaboradores da empresa pudessem trabalhar em *home office*, sempre que permaneceram em casa.

Adotamos um novo modelo de gestão com a introdução de equipas de recuperação, com objectivos bem definidos e mensuráveis.

Na sequência das alterações efectuadas e como resultado da conjugação do talento e do esforço das nossas equipas, passados 3 anos de existência da Empresa, em Maio de 2020 registamos a primeira entrada de recursos provenientes da recuperação de crédito mal parado.

Em Junho de 2020 adquirimos a segunda carteira de crédito do BPC, avaliada em 950 mil milhões de Kwanzas, com um *haircut* de 94%. Tendo a actividade de recuperação de crédito ganho uma nova dinâmica.

Em Maio do presente ano, iniciou funções o Comité de Estratégia e Monitorização da Recredit, órgão colegial dirigido por S. Excia. Sra. Ministra das Finanças, onde se aprovou os limites de negociação para o Conselho de Administração. O que veio permitir que se celebrassem vários acordos em carteira. Até ao fim do primeiro semestre do ano, recuperamos aproximadamente 10 mil milhões de Kwanzas e perspectivamos até ao final do ano aumentar significativamente este valor.

A actividade operacional da Recredit, e os desafios e exigências a ela inerentes, foi redimensionada nos últimos 12 meses como resultado da concretização de operações relevantes de aquisição de activos. Nesse contexto, e no quadro dos avanços tecnológicos com que a indústria financeira se depara, de que forma se está a posicionar a Instituição para dar resposta a esses novos desafios, em particular de natureza tecnológica?

Como disse, em Junho de 2020 assinamos o contrato com o BPC para a aquisição da segunda da carteira de crédito, tendo resultado num crescimento de carteira sob gestão da RECCREDIT em 319%. A transferência dos processos de crédito do BPC para a RECCREDIT tem sido mais demorada do que inicialmente previsto, estando até ao momento concluída em cerca 95%. Fizemos um trabalho exaustivo de segmentação da carteira de acordo com o volume da dívida, empresas com actividade e empresas sem actividade, sector de actividade, avaliação da qualidade das garantias, etc.

Aumentamos as equipas de recuperação, investimos na formação das equipas, contratamos um consultor com vasta experiência em recuperação de crédito, que tem acompanhado o trabalho das equipas de recuperação.

Investimos num *software*, um CRM adaptado à gestão de crédito malparado que permite gerar o ficheiro para a Central de Informação de Risco de Crédito (CIRC), para a uso das nossas equipas de recuperação e dos gestores da empresa, depois da parametrização e dos testes, estamos agora na fase de carregamento da informação. Acreditamos com a entrada em produção deste *software* teremos ganhos de eficiência significativos no trabalho das equipas de recuperação.

Está em curso o concurso para a aquisição de um *software* para a gestão de activos imobiliários que será utilizado pelo Departamento de Gestão de Activos que tem a responsabilidade de cuidar e pôr no mercado todos os activos que a RECCREDIT recebe em dação em pagamento.

O processo de transferência destes activos para carteira da RECCREDIT tem sido muito lento devido a precariedade dos registos em nome dos proprietários. Não poucas vezes, tem de ser a RECCREDIT a ajudar os proprietários a concluir o processo de registo destes activos.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais de contacto com os diversos interlocutores da Instituição e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas da Recredit e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores?

O controlo dos custos operacionais e a gestão dos riscos inerentes ao negócio da RECCREDIT requerem sistemas de controlos adequados. O investimento em políticas de *Corporate Governance* e na transformação digital é imperioso para que a missão da RECCREDIT seja cumprida com maior eficiência e que a empresa seja sustentável ao longo dos anos.

No ano e meio decorrido, tivemos realizações extraordinárias, pusemos a RECCREDIT a funcionar como uma verdadeira empresa de recuperação de crédito, iniciamos o processo de recuperação efectiva, privilegiamos a negociação extra judicial mas quando não foi possível, a nossa área de contencioso desencadeou os primeiros processos para tratamento pela via judicial, estamos também numa fase avançada da digitalização de todos processos de crédito que serão tratados pelo CRM.

Olhando para o futuro, temos consciência que muito ainda há a fazer, os investimentos na transformação digital, continuação do investimento na formação técnica e comportamental dos nossos colaboradores, na terceirização de alguns serviços de recuperação de créditos de menor valor que representam um número elevado de créditos da carteira da RECCREDIT, na avaliação da possibilidade de estabelecimento de protocolos com os órgãos de justiça de maneira a tornar mais célere os processos tratados pela via judicial, são temas que nos preocupam e teremos de dedicar atenção e tempo, se pretendemos aumentar a eficiência operacional da RECCREDIT, reduzir custos, aumentar a taxa de recuperação e no final, devolver ao tesouro nacional um valor acima da meta que nos foi colocada pelo accionista.

Banco Angolano de Investimentos

Luís Lélis

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O difícil cenário económico de 2020 foi sobretudo caracterizado pelos impactos da situação da pandemia da COVID-19 e pelo *downgrade* do *rating* soberano, que geraram enormes desafios para o sector.

Este ambiente adverso impôs ao BAI uma descida de 76% do resultado líquido do exercício para 29 mil milhões de kwanzas, equivalentes a um retorno dos capitais próprios de 9,7%, com uma rentabilidade do activo de 1,0% e com um rácio de solvabilidade regulamentar de 17,02%.

O maior desafio do Banco foi a gestão activa da biossegurança associada aos nossos mais de 2000 colaboradores e aos clientes por eles servidos, onde a saúde destes e seus familiares foi sempre o mais importante.

De forma geral, a gestão de crise permitiu níveis de eficiência e proximidade satisfatórios, mantendo os serviços com altos padrões de qualidade, o que foi confirmado pelo mercado em 2020: o BAI foi reconhecido por entidades independentes como sendo o Banco mais seguro em Angola, o Banco com o maior índice de satisfação e, já em 2021, o Melhor Banco em Angola, pela revista Global Finance (EUA).

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

No âmbito do último plano estratégico adoptado (2016-2021) pelo banco, realizaram-se fortes investimentos nas áreas das tecnologias e serviços personalizados para os clientes. Estes investimentos e programas de actuação, permitem-nos ter um conhecimento global dos perfis de clientes bancários em Angola e das suas necessidades e, em decorrência, priorizar os investimentos nestas novas tendências.

Contudo, temos a noção que nem sempre as tendências que conhecemos de outros países são directamente aplicáveis à realidade angolana. Por exemplo, quando falamos em *digital experience*, temos de ter a perspectiva que mais de metade da população não tem *smartphone*, e que, mesmo tendo acesso a um equipamento desta gama, a possibilidade de aceder a dados móveis de internet mostra-se desafiante.

Como soluções, podemos falar do nosso programa de Wi-fi grátis nas nossas Agências bancárias para clientes; a disponibilização do *app* BAI Directo livre de custos; a oferta de um serviço é-Kwanza de *mobile Money*, onde se pode aceder de forma livre de custos, fazer transacções livres de taxas e transferir dinheiro no território nacional de forma muito económica, eficiente e segura.

Temos também apostado em ter melhores informações sobre os nossos clientes, para oferecer soluções personalizadas às suas necessidades financeiras. O recurso a soluções de *analytics*, por exemplo, tem-nos ajudado a identificar as melhores localizações para instalar ATM Center, onde a dispensação de valores é o serviço com maior procura, em zonas com carências de serviços bancários.

Dito por outras palavras: o digital tem-nos ajudado a otimizar o físico, mas com base numa visão global da realidade, que deve conjugar adaptabilidade e inovação.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

A COVID-19 estimulou ainda mais a utilização das nossas plataformas e canais de atendimento digital e remotos, não apenas para assegurar a relação, mas sobretudo para garantir as transacções, com resultados muito positivos e encorajadores.

Ao nível dos colaboradores, conseguimos níveis satisfatórios de envolvimento e acompanhamento das comunicações do banco e interacções com clientes, o que nos deixou confiantes de que a transformação digital no nosso caso já é uma realidade.

A nossa actual proposta de bancarização e aumento da literacia financeira passa pelo contínuo aperfeiçoamento dos nossos canais electrónicos e digitais (ATM Centres, BAI DIRECTO), com ênfase na simplificação e melhor experiência, assim como pela expansão dos parceiros de negócios locais, com o fito de melhor aproximação às comunidades (Agente Bancário BAI).

Banco BAI Micro Finanças

Serafina Marisa Azevedo

Administradora Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

As exigências do regulador a nível da regulação e supervisão, bem como das melhores práticas internacionais, obrigou o banco a rever o seu posicionamento estratégico e estrutura organizacional, assim como a investir, essencialmente, no capital humano, na criação e melhoria de processos e na estrutura de suporte, nomeadamente sistemas e tecnologias de informação. Tal facto, tem dotado o banco de melhor capacidade de resposta nas áreas de controlo, suporte e negócio, destacando-se as subáreas de Auditoria, Compliance e Gestão de Risco. Contudo, acreditamos que o maior desafio do banco desde de 2020 tem sido a contínua retração da actividade económica nacional, na sequencia da redução das receitas de petróleo, agravada pelas medidas restritivas impostas para combater a pandemia da COVID-19. A redução das receitas do Estado e por conseguinte a da sua capacidade de realizar despesas de investimento, aliado ao evento do aumento considerável da inflação, incluindo a desvalorização da moeda kwanza, provocou a degradação do ambiente económico. A prolongada e agravada crise económica teve ainda impacto naturalmente adverso nas duas margens de lucro do BMF. A actividade de financiamento da economia ficou prejudicada quer do lado do passivo, com o aumento da necessidade transaccional e precaucionaria da moeda, como do lado do activo, com a degradação do ambiente de concessão de crédito, face a elevada taxa de juros, reduzida oportunidade de negócios rentáveis e aumento da inadimplência. Relativamente a margem complementar, em 2020, o BMF teve um desempenho naturalmente abaixo do esperado, tendo, contudo, beneficiado no processo de reavaliação face a desvalorização da moeda nacional.

De realçar que as dificuldades financeiras do estado angolano e a respectiva redução do seu *rating* de crédito, levou a uma alteração do nível de imparidade dos seus instrumentos de captação de liquidez, com impacto bastante adverso para o BMF.

O BMF foi expedito em detectar o risco imposto pela prolongada crise económica, mas foi, contudo, apanhado de surpresa no surgimento da pandemia de COVID-19. O banco reagiu: Alocando os seus recursos maioritariamente em activos de menor risco, tais como os títulos da dívida publica; Afinando os critérios de concessão de crédito; Reestruturando os créditos quer em estado vencido como em risco de incumprimento; Melhorando a eficiência dos métodos de recuperação de crédito; Melhorando e actualizando os cálculos de imparidade, inclusive, para os títulos do estado; Melhorando a eficiência operacional via, melhorias de processos.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

O BMF está ciente que o sucesso de um banco depende cada vez mais da combinação de uma estratégia de negócio e de utilização de ferramentas tecnológicas que possam permitir agilidade organizacional, escalabilidade, estabilidade e opcionalidade. O BMF tem explorado a interação com o banco BAI (casa mãe) no plano tecnológico e prepara-se para intensificar esta colaboração com vista a melhoria e modernização do seu Legacy Core System, com enfoque na facilidade de interação e de actualização, fiabilidade de registos, capacidade de armazenamento, celeridade de processamento e segurança cibernética das estruturas físicas e virtuais de suporte ao negocio, com desenvolvimento e introdução de novas tecnologias capazes de melhorar a arquitetura de segurança e conferir mais conforto aos clientes, sobretudo, no que tange a segurança física, cibernética de pessoas, sistemas e dispositivos, ferramentas tecnológicas de suporte e controlo da actividade do Banco, com melhor capacidade para: recolha e armazenamento de dados; acompanhamento, monitorização e controlo; automatização de processos; partilha e reporte tempestivo. Refira-se que, o BMF tem explorado a parceria de grupo na operacionalização e expansão do serviço E- kwanza. Adicionalmente, o BMF deu início ao processo de desenvolvimento de uma banca eletrónica moderna e mais adequada ao segmento de microfinanças em que se encontra inserido.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

A adopção de plataformas digitais para interacção com os clientes e de automatismos que promovem a eficiência operacional, será feita de acordo com um plano estratégico previamente elaborado e terá impacto na estrutura do BMF, por via da reorganização e apetrecho das unidades de estrutura e de apoio; redução dos canais físicos de distribuição (agencias, balcões e postos de atendimentos); aumento no curto prazo do custo com a aquisição de novas ferramentas tecnológicas (hardware e software); aumento de custos no CP com capacitação e contratação de pessoal especializado; e redução da força de trabalho. Relativamente ao apoio dos colaboradores, o BMF irá proporcionar formação continua e capacitação *'on job'*, não apenas nas áreas específicas de intervenção, mas também em áreas afins e de interesse para ambas as partes. Paralelamente, o Banco está na disposição de investir para adquirir plataformas digitais *'use-friendly'* e desta feita, facilitar a interceção do colaborador com as ferramentas. No que concerne ao papel das áreas comerciais, estamos cientes do enorme desafio que têm pela frente, quer, no domínio de novas ferramentas tecnológicas de trabalho, bem como, no relacionamento/interacção com os clientes (via plataformas informáticas próprias e/ou redes sociais). A área comercial deverá ser capaz de interagir com os clientes (potenciais e/ou existentes), suscitar confiança, gerar empatias e disponibilizar produtos e serviços úteis aos mesmos. A área comercial deverá, ainda, ser capaz de ministrar formação específica e direccionada para os clientes de microfinanças (potenciais e existentes) presencial e/ou on-line, munindo-lhes de capacidade para realizar operações bancárias.

Banco Comercial do Huambo

Natalino Bastos Lavrador

Presidente do Conselho de Administração



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Desde o início do ano passado até ao momento presente, vivemos ainda os impactos da pandemia do COVID-19 que continua a afectar o crescimento económico do País e, por consequência, o volume de negócios do sector bancário. Naturalmente, o grande desafio do País é voltar a ter um crescimento económico sustentável. As perspectivas da maior parte das agências internacionais apontam para uma ligeira recuperação económica. Contudo, a queda de produção do petróleo e da actividade empresarial, bem como, as políticas restritivas impostas para controlar a inflação, podem afectar a recuperação económica para níveis mais sólidos e sustentáveis.

Ao nível do sector bancário, presenciamos um período com grandes desafios. Por um lado, a forte exigência ao nível regulamentar do banco central, tais como a Gestão de riscos, Auditoria e Compliance, que certamente aumentará os custos operacionais e afectará negativamente os resultados dos bancos e, por outro lado, o aumento de alguns riscos, em particular, risco de crédito.

O banco tem adoptado medidas para se ajustar em conformidade à regulamentação exigida pelo Banco Central e, também, ajustar a sua actuação no mercado para continuar a ter um crescimento sustentado.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

De facto, esta crise pandémica veio acelerar a utilização de tecnologias mais avançadas, que naturalmente, o Banco está encontrar soluções para ir ao encontro desta tendência no futuro (Mobile Banking, Transferências por telefone, débitos directos etc).

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

O banco tem conseguido adaptar as novas plataformas digitais para interagir com os seus clientes e fornecedores com relativo sucesso. Estamos ainda num processo de ajustamento, e o grande enfoque do Banco será o de reforçar a formação aos seus colaboradores, em especial, os colaboradores das áreas comerciais.

Banco Crédito do Sul

Rafael Kapose

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Em 2020, em tempos de súbita incerteza e adversidade, o Banco BCS foi ágil na resposta aos desafios que se colocaram, redefinindo prontamente as prioridades de atuação: proteger colaboradores e clientes, defender a qualidade do balanço e a solvabilidade do Banco. Adaptando, assim, modelos e processos de negócio à nova normalidade, preservando a continuidade do negócio e contribuindo, activamente, no apoio à economia nacional, nomeadamente através do suporte financeiro autorizando moratórias no pagamento de juros e capital de operações de crédito de empresas e particulares, e aderindo às iniciativas governamentais para apoio ao sector produtivo, através de linhas de financiamento bancário bonificado.

Foi assim que, em tempo recorde, colocámos os nossos Colaboradores em teletrabalho, reformulámos o atendimento nos Centros, tornando-o mais seguro, dinâmico e preservando a sua operacionalidade, ajustámo-nos para corresponder ao maior afluxo de transacionalidade digital por parte dos Clientes.

Por último o Banco definiu um Plano Estratégico e de Negócios robusto e coerente com a visão dos Accionistas e Administradores para o período de 2021 a 2025, assente em cinco eixos estratégicos nomeadamente:

1. Reforçar o posicionamento de Banca Privada e Corporativa;
2. Promover o crescimento do negócio focando na fidelização de clientes e na criação de valor;
3. Apostar no Capital Humano como pilar do futuro;
4. Acompanhar a evolução regulamentar e a efectividade do controlo interno e *compliance*;
5. Acelerar a transformação digital e colocar a inovação no centro do negócio.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

Face à mudança e evolução frenética da indústria bancária, visamos acelerar a transformação digital e colocar a inovação no centro do negócio como um dos pilares estratégicos traçados para o período 2021-2025.

Nesse sentido, o Banco tem vindo a desenvolver parcerias estratégicas que fortalecem estas competências e que incluem a liderança na digitalização, na oferta de soluções centradas em dispositivos móveis, na capacidade analítica de informação, no desenvolvimento de soluções comerciais que acompanhem o desenvolvimento de necessidades por parte dos clientes, complementados por um Balanço sólido e uma rigorosa alocação de capital. Sempre definidos por uma estrutura de governação robusta, continuando o esforço de redução do risco e de enfoque acrescido em negócios de valor acrescentado, mas mantendo o ADN que nos caracteriza.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adoção de plataformas digitais para interação com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

O Digital e o *Mobile Banking* determinam a reinvenção da indústria Bancária. Impulsionada pela crescente adoção de novas tecnologias e pelas mudanças no comportamento dos clientes, a experiência bancária está a ser completamente redesenhada ao longo de toda a sua cadeia de valor, tendo em consideração as melhores práticas nacionais e internacionais de *Compliance* e de internet and *Cyber Security*. Pelo que ambicionar uma expressiva transformação da experiência de interação dos clientes e a obtenção de ganhos de produtividade em todas as áreas do Banco, realçando o cariz inovador do BCS, é uma realidade.

Acreditamos que podemos transformar a experiência dos clientes a vários níveis, salientando entre outros:

1. Disponibilização dos serviços bancários de uma forma mais conveniente do que nunca. O acesso digital a conta permite uma disponibilidade generalizada e ininterrupta de forma simples, intuitiva e transparente com base num design adequadamente estudado e que seja consistente e integrado nas diversas aplicações;
2. A segurança assume uma relevância cada vez maior, exigindo uma gestão responsável dos dados e das informações pessoais e uma prevenção de fraudes ainda melhor;
3. Os serviços bancários móveis e digitais permitem a democratização da oferta bancária potenciando o negócio do *Private Banking*;
4. O digital/mobile está a expandir os limites da experiência bancária dos clientes e a transformar o modo de relacionamento e interação.

A Expansão física da rede deverá continuar ajustada ao ritmo económico do país, continuando a permitir que os clientes tenham o conforto de uma interação pessoal, especialmente para as necessidades complexas e aconselhamento pessoal. Em paralelo, desenvolveremos as competências de serviços remotos, adaptando o modelo ao comportamento e às preferências dos clientes, promovendo interações móveis “a qualquer hora e em qualquer lugar”

A formação dos nossos colaboradores é vista como a chave para o sucesso, garantindo a referida agilidade e qualidade na criação, detecção de produtos, serviços e no atendimento dos clientes.

Estamos a construir um Banco Responsável focado nos valores essenciais à qualidade dos serviços financeiros que prestamos, a confiança, a agilidade, a proximidade, a simplicidade e a solidez financeira com o firme propósito de prestar um serviço de excelência a todos aqueles que depositam a sua confiança em nós.

Banco de Fomento Angola

Luís Gonçalves

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Eu destacaria 3 desafios: pandemia, contexto macroeconómico e quadro regulatório:

1) É inquestionável que a pandemia da COVID-19 marcou a agenda política e económica a nível mundial, tendo introduzido uma complexidade acrescida para os governos, famílias e empresas. O BFA não foi excepção.

Face as medidas implementadas pelas autoridades angolanas para conter a propagação da COVID-19, tivemos que adequar a nossa estrutura organizativa e funcional ao novo contexto, para garantir a manutenção da operação do Banco e um nível adequado de qualidade dos serviços aos nossos Clientes. Para que pudéssemos ser bem-sucedidos, foi necessário adoptar novas regras, dentre as quais destaco as seguintes: regime de turnos, teletrabalho, a acomodação dos nossos sistemas e processos internos e os procedimentos de biossegurança, indispensáveis à protecção dos nossos Colaboradores e suas Famílias e dos nossos Clientes;

2) 2020, voltou a ser um ano de crescimento negativo. O PIB registou uma redução na ordem dos 5% face a 2019; o Kwanza manteve a sua tendência de desvalorização, o que a somar aos últimos 3 anos, resulta numa depreciação acumulada de mais de 100%; Os preços continuaram a subir, tendo a taxa de inflação se fixado perto dos 25%, o que resultou numa degradação do poder de compra das famílias e das empresas;

3) Continuamos a assistir a uma forte revisão da regulamentação do sistema financeiro angolano, com a entrada em vigor de vários avisos, instrutivos e directivas, que vieram elevar a complexidade e imprevisibilidade na gestão das instituições financeiras.

Perante um quadro tão adverso, que exigiu uma grande capacidade de resiliência e adaptação, o reforço e o desenvolvimento do nosso Capital Humano, quer por via da formação ou do fortalecimento da nossa cultura organizacional, foram e continuam a ser vitais para garantir a importância e relevância do Banco na vida dos nossos Clientes e no sistema financeiro angolano.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

A aposta na digitalização e transformação tecnológica são vitais para o desenvolvimento e competitividade do Banco.

Os desenvolvimentos tecnológicos, seja ao nível dos processos ou por via da adopção de canais alternativos de relacionamento com os Clientes, que complementem ou substituam o formato presencial, permitir-nos-ão melhorar significativamente a experiência que as nossas equipas e Clientes sentem na sua interacção com o Banco.

Nesta vertente estamos a desenvolver várias iniciativas que vão desde a melhoria da nossa infra-estrutura informática, nomeadamente a evolução do core bancário, substituição de equipamento, implementação de uma arquitectura informática mais orientada para serviços e desenvolvimento de novas soluções de gestão e acompanhamento dos nossos Clientes. É nossa expectativa que até ao final do ano muitas delas estejam concluídas, tornando o Banco mais ágil na sua capacidade de resposta.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

O contexto macroeconómico que enfrentamos nos últimos anos, em conjugação com o da pandemia, colocou-nos perante um desafio que nos fez acelerar o processo de adopção da transformação digital.

O Banco, perante este cenário, implementou um conjunto de iniciativas tecnológicas que numa primeira fase nos permitiram ser uma organização com maior capacidade de mobilidade, agilidade e flexibilidade e, desta forma, oferecer aos nossos Clientes um conjunto de produtos e serviços e um acompanhamento comercial mais digital.

Após esta primeira etapa, foi determinante definirmos um plano estratégico de sistemas de informação alinhado com o do Banco que, para além de consolidar as iniciativas referidas anteriormente, vai permitir elevar a nossa instituição para um patamar de excelência a nível digital.

Este novo normal, com uma vertente fortemente alicerçada em tecnologia, lança-nos para desafios nunca antes enfrentados ao nível da gestão e desenvolvimento das nossas pessoas.

Novos modelos e novos contextos de trabalho demandam, igualmente, uma abordagem de gestão de capital humano disruptiva, que fomente o aparecimento de novas profissões, competências e espaços de trabalho que se coadunem com esta mudança de paradigma.

Acredito que, evidentemente, o contexto que vivenciamos e as acções já implementadas ou em curso irão transformar-nos, seguramente, numa organização mais preparada para abraçar os desafios actuais e os do futuro.

Banco BIC

Hugo Teles

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

De uma forma geral, o ano de 2021 não tem sido fácil para a Banca em Angola. Desde a redução do poder de compra dos particulares, à conseqüente redução de negócio das empresas. O Banco BIC tem apostado na concessão de crédito ao sector produtivo.

Por outro lado, 2021 é um ano de forte investimento em sistemas avançados nas áreas de *compliance* e de operações.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

A evolução tecnológica é uma realidade, o Banco BIC é um banco jovem e inovador, assim sendo, também nós temos investido em novas plataformas, seja no melhoramento dos softwares de avaliação de risco, contabilidade, workflow de crédito, workflow de processos, a nível do *compliance* a gestão e análise de dados, seja na compilação da informação, mas também na análise da mesma. Toda esta evolução tecnológica permite ter uma visão mais abrangente de toda a estrutura do banco, nomeadamente no que toca ao planeamento futuro. Por outro lado, as plataformas digitais começam a ter uma importância cada vez mais acentuada no negócio, as redes sociais por exemplo, permitem chegar ao cliente onde quer que esteja.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

Penso que a transformação das direcções comerciais é ponto assente. Hoje em dia um “blogger” capacitado tem condições para ser um comercial bancário, desde que se mantenha a proximidade e a confiança. As plataformas digitais estão a alavancar os negócios, o investimento no digital é inevitável. Ainda há muito por fazer neste campo, estamos atentos ao que o mercado disponibiliza no que toca a ferramentas para o negócio digital, seja a nível de plataformas de pagamento, de comunicação, de atendimento e de gestão de imagem. Um dos grandes benefícios do digital é podermos inferir a forma como somos percebidos, bem como os dados estatísticos que disponibiliza. É certamente um tema que o Banco BIC vai continuar a analisar e desenvolver.

Banco de Investimento Rural

Generoso de Almeida

Presidente do Conselho de Administração



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Os últimos 18 meses foram marcados pela situação pandémica a nível mundial, que como não poderia deixar de ser, afectou igualmente Angola e todas as Instituições.

O Banco BIR foi igualmente afectado, obrigando a Instituição e todos os seus colaboradores a uma rápida adaptação, tanto a nível de métodos de trabalho, como de organização da vida pessoal de cada profissional, dada a necessidade de trabalhar a partir de casa. Foi, igualmente, um desafio ter de responder de forma rápida e decisiva a toda a questão de segurança informática, que a mudança de paradigma em termos de trabalho obrigou. Com grande satisfação podemos dizer que o Banco e os seus colaboradores responderam muito positivamente a estas questões.

A outro nível, 2020 foi também desafiante em resultado da forte desvalorização do Kwanza e da política monetária fortemente restritiva que o BNA tem vindo a implementar.

A nível de desvalorização houve a manutenção da tendência de anos anteriores, mas em conjunto com a redução substancial de liquidez no mercado, tornou desafiante a gestão de liquidez do banco.

O BIR reagiu a estes desafios através do reforço da sua política conservadora de gestão de liquidez e crédito, adaptando o seu modelo de governação, através do reforço de competências dos Administradores não executivos e reforço da informação, nomeadamente a nível de CA e Comissão de Risco. Com agrado podemos dizer que este esforço e trabalho foi feito sem que os nossos clientes notassem qualquer alteração, ou degradação, do nível de serviço e compromisso que nos distingue.

Outro desafio relevante, que o banco concluiu com sucesso recentemente e, que muito nos satisfaz em termos de resultados, foi o exercício de ICAAP e ILAAP, que de forma clara, demonstram a solidez da nossa Instituição e do nosso projecto, para além de ter permitido identificar alguns pontos de melhoria, em que as equipas já estão a trabalhar.

Foram, portanto, 18 meses complexos, mas em que a resposta geral – Instituição e Colaboradores, para além dos resultados qualitativos e quantitativos, nos deixaram muito satisfeitos e, nos permitem encarar com redobrado optimismo o resto do ano.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

A revolução digital está presente nos pilares e fundamentos do BIR, constituindo um dos pilares do plano estratégico 2021-2024. Este compromisso é visível pelo esforço financeiro que temos vindo a fazer desde 2018.

Para além dos projectos que temos vindo a desenvolver, estamos nesta fase a desenvolver um projeto com uma *fintech* nacional, para alargamento dos serviços de pagamentos móveis a clientes. Ainda nessa senda, e de forma activa, temos colaborado com a EMIS nos seus projetos tecnológicos, certificando novos serviços que disponibilizamos aos nossos clientes.

Até final do ano contamos ter já em produção novo modelo de negócio com correspondentes bancários, que terá, igualmente, uma forte base tecnológica.

Estamos, portanto, fortemente comprometidos, e a trabalhar para aumentar a nossa exposição virtual, não deixando, no entanto, cair a presença física, que continua a ter um papel importante a desempenhar num mercado como o Angolano.

De referir que todos estes desenvolvimentos e transformação digital, têm sempre presente aspectos de cibersegurança, tema de elevada sensibilidade, e onde o banco tem realizado forte investimento, como o recente acordo com uma empresa especializada nesta matéria, para apoiar o banco e os seus profissionais a garantir o máxima segurança aos clientes na execução das suas operações.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

Os senhores accionistas aprovaram na última Assembleia Geral do banco, o plano de negócios 2021-2024, onde se enquadram 2 pilares:

- a) Reforço de competências digitais;
- b) Mobilização de talento.

Em relação ao primeiro, a gestão tem esta preocupação desde Outubro de 2018, altura em que iniciou funções. É um tema complexo, não só pela revolução, até de mentalidades que é necessário assegurar, mas também pela velocidade a que a transformação digital está a ocorrer. Basta lembrar que o 5G ainda não começou verdadeiramente, e já se fala no 6G.

A este nível, para o BIR é fundamental assegurar a todos os Clientes, acesso a toda a sua oferta, de forma simples, intuitiva, transparente e ininterrupta, no contexto de segurança, para que os Clientes confiem e migrem a sua interacção com o banco para plataformas digitais. Para isso, o banco iniciou no I trimestre um macro-projecto, que levará a uma completa alteração das nossas plataformas de IB e Mobile, para além da implementação de um *contact-center*. Prevemos a implementação até final de 2021, para podermos depois dar sequência, assegurando que as operações são visíveis e completamente rastreáveis pelos clientes, em qualquer fase. Pretendemos adoptar um modelo de total transparência com os nossos clientes, de forma que percebam e acompanhem a evolução dos seus processos.

O banco também tem vindo a adoptar de forma faseada, um modelo de completa digitalização das operações, sendo que as Cambiais foram as primeiras operações a estar totalmente integradas num WF, estando o banco nesta fase a implementar o *On-boarding* de clientes e todos os processos envolvidos.

No segundo aspecto – colaboradores –, a transformação referida, tem seguramente impacto na actividade dos nossos quadros, na forma como se relacionam com os clientes, com os colegas e a nível de ferramentas de trabalho. A este nível, a gestão tem vindo a reforçar as acções de formação, tanto a nível transversal, como formação específica e direccionada.

A gestão definiu no seu plano estratégico um pilar específico a este nível, visando dotar o Capital Humano de maiores *skills* e igualmente reter talento, através de oferta de *package* competitivo, mas mais do que isso, envolvendo estes quadros em termos de compromisso, novas formas de trabalho, oportunidades de progressão e preparação de competências para o futuro.

Os quadros seniores irão ser envolvidos na definição e discussão dos objectivos estratégicos, bem como ter o necessário *empowerment* para a tomada de decisões quotidianas.

Especificamente, os quadros da área comercial terão de adoptar uma postura diferente, interagindo com os clientes através das novas ferramentas que serão disponibilizadas, e evoluindo de uma situação de oferta de produtos previamente desenhados, para uma situação de oferta de produtos *tailor made*, ou seja, terão de conhecer os clientes e as suas necessidades, e abordar os mesmos com uma oferta feita á medida. Não é simples esta mudança, terá de ser gradual, mas acreditamos que o futuro da banca, até para combater as *fintech* que acabarão por chegar ao nosso mercado, é este: transformar a nossa rede em prestadores de aconselhamento financeiro e menos em vendedor de produtos.

Banco Keve

José Pedro de Moraes Júnior

Presidente do Conselho de Administração



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O ano de 2020 ficou, indubitavelmente, marcado pelos efeitos devastadores da pandemia do COVID-19. Este contexto difícil não poupou, obviamente, o nosso país e, conseqüentemente, houve repercussões em todas as IF's nacionais. A economia nacional voltou a registar um declínio na sua actividade, prolongando, por mais um ano, a recessão económica que já afecta o país há cerca de 5 anos. As dificuldades inerentes à queda, combinada dos preços do petróleo e da produção nacional, agudizaram-se com a pandemia do COVID-19 ao longo do ano de 2020. Houve menos negócios a acontecer, houve menos investimento privado, houve mais incerteza e isso impactou, de sobremaneira, nos resultados do Banco.

O sector financeiro mostrou-se extremamente exigente, tanto ao nível do negócio, como no cumprimento das continuadas medidas regulamentares, que fizeram aumentar as responsabilidades dos bancos comerciais e a um esforço financeiro expressivo ao nível das consultorias.

Neste contexto, o Banco continuou a desenvolver a sua actividade e a satisfazer as necessidades dos seus clientes, tendo adoptado medidas de racionalização e controlo de custos, que malgrada a diminuição das margens. Permitiu, ainda assim, fazer face às mutações do negócio bancário num contexto pandémico, priorizando a qualidade e consistência de indicadores como rentabilidade, eficiência, dimensão, alavancagem e solidez.

De referir também, o esforço do banco na mitigação dos riscos associados ao crédito, mantendo o ritmo de reforço de imparidades de crédito, com um registo no último ano de mais 8 mil milhões de kwanzas.

O expressivo montante de créditos em incumprimento, conjugado com a exigência de constituição de competentes imparidades, o elevado esforço de adaptação às novas responsabilidades regulamentares, sem descurar a expansão e inovação do negócio do Banco, concluíram pela aprovação, em Assembleia Geral de Accionistas, de um aumento expressivo do capital social do Banco.

Desde então que o Banco tem prosseguido com todas as diligências necessárias para a efectivação do aumento de capital, operação em apreciação pela entidade reguladora.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

A alteração dos padrões de comportamento dos consumidores, e a cada vez maior exigência de sofisticação tecnológica, que prevalece na indústria bancária, obriga os Bancos a estarem atentos a esta evolução. O futuro da banca, com os padrões que conhecemos em Angola, estará porventura esgotado nos próximos tempos, exigindo um posicionamento célere da banca para este novo paradigma baseado em tecnologia.

O Banco Keve, na perspectiva de tirar o máximo proveito das inovações tecnológicas com aplicabilidade no sector financeiro, tem em curso uma série de projectos que envolvem a sua área de TIC, que assentam nas vertentes, nuvem, mobilidade, redes sociais e análise de grandes dados. Que visam, essencialmente, reduzir custos, tornando a sua gestão mais eficiente, responder e antecipar as necessidades dos clientes, aprofundar a relação e o conhecimento de eventos do seu quotidiano, que impactam no seu negócio, e na gestão particular das suas finanças. A nossa estratégia inclui o reforço dos canais digitais, a migração das transacções baseadas em agências para o uso de pagamentos móveis e internet *banking* e no desenvolvimento de um processo digital incorporando os clientes.

A resposta do Banco Keve aos novos tempos é de actuação e não de expectativa, por forma a atrair a nova geração de clientes e reter os actuais. Neste pressuposto o Banco implementou o seu projecto iKeve, virado para o acesso remoto aos serviços por via do internet *banking* e *mobile banking*, onde, de forma regular, são incluídos upgrades que visam proporcionar aos clientes novas experiências na utilização dos nossos canais, em linha com as vivências sociais e as novas tendências que o mercado impõe.

O Banco tem prestado especial atenção e investido em mecanismos de controlo dos riscos na aplicação das tecnologias

financeiras, pois é ponto assente que a aplicação das novas ferramentas de inovação, e a transformação digital, aporta a reflexão sobre protecção e armazenamento dos dados, enquanto um dos principais activos.

A Banco Keve acompanha a aceleração digital, tendo implementado sistemas robustos para melhoria de processos, como é, por exemplo, o módulo PFS-BPM que faz a gestão documental das operações cambiais desde o pedido do cliente até ao fecho da operação e tem dedicado particular atenção ao expurgo de inconformidades residuais nos distintos cadastros de informação de base, facilitando o reporte de informação ao regulador, como seja o CIRC e a Central de Contas Bancárias.

Acrescem o desenvolvimento e a implementação de uma solução tecnológica integrada de suporte ao cálculo e monitorização de indicadores de risco e reporte prudencial em conformidade com o quadro regulamentar em vigor, execução do exercício de testes de esforço, suporte ao exercício de auto-avaliação da adequação de capital e liquidez interno - ICAAP e ILAAP e reporte interno; criação de um *Dashboard* de Gestão para a construção de mapas de reporte interno de informação, para suporte à tomada de decisão pelas várias direcções do Banco, nomeadamente no contexto do controlo de métricas de risco (KPI's e KRI's), regulamentares e internas, bem como dos respectivos limites e tolerâncias. A ferramenta inclui, não só a automatização do processo de cálculo, mas também a geração dos reportes regulamentares via XML para remessa ao BNA.

Tem também em implementação uma estrutura de sustentabilidade em *Compliance* com os factores *Environmental, Social and Governance* ("ESG").

Atento aos paradigmas do sector e às exigências regulamentares, o Banco avança na implementação urgente de um ambiente de controlo interno, integral e robusto, que permita dar respostas tempestivas e com suficiente qualidade. Garantindo assim a utilização das novas tecnologias digitais, com impacto no modelo de negócio do Banco, na minimização de investimentos em activos fixos, na flexibilização e agilização dos processos de mudança, no estabelecimento de negócios em várias regiões, sem necessidade de presença física.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

Um estudo recente da *Juniper Research* indicava que até 2021 cerca de três mil milhões de utilizadores terão acesso aos serviços bancários, via *smartphones, tablets*, computadores e *smartwatches*.

Esta tendência mundial na utilização de aplicações digitais bancárias obriga a repensar a estratégia de aproximação ao cliente. O cliente é cada dia mais exigente, procurando aceder aos serviços bancários a qualquer hora e em qualquer lugar.

De forma cómoda e fácil, na banca *online* acede-se a uma pluralidade de operações, que vão desde a consulta dos movimentos de conta, transferências, pagamentos de serviços e até a investimentos e *trading*.

A tecnologia tornou-se uma ferramenta imprescindível para incremento da qualidade do serviço ao cliente, pelo que a Administração do Banco Keve, e as áreas comerciais, acompanham a evolução em curso, em garantia de melhores serviços e com elevada qualidade.

Banco Millennium Atlântico

Daniel Santos

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Em 2020 e no primeiro semestre de 2021, estivémos focados na entrega com sucesso do plano estratégico ATLANTICO 2.1 e no lançamento das bases para o próximo ciclo estratégico 2021-2024.

A transformação operada pelo ATLANTICO 2.1, permitiu:

- Duplicar a base de Clientes, alcançando o marco de 2 milhões de Clientes, mais do que duplicando a base de Clientes activos.
- Digitalizar cerca de 50% dos processos core (40% em selfbanking e alta-disponibilidade), no serviço aos Clientes.
- Alcançar 37% de Clientes activos digitais.
- Implementar modelos alternativos de gestão remota de Clientes.
- Reduzir as reclamações por cada mil Clientes para menos de metade.
- Incrementar os índices de eficiência operacional (Cost-to-income de 45%).

- Reforçar o ecossistema de parcerias, consolidando relações com uma rede de correspondentes presente em 4 continentes e contratando linhas de financiamento junto de entidades multi-laterais, que nos permitem continuar a ser um parceiro relevante no apoio à diversificação da economia.
- Mobilizar um conjunto relevante de *players* e recursos para a implementação de uma Estratégia de Transformação Social, focada no Conhecimento, no Empreendedorismo e na Saúde e bem-estar.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

A nossa visão para 2024 consiste em “Ser o banco que melhor potencia talento, inovação e informação, para servir Clientes com excelência, maximizando o valor gerado para a Sociedade.”.

Desta forma, o nosso plano estratégico PHIT 2.4 assenta na aposta no Talento, na Tecnologia e na Informação, como forma de consolidar a ambição de sermos uma instituição eficiente, resiliente e que proporciona a melhor experiência aos Clientes, potenciando, também, a inclusão financeira. Nesta senda, ambicionamos continuar a ser líderes na transformação digital, reforçando o foco na:

- Digitalização de processos core no serviço aos Clientes.
- Massificação do serviço aos Clientes através de canais digitais, onde se destaca a aposta no *400#, uma plataforma de mobile banking simples e ágil, também disponível em telefónicos tradicionais e na qual alcançámos 450 mil utilizadores no espaço de 1 ano; e em selfbanking e alta-disponibilidade, onde destacamos a aposta no conceito ATLANTICO 24 horas (pontos de atendimento com ATM e máquinas de depósitos directos, disponíveis 24/7 em 60% da nossa rede de agências).
- Disponibilização de canais alternativos de serviço aos Clientes, que permitam uma maior proximidade e melhor PHITed às suas necessidades, como uma rede de agentes bancários ou modelos de gestão remota.
- Reforço da arquitectura, processos e competências de tratamento de dados, permitindo um conhecimento constante do Cliente e das suas necessidades.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

A visão do Banco no plano estratégico ATLANTICO 2.1, já assentava na premissa de que o mesmo deve proporcionar aos seus Clientes a possibilidade de efectuarem as suas operações onde, quando e como desejarem, ambição que foi alcançada através de um forte aposta na inovação digital. Foi, também, este foco na transformação digital que nos permitiu responder de forma atempada aos impactos do contexto pandémico, tanto no serviço aos Clientes, como na criação de condições de tele-trabalho para os nossos Talentos. Conforme anteriormente referido, a transformação digital continuará a ser uma das prioridades estratégicas do ATLANTICO, para o próximo ciclo, até 2024, acreditando que será um importante contributo para:

- Melhorar a experiência dos Clientes, através da digitalização de cada mais processos e da disponibilização de um cada vez maior número de operações em canais digitais.
- Reforçar a nossa cultura de gestão de riscos, através do reforço das nossas competências e ferramentas de ciber-segurança.
- Alcançar a ambição de ser o melhor banco para trabalhar, desenvolvendo novos modelos e melhores condições de trabalho para os nossos Talentos, mas também focando-os no desenvolvimento das suas competências e especialização em operações de maior valor acrescentado para os Clientes.

Banco de Negócios Internacional

Mário Palhares

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O último ano, extensivo ao 1º semestre do corrente ano, ficou invariavelmente marcado pela actual situação pandémica resultante da COVID-19, que nos obrigou a adaptar planos de contingência para tentar atenuar na medida do possível os seus efeitos sobre as famílias e as empresas.

O Banco BNI procurou adequar e ajustar-se a uma nova realidade, face aos condicionalismos no exercício da actividade, tendo desencadeado e acelerado medidas que já estavam previstas, quer de *downsizing*, quer de *rightsizing*, quer quanto ao número de balcões e de colaboradores, quer reestruturando e ajustando áreas centrais e simultaneamente potenciando o seu capital humano, tentando prepará-lo para novos desafios cada vez mais exigentes, mantendo sempre o foco na satisfação dos clientes.

Num ano atípico não deixamos de estar presentes no financiamento ao Sector Rural da Economia no âmbito do Aviso 10/2020, tendo o Banco BNI sido um dos Bancos comerciais que atingiu já o número mínimo de projectos a financiar ao abrigo do respectivo aviso.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

Perante o contexto da crise pandémica que vivemos, o Banco BNI tem procurado adequar as suas operações à nova realidade com uma forte aposta em soluções digitais. Acreditamos que a pandemia acelerou o processo de digitalização e os clientes bancários querem mais soluções pela via digital, tendo o Banco BNI se antecipado à preparação do digital, com a introdução de ferramentas desse índole, como tablets com acesso a App's BNI e ao Site Institucional, e nalgumas agências, a modernização do seu layout.

Consideramos que a transformação digital não se resume só ao Binómio Cliente/Banco, mas também em como lidar com as alterações relacionadas com a adaptação ao “novo normal” às realidades do trabalho à distância e reajustar os planos de negócio que não estavam a prever que a crise de saúde pública se estendesse por tanto tempo.

Não há como fugir à transformação digital, porque é, sobretudo, impulsionada pelos consumidores, que procuram cada vez mais uma relação rápida, fácil e segura com o seu banco. Perante esta necessidade, trata-se de um processo estrutural impossível de se efectivar de fora para dentro, sem que se defina uma estratégia que agregue valor ao negócio bancário. Apesar do Banco BNI não ser o Banco mais digital do mercado, tem feito muito para acompanhar a digitalização e a inovação em curso, tendo inclusive sido o pioneiro em algumas situações, designadamente na disponibilização do primeiro Cartão Multicaixa com Chip aos seus clientes.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

Fizemos uma forte aposta na melhoria da experiência e do relacionamento dos clientes, procurando fidelizá-los e captando novos com recurso a soluções digitais que permitam operações da banca remota visando não só a melhoria contínua da qualidade dos serviços mas também da segurança dos mesmos, destacando entre outras:

- Versão melhorada da nossa solução de internet banking para empresas, tornando a gestão da tesouraria dos clientes cada vez mais fácil e integrada. A grande novidade é a uniformização do relacionamento com o cliente, quer utilize a APP BNI Net ou o internet banking.
- Conclusão de um projecto que permitirá aos nossos clientes entrarem em contacto directo com a nossa equipa do *Contact Center*, através *Whatsapp*. Por outro lado a solução web chat já está em produção no nosso portal e no BNI Net (Web e app), totalmente integrada com a actual aplicação do Contact Center.
- Migração da aplicação de core bancário (Banka 3G) que irá permitir a instalação do módulo de Alta disponibilidade permitindo uma maior optimização da infraestrutura tecnológica assim como a disponibilidade 24.7.
- Certificação 3D *Secure* e certificação para emissão de cartões contactless.
- Concepção e Aplicação de Card protector Multicaixa para o Multicaixa Express, BNI Net (Web e app).

O Banco BNI, bem como, transversalmente, os restantes bancos do nosso mercado bancário, querem ser parte da solução demonstrando que podem estar do lado dos clientes mesmo à distância e com soluções digitais preparadas para dar resposta às novas necessidades.

Banco Prestígio

Maria João Almeida

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

No período que se refere, o sector bancário esteve sujeito às consequências da grave crise económica global devido à pandemia COVID-19. A recessão económica que se antevia como "inevitável", acabou por se materializar, e as alterações significativas na prestação dos serviços financeiros também. Sobretudo pela utilização de meios tecnológicos, para além dos desenvolvimentos no enquadramento macrofinanceiro e regulamentar, a mudança de comportamento dos consumidores e, também, por alguma pressão com os novos intervenientes no sistema financeiro. Em suma, traduziram-se num esforço de adaptação a um modelo de gestão à distância, quer dos colaboradores, quer dos parceiros e demais *stakeholders*; tendo sido estes alguns dos desafios mais relevantes, no plano estratégico e operacional.

Numa perspectiva de negócio, os desafios colocados ao nível do crédito, pela prerrogativa da moratória e pelas necessidades de tesouraria das empresas, consumiram algum do nosso esforço na busca de soluções para ajudar os nossos parceiros, sem aumentar o risco da carteira.

Por outro lado, tivemos em atenção os riscos operacionais, como os ataques cibernéticos, as fraudes financeiras, que foram e são presentemente, muito noticiados.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

As TI's são e devem ser vistas com um dos domínios mais incontornáveis da gestão do negócio, sobretudo no sector financeiro. Seguimos com muita atenção as indicações dadas pelo estudo, os quais nos revemos e em face das limitações de recursos especializados e das exigências do mercado, temos procurado fazer um maior alinhamento da estratégia às TI's.

Por isso, temos vindo a desenvolver iniciativas para tornar o core mais flexível, não só para integrar com novos recursos, mas também assegurar um melhor tempo de resposta às exigências do mercado e a um custo menor de integração.

Em paralelo, temos em carteira iniciativas para dar corpo ao processo de digitalização que pretendemos implementar, por forma a assegurar a sustentabilidade dos investimentos.

Dada a dimensão actual, questões como Inteligência Artificial e um aproveitamento maior dos dados, não são ainda relevantes, no entanto vamos continuar a acompanhar a evoluções destes temas para identificar possíveis soluções que possam ser incorporadas, e daí se obterem vantagens.

No domínio da segurança da informação encaramos, com muita preocupação, o avanço da sofisticação dos ataques cibernéticos, e defendemos uma abordagem mais proactiva e o reforço dos investimentos em meios, assim como o treinamento para minimizar o risco a que estamos expostos.

O teletrabalho é, sem dúvida, uma mudança fundamental trazida pelas circunstâncias da pandemia, urge por isso otimizar a produtividade, não só individual, como também das equipas. Deste contexto resulta o desafio de encontrarmos alternativas/soluções, para a pouca supervisão e interacção social, a capacitação dos colaboradores no ambiente online, a redução da capacidade de inovação devido às circunstâncias do pouco contacto físico, e a dificuldade de criar e manter relacionamentos.

O modelo digital que se tem tornado mais presente nas nossas vidas, é um dos pontos fulcrais no desenvolvimento dos novos produtos. Por isso, de uma forma mais proactiva, levando em conta os factores que negativamente concorrem para o insucesso, tem sido fundamental mantermos todo processo sistematizado e monitorizado.

E por fim, a diversidade, equidade e inclusão, promovem a pluralidade, aprimoram a cultura interna e contribuem para o alcance de resultados mais expressivos. São, portanto, temas que temos procurado endereçar para ajudar a criar a consciência e de certa forma medindo o impacto no negócio.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

Neste domínio pretendemos continuar a investir na melhoria do processo de interacção com os nossos parceiros, sobretudo na optimização do fluxo processual e na capacitação da proactividade dos colaboradores e um feedback tempestivo. Para tal, é crucial haver mecanismos de controlo para se alcançar os objectivos.

Desta forma, as áreas comerciais terão que conformar-se com esta realidade, viabilizando a experiência “digital” dos parceiros, sem prejuízo de que as exigências anteriores se mantêm, continuando a haver objectivos a atingir, independentemente da abordagem.

Banco Sol

Rosário Simão Jacinto

Presidente do Conselho de Administração



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Em Outubro deste ano, o Banco Sol completará 20 anos de existência e pode congratular-se por ter conseguido ultrapassar positivamente os enormes desafios que se lhe depararam, quer no ano de 2020, quer no primeiro semestre de 2021, nestes tempos difíceis em que todos vivemos, em termos mundial e nacional, fortemente agravados pela pandemia COVID-19.

As principais medidas implementadas pelo Banco centraram-se nos 3 vectores essenciais que se seguem:

1. Redinamização da cobrança do crédito malparado, sobretudo junto dos grandes devedores;
2. Redução e racionalização dos custos fixos;
3. Busca de novos clientes, fidelização dos já existentes e lançamento de novos produtos financeiros e nichos de mercado.

Com efeito, houve um trabalho enorme, e bem sucedido, na recuperação do crédito malparado, que estava a afectar a liquidez e a capacidade financeira do Banco Sol, e que se conseguiu cobrar, pelo menos nalguns casos mais importantes, facto que permitiu duplicar os resultados positivos no ano de 2020 face ao anterior. A tarefa prosseguiu durante o primeiro semestre de 2021, e levou a que essa recuperação se consolidasse e reforçasse, embora esses bons resultados só venham a reflectir-se nas contas do período em apreço, e ainda melhor no Relatório e Contas de 2021.

Em paralelo, houve uma política de redução de custos, sobretudo dos supérfluos, acompanhada pelo estudo cauteloso da rentabilidade dos seus balcões, que levou ao encerramento de alguns, mas também à abertura de novos, a reciclagem e

relocação dos seus recursos humanos para novas áreas de negócios, e a revisão dos fornecimentos de bens e serviços de terceiros, que denominamos racionalização, entre outras despesas relevantes que foram reavaliadas.

Tudo isto foi acompanhado por uma nova dinâmica de abordagem do mercado, tentando captar novos clientes e mantendo os já existentes, por via do lançamento de novos produtos financeiros e de iniciativas de relevo, para que a marca Banco Sol fosse cada vez mais uma presença na vida dos Angolanos.

Para citar só os últimos eventos, o Banco Sol inaugurou no passado dia 14 de Junho mais uma nova Agência, que é simultaneamente um Centro de Empresas, no Centro Comercial mais moderno da Baixa de Luanda, o Shopping Fortaleza, com uma tipologia de clientes abrangente. Vai das grandes empresas e institucionais, às micro, pequenas e médias empresas e encerra a amplitude com os clientes particulares de todas as classes sociais, a par do lançamento de alguns produtos financeiros, onde se destacam, pela extensão dos potenciais abrangidos o “Adianta Salário” e o “e-Kumbu”.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

O Banco Sol encara de forma positiva todos os avanços tecnológicos que sejam postos ao serviço do sector bancário, assim como a entrada de novos *players* na indústria, porque entende que a concorrência saudável leva à busca permanente de melhorias e actualizações em todos os domínios e ao acompanhamento, se não mesmo à liderança, de todas as tendências e evoluções nesta área, que é cada vez mais a banca do futuro.

Os desafios tecnológicos são para o Banco Sol uma forma de alavancar a sua actividade em moldes mais sofisticados, eficazes, seguros, rápidos e económicos, com a redução de custos de estrutura, para melhor podemos prosseguir a nossa missão, que é, entre outras, a de apoiar os empresários Angolanos, em especial as MPME's.

No caso do nosso país, onde sobressaem as enormes distâncias entre as principais localidades, inúmeras insuficiências nos transportes e concomitantemente dificuldades nas deslocações, a facilidade proporcionada pela utilização das novas tecnologias ajuda a suplantar muitos problemas e lacunas, que de outra forma requereriam muito mais recursos financeiros e humanos e assim ajudar o desenvolvimento de Angola.

O Banco Sol tem a sua Direcção de Banca Electrónica já consolidada, que faz a gestão dos cartões de crédito, levantamentos sem cartões, *e-banking* e muitos produtos específicos para as referidas aplicações, que sobretudo em tempos de COVID-19 revelam-se ainda mais úteis.

Tem havido investimentos permanentes em *softwares* e *hardwares* e em formação nessas áreas, porque consideramos que são de uma importância capital e reconhecemos a sua necessidade, importância, eficácia, celeridade e utilidade, bem como as economias de escalas que podem gerar, sobretudo a médio e ou longo prazo. Com isso, o Banco Sol espera que, a breve trecho, a sua estrutura vá-se tornando mais leve e eficaz, rápida, eficiente e rigorosa, e vá adquirindo uma capacidade de resposta cada vez melhor.

As estratégias que temos estado a implementar para apoiar os nossos dedicados colaboradores, são a formação contínua nas matérias da especialidade, acompanhada por reciclagens para novas áreas de negócios, como a Banca de Investimentos e a Sala de Mercados, com uma maior aposta no Mercado de Valores Mobiliários, agora que está em curso um importante processo de privatizações e o eminente arranque do Mercado de Acções, que sem dúvidas ajudará Angola a crescer de forma sustentada.

A adopção de plataformas digitais para a interacção com os clientes do Banco Sol e os automatismos, a eficiência e a rapidez de processos que proporcionam, é essencial agora e para o caminho de amanhã, cada vez mais evoluído e sofisticado, e não podemos perder esse trajecto incontornável e cheio de vantagens, embora se tenha que acautelar alguns riscos, nomeadamente na área das fraudes informáticas e dos cartões Multicaixa Express, que já estão a ser devidamente tratados pela PGR e EMIS, dos quais esperamos resultados rápidos.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

A Banca Digital é de uma importância capital e, cada vez mais, a banca do futuro, porque a actividade da Banca de Retalho e de Investimentos enfrenta novos desafios, num contexto económico também novo, imprevisível e cheio de incertezas.

Como tal, é imperioso interpretar as diferentes implicações que a Banca Tradicional e a Digital trazem para o presente e o futuro das Instituições Financeiras.

No nosso entender existem 4 pilares cruciais que vão influenciar decisivamente o novo paradigma de actuação no mercado financeiro:

1. Os novos concorrentes;
2. A tecnologia;
3. A redução e racionalização dos custos de funcionamento; e
4. Os novos clientes.

Convém sublinhar que os novos concorrentes podem ser mesmo empresas não financeiras, com *know-how*, suportes tecnológicos e presenças em várias geografias, para além de que o sector bancário confere capacidade de oferta diferenciada e com outras valências que não as dos tradicionais operadores do mercado financeiro.

A tecnologia, por sua vez, tornou-se num elemento cada vez mais indispensável em qualquer actividade económica.

A redução de custos vai continuar a ser uma aposta decisiva do Banco Sol, para enfrentar a concorrência, para aumentar a sua eficácia, para mitigar a redução das margens financeiras, e para permitir uma gestão mais eficiente.

Os novos clientes obrigam-nos a pensar nas novas gerações e nas novas formas de abordagem, para lançar novos produtos e/ou conquistar novos clientes.

O futuro já está aqui, o amanhã já é agora, e quem quiser vencer os obstáculos e desafios que se apresentam, cada vez com maior complexidade e a exigirem maior celeridade na resolução, terá que encontrar soluções com base no desenvolvimento e aperfeiçoamento da Banca Digital.

Os bancos estão, desde há alguns anos, num processo de total alteração de paradigma, porque de um modelo de negócio baseado no relacionamento pessoal, teve que passar, rapidamente, para uma nova relação, baseada na mobilidade e na tecnologia. Tudo isto ao mesmo tempo que tem que cumprir todas as regras de *compliance* e normativos da entidade de supervisão e legais, para além de ter que assegurar a resposta mais adequada a cada segmento de clientes, onde as novas palavras-chave são: digital, mobilidade e conheça o seu cliente.

Banco Valor

José Manuel Ferreira Pinto

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

A Pandemia do COVID-19 alterou a maneira de como vivemos e trabalhamos, esta alteração do modus vivendi foi, e continua a ser, um dos maiores desafios neste último ano e meio. As novas variantes, e as alterações de pico da doença em vários países, continuam a impactar negativamente a economia mundial e, conseqüentemente, a economia angolana, o que acentuou as dificuldades financeiras já existentes em muitas famílias e empresas, devido à queda do preço do petróleo e o peso que a mesma reflecte no PIB de Angola. Nestes tempos difíceis, considerando a imprevisibilidade que lhe caracteriza, o Banco Valor, S.A. adaptou a medida de constante reavaliação do seu plano de negócios, de forma a antecipar soluções para possíveis problemas, reforçando assim a sua aposta numa gestão prudente e responsável.

Não obstante as dificuldades acima referidas, e tendo em conta o papel fundamental que os bancos comerciais desempenham no apoio e desenvolvimento da economia, o Banco Valor, S.A. tornou a concessão de crédito a pequenas e médias empresas, um dos seus maiores objectivos, visando a robustez do sector real da economia. Pese embora as necessidades de crédito das pequenas e médias empresas sejam numerosas e reais, muitas delas apresentam debilidades na prestação de informação contabilística, gestão organizada, planos de negócios credíveis e falta de garantias reais. Estas fragilidades afectam negativamente a análise de risco e em determinadas situações inviabiliza a concessão do crédito.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

Nos dias que correm os consumidores estão cada vez mais cientes do que as novas tecnologias podem oferecer. O acesso rápido e fácil a informação tem transformado os seus hábitos e elevado as suas expectativas sobre o tipo de serviço que esperam receber, tornando a transformação digital no caminho natural para a evolução da banca. Com o surgimento das Fintech, o modelo tradicional de banca tornou-se obsoleto, pelo que transformar e adaptar-se à nova realidade tornou-se prioritário. Temos dedicado particular atenção no desenvolvimento de soluções inovadoras para responder às necessidades dos nossos clientes, de forma célere e eficiente, pelo que temos vindo a promover a criação de capacidade interna de desenvolvimento, o que se traduzirá na aceleração do processo de transformação digital assente na optimização da eficiência operacional. Estamos igualmente atentos aos riscos que as novas evoluções tecnológicas encerram, e de forma a mitigar a sua ocorrência, implementamos recentemente novas políticas de cibersegurança, resultantes de alterações legais e das melhores práticas internacionais.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

A transformação digital traz consigo o agravamento dos custos das Instituições, considerando que mais de metade das soluções implementadas na banca são desenvolvidas por entidades estrangeiras, o que implica o seu pagamento em moeda estrangeira. Conforme referido, a propósito da questão anterior, o Banco Valor, S.A. tem privilegiado o desenvolvimento das soluções de que necessita com recurso a seu capital humano, o que tem impacto na redução dos custos com o desenvolvimento de soluções informática, bem como na redução do tempo de resposta às solicitações de suporte que normalmente são efectuadas.

Entendemos que além da formação dos colaboradores para o manuseio das novas soluções, é igualmente necessário a disponibilidade quase que imediata das equipas de suporte.

Apesar dos avanços tecnológicos, o capital humano conserva a sua importância, pelo que a introdução das plataformas digitais na prestação de serviços bancários não terá como consequência o esvaziamento das funções das áreas comerciais. Portanto, ainda existirão serviços que preferencialmente deverão ser prestados por pessoas.

Antevemos um cenário em que a actuação primordial das áreas comerciais deve adaptar-se-á às necessidades dos clientes e do mercado. Esperamos que com a introdução de novas tecnologias, as áreas comerciais sejam desoneradas de tarefas meramente administrativas, reservando-os à captação de clientes e assessoria em matéria financeira, com vista ao aumento da taxa de literacia financeira.

Banco YETU

Mário Gavião

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O ano de 2020 ficou marcado pela COVID-19, o que o tornou um ano bastante atípico. O Banco, os seus clientes, parceiros e todos à nossa volta, viveram momentos desafiantes, mediante aumento de casos positivos. Consequentemente, os objectivos do negócio ficaram subordinados a saúde e a manutenção da vida de todos aqueles que, directa ou indirectamente, lidam como o Banco.

O processo de adequação dos aspectos ergonómicos (condições de trabalho), do modelo de atenção para os nossos clientes num ambiente de calamidade e a necessidade de expansão da rede comercial no interior do país foram os principais desafios no período.

Ao nível dos mercados financeiros destacamos a implementação da taxa custódia, que dificultou a gestão de fundos para fazer face a compromissos imediatos, o aumento do coeficiente de reservas obrigatórias em moeda estrangeira.

Por outro lado, as crises criam oportunidade de inovação, testam a capacidade de resiliência e promovem o desenvolvimento tecnológico. É com esse espírito que temos vencido os nossos desafios e criamos oportunidades de melhoria para melhor servir os nossos clientes.

Diante destes desafios, o Banco reforçou a capacidade institucional com ferramentas tecnológicas para, de forma presencial ou remota, assegurar a prestação de serviços aos clientes dentro das suas expectativas.

Relativamente a liquidez, reforçamos o nosso posicionamento conservador optando por metodologias internas para adequação de liquidez em função dos compromissos contratualizados, bem como o comportamento dos fluxos do banco.

No geral, entendemos ter estado à altura dos desafios ao longo do período em questão.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

O “Nosso Banco”, fazendo jus ao seu lema fundador “Tradição e Inovação”, desenvolve, desde 2015, um plano de desenvolvimento tecnológico permanente visando disponibilizar, aos seus clientes e a toda a população, uma gama de produtos e de serviços distintos e adequados às suas necessidades de evolução com confiança.

Com esta visão contínua, temos em curso projectos de renovação da infraestrutura do “core” bancário, que nos irão permitir dar suporte a soluções tecnológicas mais avançadas, maior segurança, capacidade de processamento e integração com funcionalidades de inteligência artificial. Complementarmente, continuamos a desenvolver o programa de digitalização dos nossos processos, foram implementadas abrangentes soluções “cloud” que nos permitem maior colaboração e flexibilidade interna e com os Clientes. No início de 2021, concluímos também o projecto de implementação de um “workflow” de Operações em Moeda Estrangeira que nos permitiu assegurar melhor acompanhamento e eficiência aos Clientes.

Com a era digital as questões ligadas a cibersegurança tornam-se mais desafiantes. De forma a mitigar estas questões temos várias iniciativas ligadas a esta cibersegurança que garantem maior segurança às nossas soluções digitais, sistemas, ferramentas de acesso remoto e novas soluções a serem implementadas.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adoção de plataformas digitais para interação com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

No final de Dezembro de 2020, o Banco YETU SA disponibilizou o seu novo portal institucional e uma nova plataforma digital de "Internet Bank", o Net Yetu, disponível através da "Web" ou de Aplicação Mobile. Com esta "ferramenta", os nossos clientes realizam as suas operações à distância, mas de forma mais cómoda e segura. Com a constante ambição de "colocar na sua mão" o Nosso Banco, a qualquer hora e em qualquer lugar, esta plataforma continua em evolução para que, no corrente ano, ofereça ainda mais funcionalidades inovadoras e ainda maior segurança com a implementação do modelo de "Autenticação Forte".

Paralelamente, ao longo de 2020, e com continuação no plano de acção aprovado para 2021, o Banco Yetu SA investiu intensivamente, tendo praticamente duplicado a sua presença no mercado, no crescimento da sua Rede de Terminais de Pagamento (TPA) e de Caixas Automáticos (ATM). No corrente ano, o Banco alargará, substancialmente, a sua oferta de Cartões de Pagamento Electrónico nacionais e internacionais.

Um dos valores do Banco YETU é a confiança, temos a confiança dos nossos clientes pelo atendimento personalizado que promovemos, pelas soluções tailor made que vendemos aos nossos clientes e pela resiliência que temos demonstrado ao longo destes quase 6 anos.

Caixa Angola

João Pires

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

Os desafios mais evidentes com que o BCGA se deparou durante o ano de 2020, e o primeiro semestre de 2021 foram, não necessariamente por esta ordem de importância, os seguintes:

- A pandemia COVID-19 e os fortes condicionalismos que colocou ao funcionamento regular do banco em todas as suas componentes.
Foi criada, assim, uma Equipa de Gestão de Crise com reporte directo à Comissão Executiva e de acompanhamento semanal. Foram reforçados de forma determinada os recursos técnicos e de infraestrutura para possibilitar o teletrabalho, que se implementou com enorme sucesso;
- A revolução em curso na Regulação do Sistema Financeiro Nacional, deriva de alterações legislativas e dos normativos emitidos pelo Banco Nacional de Angola, acompanhando as melhores práticas internacionais.
Não obstante o banco anteriormente já ter adoptado procedimentos internos que vão nesse sentido, pois consolida num Grupo regulado pelo Banco Central Europeu, estão sendo capacitadas as áreas de Risco e de *Compliance*, quer ao nível do aumento das competências das equipas, quer ao nível da infraestrutura tecnológica de suporte;
- Recentemente, a publicação da nova Lei das Instituições Financeiras introduz alterações no governo das instituições bancárias e em múltiplos requisitos de cumprimento obrigatório pelas entidades.
É, por tal, necessário reorganizar a Governança do banco, nomeadamente ao nível do reforço da intervenção das Comissões do Conselho de Administração e do órgão de

fiscalização, bem como assegurar maior autonomia às áreas de Risco, de Auditoria e de *Compliance*, com algum ajustamento dos poderes da Comissão Executiva e aumento da intervenção das Comissões especializadas do Conselho no acompanhamento e controlo da actividade, entre outras alterações cujo impacto está a ser estudado;

- Liberalização do Mercado Cambial com a introdução de novos métodos e procedimentos na sua operacionalização.
Note-se que exigiu um forte reforço de competências na área financeira, com o investimento em plataformas especializadas para operar sob a nova infraestrutura de negociação implementada pelo banco Central, bem como uma reconversão de todo o processo negocial e de interacção, quer com os clientes vendedores, quer com os clientes compradores de divisas;
- Descida do *Rating* Soberano de Angola, com impacto significativo no custo do risco e nos resultados líquidos.
A reclassificação do nível de risco de toda a carteira soberana do Banco com severas implicações na conta de exploração, exigiu uma profunda reapreciação das metodologias de risco utilizadas, bem como um alinhamento com os padrões internacionais utilizados para a consolidação que por sua vez implicaram uma revisão profunda aos standards de aferição do trinómio risco/retorno/tempo;
- Problemas derivados da regulamentação do BNA de apoio à economia angolana, com o financiamento de projetos que fomentam a produção nacional com preço máximo muito abaixo do preço normal do crédito.
A contradição entre as elevadas taxas de remuneração dos recursos de clientes e o preço máximo regulamentado do crédito concedido para financiamento de projetos de fomento da produção nacional, num contexto de crescimento do custo do risco (imparidade), impede adoptar nestas operações de longo prazo os modelos habituais de preço ajustado ao risco, pelo que o Banco criou novos modelos de apreciação de projectos e procedeu a uma remodelação dos seus padrões de apreciação do risco e do retorno destas operações de crédito de apoio à economia, tendo ainda redesenhado todo o processo de concessão de crédito tendo em vista uma melhor avaliação da apetência ao risco.
- Forte pressão sobre a gestão dos recursos humanos, dada a necessidade de reduzir custos e simultaneamente aumentar competências nos vários domínios em que assenta a digitalização da relação com o cliente, a prestação do serviço e o controlo da actividade.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

O ritmo da mudança cada vez se acelera mais, e hoje dispor de uma plataforma digital integrada que permita prestar aos clientes serviços de qualidade, com controlo, rapidez e segurança, é essencial.

Essencial para manter a rentabilidade num contexto de crescente concorrência, envolvendo instituições que vindo de outras áreas, e tirando partido de plataformas digitais muito sofisticadas, prestam determinados serviços que tradicionalmente e, no passado, estavam reservados aos bancos, praticando preços que os bancos têm de poder acompanhar. Essencial para propiciar ao cliente uma experiência de serviço compatível com as actuais exigências e que garanta os níveis de confiança e segurança que são o principal activo do banco na sua relação com o cliente.

O banco está a investir fortemente na arquitectura digital de suporte à actividade, reforçando por via de recrutamento e de interacção com o grupo bancário, as equipas de sistemas de informação e de gestão de projectos, ao mesmo tempo que se capacitam os utilizadores das diferentes áreas na utilização das novas ferramentas. A renovação continuada do *e-banking* e a disponibilização de *apps* para realizar transacções bancárias via telemóvel, seguir-se-ão.

O banco fomenta a interacção com as Instituições de Ensino mais reputadas ao nível Nacional, apostando também no recrutamento de potenciais recursos com formação Internacional no seu regresso ao país, fortemente capacitados. Disponibiliza também programas de formação no âmbito da contratação e retenção de quadros de elevado potencial ou identificados como talentos, proporcionando a comparticipação, ou o pagamento integral de complementos específicos aos conteúdos académicos de base.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

No Plano Estratégico que aprovámos para 2021-2023, está contemplado um ambicioso processo de aumento da pegada digital do banco.

Para se conquistarem ganhos de eficiência que possam fazer frente à previsível redução de margens de operação num mercado em amadurecimento, é necessário que o serviço assente numa robusta infraestrutura digital, aliada a comunicações capazes e fiáveis e com elevado grau de automatismos. Só assim se reduz o risco operacional, só assim se obtêm ganhos de escala e só assim se conseguem níveis de serviço competitivos face aos pares.

O negócio bancário é cada vez mais um negócio onde a manutenção de níveis adequados de rentabilidade exige uma atenção permanente aos custos, em paralelo com a atenção à qualidade do serviço e ao controlo da actividade. Por tal há que racionalizar a rede de agências e evoluir as existentes para propiciarem uma melhor, e mais confortável, experiência ao cliente que se desloca à agência, assim como melhores condições de trabalho aos colaboradores.

A proximidade ao cliente já não está somente na conveniência da localização da agência, cada vez mais deriva da capacidade do serviço prestado via canais digitais. Mas a proximidade do gestor ao cliente, mesmo que o contacto seja via digital, é cada vez mais importante e tem de ser trabalhada.

Também as áreas tradicionais de suporte operacional sofrerão profundas alterações, com a redução dos *backoffices*, substituídos por processos digitais, e a criação de estruturas tecnicamente capacitadas para a gestão dos processos integrados digitalmente, assim como a resolução dos problemas que vão surgindo.

Standard Bank Angola

Luís Teles

Presidente da Comissão Executiva



De forma retrospectiva e tendo em consideração o último ano e o primeiro semestre de 2021, quais foram os desafios mais evidentes com os quais a instituição que lidera se deparou e quais as medidas adoptadas para os ultrapassar?

O ano de 2020 fica marcado pela pandemia COVID-19 e a sua repercussão global na economia real e na vidas das pessoas. Os principais desafios com que o SBA se deparou foram os seguintes:

1. Garantir a segurança dos nossos colaboradores e clientes dadas as consequências para a saúde e o risco de continuidade do negócio. O Banco definiu mecanismos de protecção dos colaboradores e incentivou o teletrabalho, criando condições a nível de plataformas digitais, reajustando procedimentos internos e instituindo apoios para os colaboradores. Tivemos uma enorme preocupação com o bem estar emocional dos nossos colaboradores tendo disponibilizado o acesso a uma linha de apoio para temas de saúde mental, e organizamos workshops sobre stress, sono, equilíbrio pessoal e profissional, entre outros temas.
2. A necessidade de aceleração do nosso plano estratégico nomeadamente a revisão do nosso modelo de negócio. Considerando o contexto pandémico, novas tecnologias disponíveis, e o ambiente económico instável, é necessário desenvolver novas formas ágeis de trabalhar, partindo da óptica do cliente, e incorporar mais inovação no desenho de soluções que apostem na inclusão financeira.
3. As frequentes alterações regulamentares, as quais, fruto do amadurecimento do sistema financeiro e do enfoque na gestão do risco de BC/FT obrigam a exercícios de priorização de iniciativas e alocação de recursos para resolver temas regulamentares bem como a gestão de expectativas dos clientes, tendo em conta que muitas destas alterações tiveram grande impacto na experiência dos clientes.

Tem existido avanços relevantes na tecnologia ao dispor da indústria bancária e a entrada de novos players nesta indústria, sendo que a Deloitte apresentou recentemente em Angola o Estudo Tech Trends 2021, com um conjunto de tendências da área. Face a esta evolução, de que forma se está a posicionar o Banco para dar resposta aos desafios tecnológicos?

Os desenvolvimentos tecnológicos são uma oportunidade de expandir pelo país serviços financeiros. O Banco tem dado passos para capitalizar estes desenvolvimentos, simplificando a sua arquitectura, reduzindo o peso de sistemas legacy, adoptando tecnologias de automatização, reforçando a digitalização do back office e dos processos internos e apostando numa presença digital forte e com uma experiência de cliente impar. Estamos a desenvolver uma cultura que nos permita utilizarmos a tecnologia como alavanca para melhor serviço ao cliente e maior inclusão financeira. Temos trabalhado de forma deliberada em dar novas competências digitais aos nossos colaboradores, para que os mesmos consigam acompanhar esta transformação de forma activa e inclusiva, sendo que entendemos ser este também um processo necessário para uma transformação digital robusta e sustentável.

Tendo em consideração a aceleração da transformação digital observada desde meados de 2020, com a adopção de plataformas digitais para interacção com clientes e de automatismos que promovem a eficiência de processos, quais os principais impactos que se podem esperar nas estruturas do Banco e que estratégias estão pensadas para apoiar os colaboradores? Por outro lado, sendo a Banca um negócio baseado no contacto e na confiança, como antecipa o papel das áreas comerciais nesta r(evolução) em curso?

O processo de adopção de novas tecnologias é um processo a longo prazo. Nós entendemos que a revolução digital criará mais empregos do que os que eliminará. Acreditamos que os empregos irão mudar e o nosso papel é promover adaptabilidade e uma cultura de aprendizagem continua nos nossos colaboradores. Esse processo irá permitir que o Banco continue a posicionar-se de forma competitiva no mercado. O papel das áreas comerciais irá mudar muito nos próximos anos, visto que quem irá escolher a forma de contacto com o Banco será o cliente, e teremos de ter formas de servir os clientes pelos canais da sua preferência, seja presencialmente, seja via web ou mobile, seja até através de outras formas de servir os clientes, como um negócio de plataforma.

Enquadramento macroeconómico



Taxa de crescimento real do PIB

Zona Euro	-6,6%
EUA	-3,5%
Mercados Emergentes	-2,2%
China	+ 2,3%
Mundo	-3,3%

No início de 2020 as previsões do FMI apontavam para uma aceleração do crescimento do PIB Mundial, no entanto, os efeitos da pandemia COVID-19 depressa alteraram o cenário macroeconómico mundial e o ano de 2020 ficou marcado por uma contracção de 3,3% do produto interno bruto mundial



Taxa de inflação

Zona Euro	0,3%
EUA	1,2%
Mercados Emergentes	5,1%

Em 2020 verificou-se uma diminuição da taxa de inflação na generalidade das economias mundiais, em virtude do surto da COVID-19, uma vez que valores de procura mais baixos levaram a quebras de preços, principalmente ao nível do preço do petróleo



Taxa de desemprego

Zona Euro	7,9%
EUA	8,1%
Mercados Emergentes	3,8%

As taxas de desemprego a nível mundial sofreram em 2020 aumentos consideráveis, apesar das políticas laborais excepcionais e temporárias que foram definidas e colocadas em vigor

Preço do petróleo por barril em valor negativo

Crude
-36,98 USD
a Abril 2020



Brent
9,12 USD
a Abril 2020

Em 2020, devido ao surto de COVID-19, a queda abrupta no consumo e a falta de capacidade de armazenamento, provocaram, no início de Março, uma quebra acentuada do preço do barril de petróleo, tendo atingido em Abril mínimos históricos desde 2001

Índice Nasdaq

+46,4%

A valorização dos *players* tecnológicos foram assinaláveis em 2020, tendo o índice NASDAQ valorizado em 46,4% em ano de pandemia

Introdução

A partir do 2º trimestre de 2021 iniciou-se um processo de consolidação de um ambiente economicamente mais favorável a nível mundial, após um ano transacto fortemente marcado pelo impacto negativo da crise pandémica COVID-19.

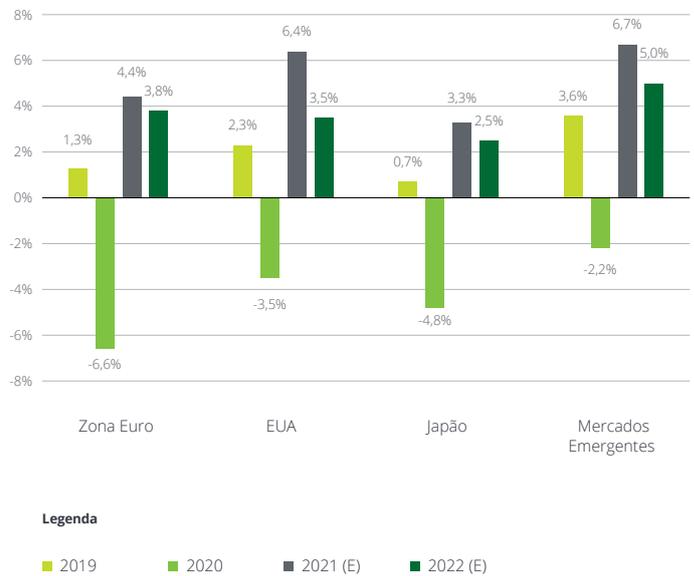
Nas economias mais desenvolvidas, verificou-se uma contracção em 2020 do produto interno bruto de 6,6% na Zona Euro, de 3,5% nos Estados Unidos da América e de 4,8% no Japão. No entanto, as projecções do FMI apontam para taxas de crescimento do produto real em terreno positivo em 2021, com valores mínimos de 3,3%, com destaque para os Estados Unidos da América onde se prevê um crescimento de 6,4%.

Relativamente aos mercados emergentes, registou-se igualmente uma contracção económica em 2020, apesar de menos acentuada em comparação com os países mais desenvolvidos, perspectivando-se uma reversão desta tendência em 2021, através de uma estimativa de crescimento de 6,7%, em virtude da proliferação do processo de vacinação COVID-19 e do fortalecimento da procura global.

Apesar do actual contexto pandémico ser determinante no panorama global enquanto factor negativo para a economia, continuam a impor-se outros desafios para a salvaguarda da estabilidade económica mundial, nomeadamente a relação entre os Estados Unidos da América e a China e as alterações climáticas.

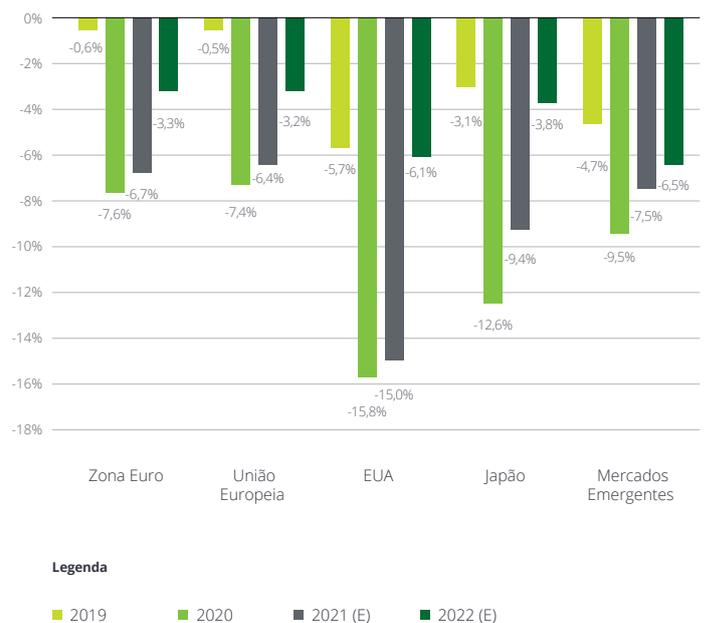
O crescimento do défice público verificou-se globalmente, e os Estados Unidos da América registaram em 2020 o valor negativo 15,8%, o mais alto desde a Segunda Guerra Mundial, e que permanecerá acima de 15,0% em 2021. A Zona Euro apresentou em 2020 um défice público negativo 7,4%, na sequência dos impactos orçamentais causados pelas medidas de apoio à economia em ciclo de pandemia. As regras comunitárias em relação ao défice dos estados-membros foram flexibilizadas de forma a acomodar o contexto extraordinário que se viveu e que requereu que a despesa pública excedesse consideravelmente a receita. Segundo as projecções do FMI, também para 2021 não se prevê que o défice público cumpra os limites de endividamento estabelecidos no pacto de Estabilidade e Crescimento da Zona Euro, e como tal a Comissão Europeia discute a possibilidade de flexibilizar os limites de endividamento dos países mais afectados, para que sanções não lhes sejam aplicadas.

Evolução do PIB real (2019 – 2022)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021

Défices Públicos (2019 – 2022)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021

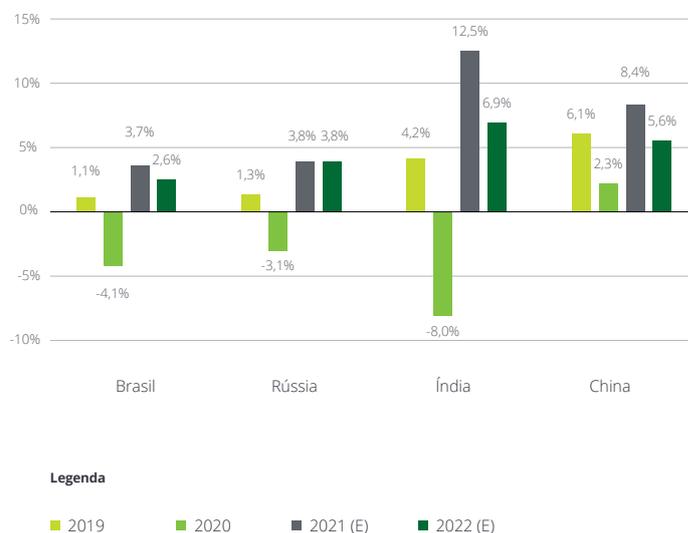
Também no Japão se verificou um agravamento substancial do défice público em 2020, fixando-se em 12,6%. O Japão mantém como principal desafio ao crescimento económico sustentado a constante diminuição da sua força de trabalho, fruto do envelhecimento da sua população.

No que concerne às economias emergentes, e particularmente à evolução verificada nos países que integram os BRIC, em 2020, a Índia viu o seu produto interno bruto contrair 8,0%, principalmente devido ao impacto dos *lockdowns* na procura global. No caso do Brasil e da Rússia, registou-se uma contracção menos acentuada, de 4,1% e 3,1%, respectivamente.

A nível mundial, a China sobressaiu de forma positiva em termos de evolução do PIB real, registando uma taxa de crescimento de 2,3%. O primeiro caso de COVID-19 surgiu ainda no final de 2019, na China, alastrando-se posteriormente de forma global. Consequentemente, os períodos de retoma e controlo do contágio ocorreram primeiro neste país, contribuindo de forma positiva para uma recuperação económica e um aumento da procura interna antecipadas.

Segundo as projecções do FMI, nos próximos anos, os países que constituem os BRIC deverão continuar a apresentar ritmos díspares de crescimento, sendo que, apesar da acentuada contracção do produto interno bruto da Índia em 2020, prevê-se para 2021 que atinja a taxa de crescimento mais alta do grupo em análise, de 12,5%. Não obstante, prevê-se que todos os países atinjam taxas de crescimento acima dos 3,5%.

Evolução do PIB real nos BRIC (2019 – 2022)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021

Principais indicadores macroeconómicos

Produto Interno Bruto

No início de 2020 as previsões do FMI apontavam para uma aceleração do crescimento do PIB Mundial, suportado pela evolução do sector industrial e do comércio global, pela evolução positiva das negociações comerciais entre os Estados Unidos da América e a China e pela perspectiva de sucesso na conclusão da negociação Brexit na União Europeia. No entanto, os efeitos da pandemia COVID-19 depressa alteraram o cenário macroeconómico mundial e o ano de 2020 ficou marcado por uma contracção de 3,3% do produto interno bruto mundial.

Não obstante o processo de vacinação COVID-19 estar a decorrer a nível mundial, as perspectivas de recuperação da economia global ainda apresentam um elevado grau de incerteza. Segundo as últimas previsões do FMI, é expectável uma retoma acentuada da economia global nos próximos anos, com um crescimento previsto de 6,0% já em 2021. Estas projecções reflectem o poder da recuperação económica associado aos efeitos pela consolidação do processo de vacinação, principalmente nos países desenvolvidos, e a contínua adaptação dos diversos sectores da economia a esta situação pandémica.

Taxas de juro

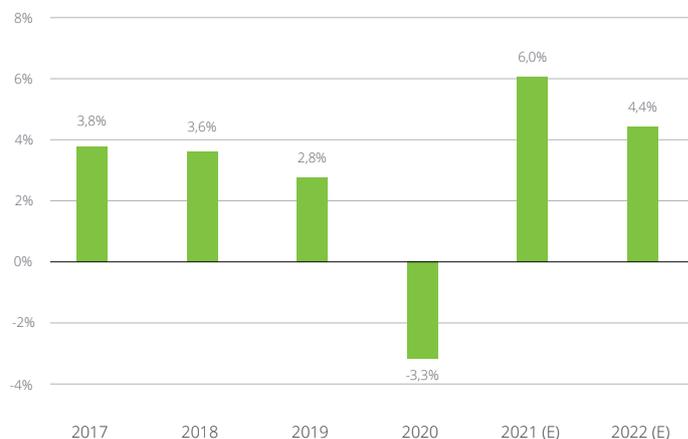
Contrariamente ao verificado até 2019, os principais bancos centrais mundiais têm apresentado desde 2020, políticas monetárias semelhantes para atenuar as dificuldades sentidas, pelo que é expectável que as taxas de juro venham a permanecer baixas por um período prolongado.

Na União Europeia, a Euribor a 3 meses encontra-se em terreno negativo desde Maio de 2015 e não se prevê qualquer alteração significativa até a inflação convergir para níveis próximos do objectivo de 2% do BCE (Banco Central Europeu).

Nos Estados Unidos da América, após sucessivos aumentos da taxa de juro nos últimos anos, a Libor USD baixou em 2020 para valores muito próximos de 0%, em resposta à COVID-19 e com o intuito de estimular a economia.

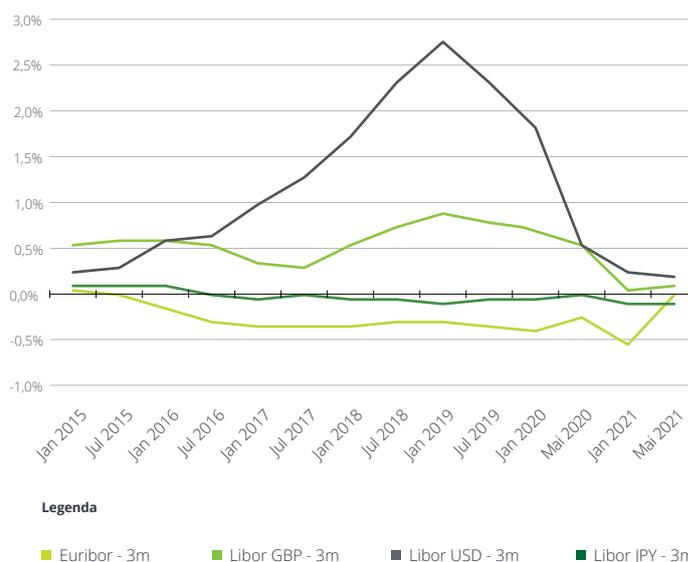
Desde 2019, a taxa de juro na Alemanha regista um valor negativo, e no Japão muito próximo do zero.

Evolução do PIB real mundial (2017 – 2022) total de 195 países



Fonte: FMI – World Economic Outlook, Abril 2021

Taxas de juro (2015 – 2021)



Fonte: BCE, Federal Reserve Economic Data, EMMI – European Money Markets Institute

Taxa de inflação

Em 2020 verificou-se uma diminuição da taxa de inflação na generalidade das economias mundiais, em virtude do surto da COVID-19, uma vez que valores de procura mais baixos levaram a quebras de preços, principalmente ao nível do preço do petróleo.

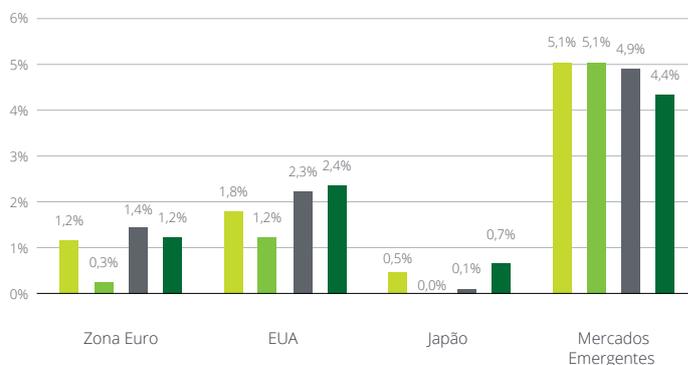
Na Zona Euro, a inflação atingiu os 0,3% em 2020, sendo este valor consideravelmente inferior ao objectivo de 2% do BCE. Segundo o FMI, a projecção para 2021 situa-se em 1,4%, devido a efeitos temporários, como a reversão do corte de impostos indirectos na Alemanha, prevendo-se que estabilize, a partir de 2022, em valores mais baixos.

Nos Estados Unidos da América, apesar de seguir a tendência de diminuição da taxa de inflação observada na Zona Euro, a sua diminuição não foi tão acentuada, fixando-se em 1,2% em 2020. Para 2021, as projecções do FMI apontam para uma taxa de inflação de 2,3% igualmente devida a efeitos temporários como as disrupções nas cadeias de valor e consequente aumento dos custos de produção. A médio prazo, o cenário de risco de inflação poderá vir a colocar-se, decorrente da implementação do plano Biden de resgate e resiliência para a economia americana, já considerado como o maior investimento de fundos públicos desde a 2ª guerra mundial, que prevê estímulos económicos acima de \$4 triliões de dólares, em medidas de apoio económico por perdas provocadas pela pandemia e investimentos em infraestruturas e renovação energética.

Nos mercados emergentes, ao contrário dos países desenvolvidos onde se observou uma redução significativa da inflação em 2020, a taxa de inflação manteve-se estável, no seguimento da estabilidade cambial e das recuperações face ao dólar que já se faziam sentir desde 2018.

Em 2021, é expectável que as economias mais desenvolvidas apresentem uma recuperação integral da taxa de inflação para os níveis pré-pandémicos, podendo mesmo na Zona Euro e nos Estados Unidos da América vir a ser superada em resultado do aumento esperado do consumo mundial.

Taxa de inflação (2019 - 2022)



Legenda

■ 2019 ■ 2020 ■ 2021 (E) ■ 2022 (E)

Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021

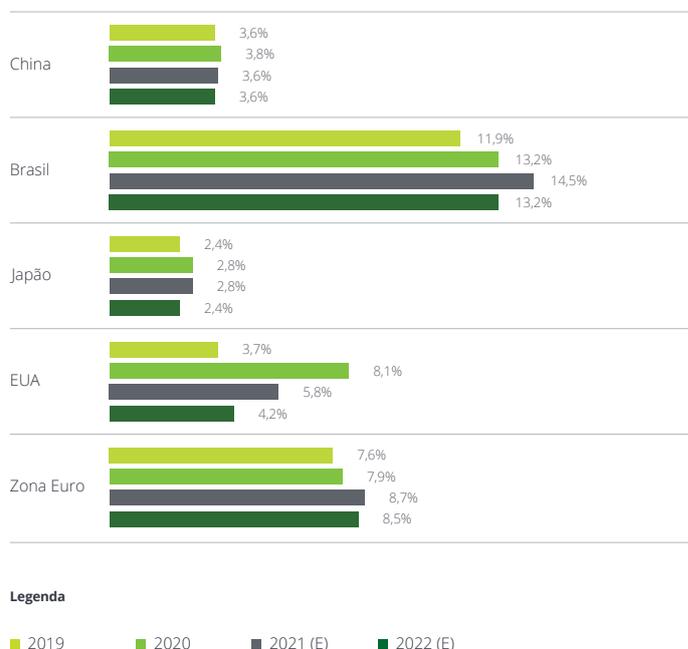
Taxa de desemprego

Decorrente do contexto actual, as taxas de desemprego a nível mundial sofreram em 2020 aumentos consideráveis, apesar das políticas laborais excepcionais e temporárias que foram definidas e colocadas em vigor.

Nos Estados Unidos da América e no Brasil, a taxa de desemprego sofreu um aumento mais acentuado, comparativamente com outros países, atingindo os 8,1% e 13,2%, respectivamente. Contudo, dever-se-á considerar a elasticidade deste indicador nos Estados Unidos da América, onde se prevê um ajustamento positivo muito significativo em 2021.

Na Zona Euro, a taxa de desemprego manteve-se mais estabilizada em resultado de um enquadramento laboral mais proteccionista e das medidas adoptadas para a manutenção do emprego e respectivos postos de trabalho.

Taxa de desemprego (2019 - 2022)



Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021



Mercados financeiros

A nível global, os mercados financeiros mantiveram-se com taxas de valorização positivas em 2020, apesar do ritmo de crescimento ter sido menor face ao ano anterior. Destaca-se a aceleração do mercado bolsista nos Estados Unidos da América, com uma taxa de crescimento de 46%, muito associado à valorização dos *players* tecnológicos. Em contraciclo, o mercado bolsista no Reino Unido apresentou uma contracção acentuada de 13%.

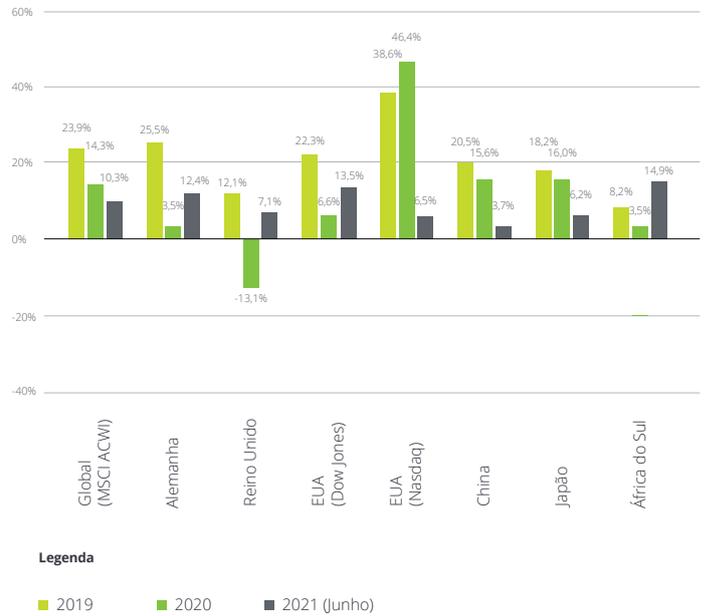
A evolução global é captada pelo *MSCI All Country World Index*, um índice compósito constituído por empresas de 23 países desenvolvidos e 23 países em desenvolvimento.

Os principais índices bolsistas mundiais, mantendo a tendência observada do ano anterior, iniciaram 2020 de forma positiva, mas vieram a sofrer uma elevada desvalorização devido à pandemia COVID-19, causando instabilidade política e económica internacionais. Somente no Reino Unido não se observou uma recuperação do impacto causado pelo período pandémico de 2020 decorrente da incerteza face ao Brexit e do tipo de empresas que constituem o próprio índice, sendo dominado por empresas do sector financeiro, energético, e bens de consumo, carecendo de empresas tecnológicas.

Relativamente às *yields* associadas às obrigações do tesouro a 10 anos das principais zonas económicas de referência, a redução que se verifica desde meados de 2018 continua a prolongar-se, sendo mais expressiva no 1º semestre de 2020.

Nos Estados Unidos da América, as *yields* das obrigações a 10 anos terminaram o ano de 2020 nos 0,9%, estando neste momento já acima de 1,6% como resultado das medidas tomadas pelo FED para dinamizar a actividade económica e aumento da confiança no Executivo americano.

Evolução dos mercados accionistas (2019 - 2021)



Fonte: Investing, Bloomberg, MSCI, Yahoo Finance

Obrigações do Tesouro, 10 anos (2011 - 2021)



Fonte: Investing, Bloomberg, MSCI

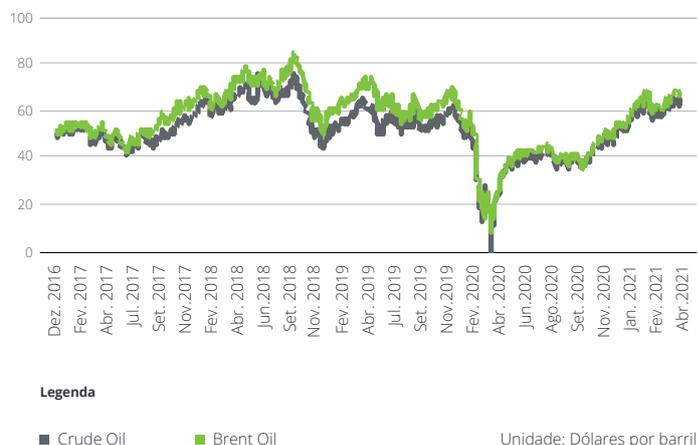
Petróleo

A queda do preço do petróleo no final de 2018, que então se situava nos \$50 por barril, foi uma consequência directa de um excedente significativo da oferta face à procura, levando à redução de produção em resultado de sucessivos acordos entre os membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), fazendo com que o preço do petróleo estabilizasse em torno de \$64 durante o 1º trimestre de 2021.

Em 2020, devido ao surto de COVID-19, a queda abrupta no consumo e a falta de capacidade de armazenamento, provocaram, no início de Março, uma quebra acentuada do preço do barril de petróleo, tendo atingido mínimos históricos desde 2001.

Os recorrentes *lockdowns* a nível mundial provocaram também uma contracção da procura a nível mundial, e para fazer face a esta diminuição de consumo em 2020, os membros da OPEP e membros não OPEP decidiram reduzir temporariamente os níveis de produção de petróleo, provocando um reajuste do preço por barril.

Preço do Petróleo (2016 - 2021)



Fonte: US Energy Information Administration

Procura e Oferta Mundiais de Petróleo, média móvel de 1 ano (2016 - 2021)



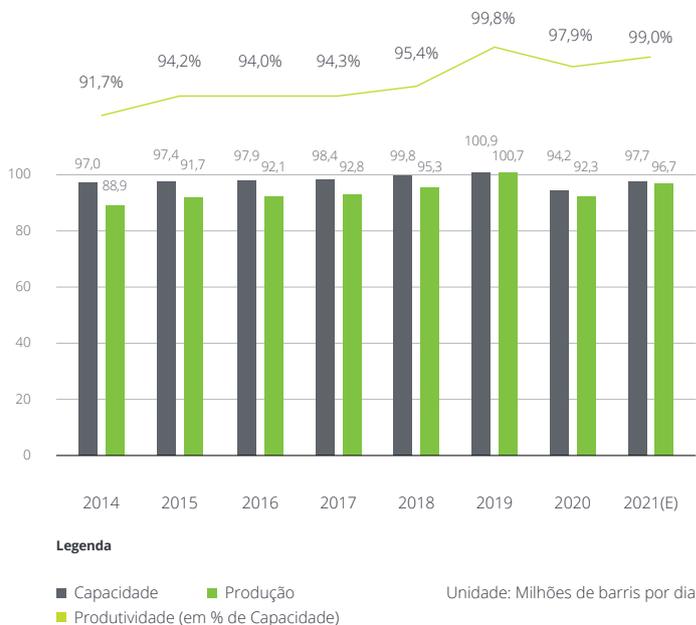
Fonte: International Energy Agency

* em relação a dados estimados da oferta de petróleo para o ano 2021 apenas disponíveis em base anual, tendo sido linearizado para base trimestral para efeitos de representação gráfica

No decurso do 1º semestre 2021, após o início da vacinação nos países mais desenvolvidos e uma rápida recuperação económica nos países Asiáticos, o preço do barril começou a evidenciar uma tendência progressiva de crescimento. A perspectiva é de continuação desta tendência positiva devido à consolidação dos efeitos de recuperação económica em resultado das medidas adoptadas de combate à pandemia COVID-19.

Em 2020, devido ao contexto pandémico, registou-se uma contracção da capacidade e produtividade das refinarias mundiais, consequência da diminuição deliberada da produção de petróleo por parte dos principais países produtores a nível mundial. Não obstante, as projecções para 2021 apontam para um nível de capacidade semelhante a 2016 e um nível de produção superior a 2018.

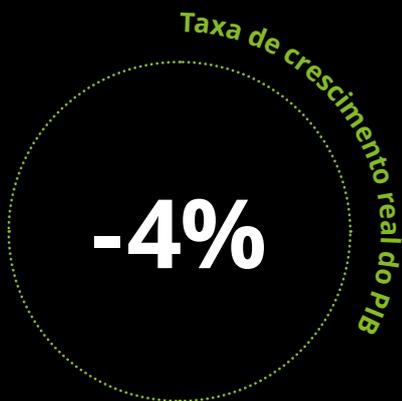
Capacidade e Produtividade das Refinarias Mundiais (2014 - 2021)



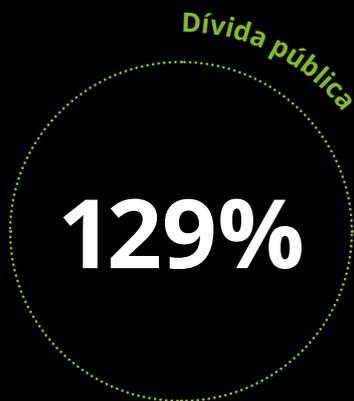
Fonte: BP – Statistical Review of World Energy, Junho 2020; EIA – Short-Term Energy Outlook, Junho 2021



Enquadramento económico angolano



Tem vindo a ser observada uma contração da economia, com taxas de crescimento reais negativas, (2,0% em 2018 e 0,6% em 2019). Em 2020 agravou-se o impacto da recessão fortemente impactado pelos efeitos da pandemia COVID-19



A dívida pública angolana tem vindo a subir desde 2017, fixando-se em 129% do PIB gerado em 2020 pelos efeitos da pandemia COVID-19



A taxa de inflação diminuiu até 2019, resultado da adopção de medidas de estabilização macroeconómica pelo Executivo e pelo apoio financeiro e técnico do Fundo Monetário Internacional, no âmbito do Programa de Financiamento Ampliado



O Kwanza desvalorizou 36,1% em 2020 face ao dólar americano



As reservas internacionais Líquidas de Angola reduziram 26% em 2020, atingindo o valor de 8,7 mil milhões de USD (em 2015, ascendiam a 24,3 mil milhões)



Em reunião de 2 de Julho de 2021, o Comité de Política Monetária do Banco Nacional de Angola decidiu aumentar a taxa básica de juro para 20,0% (desde 2019 em 15,5%) firmando o seu compromisso no controlo da inflação



Crise socioeconómica acentuada por via da actual crise pandémica, com taxa de desemprego a manter-se acima dos 30%.

Introdução

Angola atravessa um período de recessão económica, em resultado do desempenho do sector petrolífero que tem um peso determinante na estrutura do PIB e aliado a uma estrutura económica pouco robusta e diversificada. Contudo, estima-se uma recuperação para os próximos anos, esperando-se atingir em 2023 níveis similares do PIB nacional próximos dos alcançados em 2017.

Em Angola tem vindo a ser observada uma contracção da economia, com taxas de crescimento reais negativas, de cerca 2,0% em 2018 e 0,6% em 2019. Em 2020 agravou-se o impacto da recessão (-4,0%), fortemente impactado pelos efeitos da pandemia COVID-19.

O comportamento económico, aliado ainda ao efeito da pandemia COVID-19, afecta negativamente o rendimento disponível das famílias, a taxa de desemprego e os níveis de poupança pública, inibindo o consumo, o crescimento da produção e do investimento.

As previsões macroeconómicas mais recentes do FMI estimam uma recuperação, ainda que residual, para 2021 correspondendo a uma taxa de crescimento real positiva de 0,4%, acima das previsões do Executivo que espera que o país venha a registar uma taxa de crescimento nula em 2021, o que sinaliza o fim do período de recessão económica que se vive desde finais de 2014.



Principais indicadores macroeconómicos

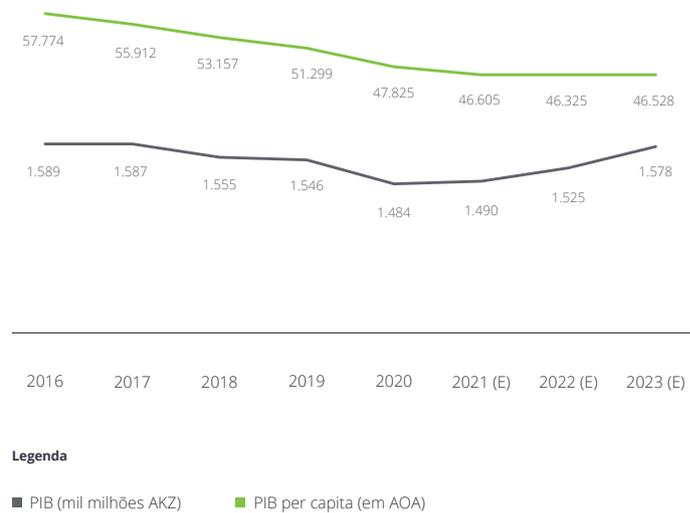
Produto Interno Bruto

Em virtude da dependência do sector petrolífero no desempenho global da economia angolana, registou-se uma desaceleração da economia angolana em 2020, prevendo-se, contudo, uma estabilização para 2021 por impacto positivo do desempenho esperado para o sector não petrolífero.

O sector petrolífero e do gás natural deverá continuar a apresentar uma taxa de crescimento negativo de 6,2%.

O sector não petrolífero deverá apresentar um desempenho positivo de 2,1%, com especial contributo da indústria extractiva (14,3%), energia (5,0%) e agricultura (2,5%). Já as restantes indústrias de pesca, transformadora, construção e serviços mercantis terão um desempenho positivo mais mediano.

Evolução do PIB real (2016 – 2023)



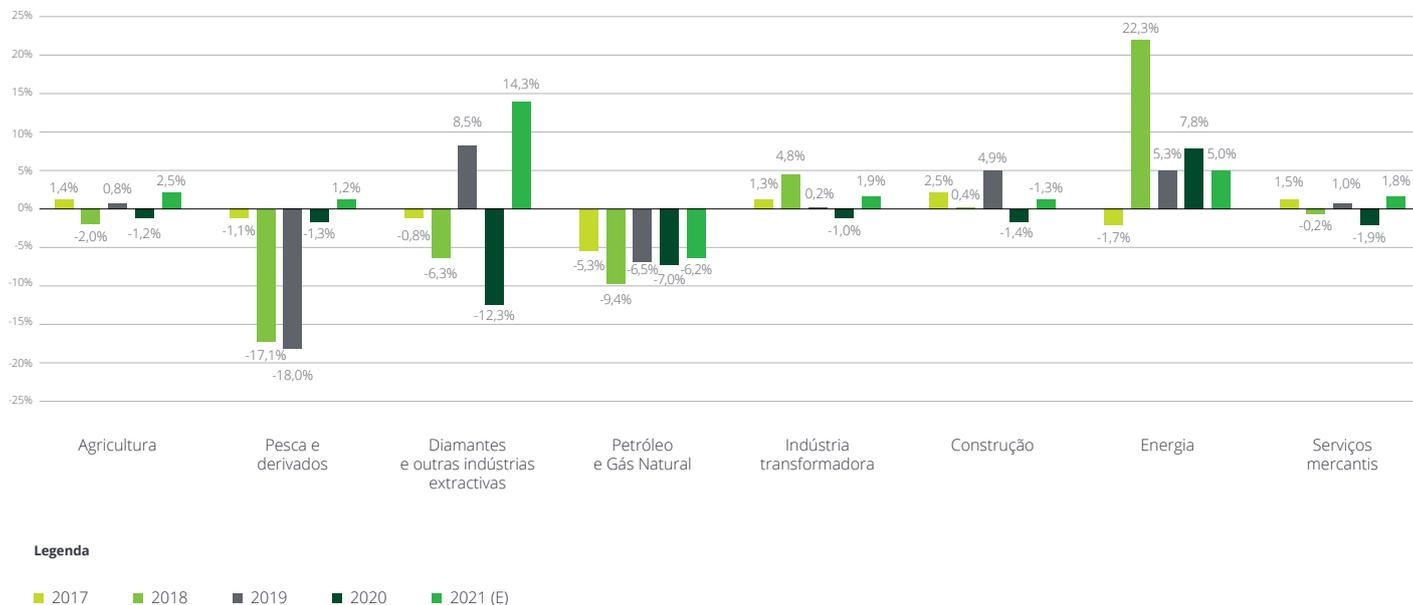
Fonte: FMI – *World Economic Outlook*, Abril 2021

Evolução do PIB real petrolífero e não petrolífero (2015 – 2021)



Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2021

Evolução do PIB por sectores de actividade (2017 – 2021)



Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2021

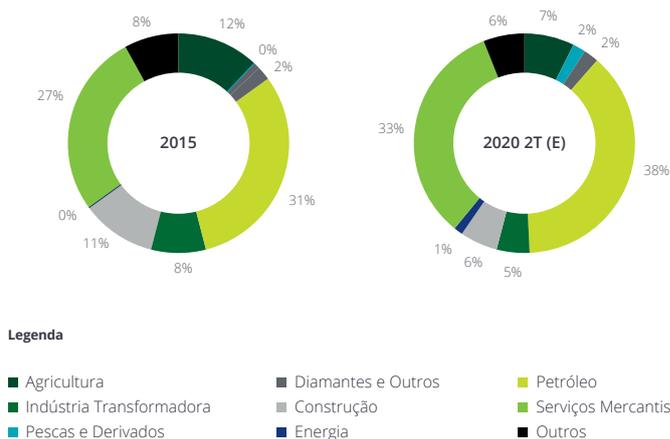
Em 2020, os sectores petrolífero e de serviços mercantis representam um peso na economia nacional superior a 70% (58% em 2015).

O sector petrolífero apresenta o peso mais elevado na estrutura da economia nacional nos últimos anos (38%), em contraciclo com redução que se vinha a verificar até 2018 (20%). Entre 2018 e 2020 assistiu-se a uma variação positiva de 18 p.p. no peso do sector petrolífero na economia.

O sector de serviços mercantis tem vindo a assumir um papel de preponderante importância na economia com uma variação positiva de 6 p.p. face a 2015.

Desta forma, continua a revelar-se importante prosseguir com o processo de diversificação económica, beneficiando dos recursos e oportunidades de que Angola dispõe e que proporcionem uma menor concentração da exposição da economia a estes dois sectores.

Estrutura da economia (2015 – 2020)



Dívida Pública

A dívida pública angolana tem vindo a subir desde 2017, fixando-se em 129% do PIB gerado em 2020, o que representa uma subida acentuada nesse período (95%). Para 2021, perspectiva-se uma diminuição da dívida pública, atingindo um patamar na ordem dos 100%.

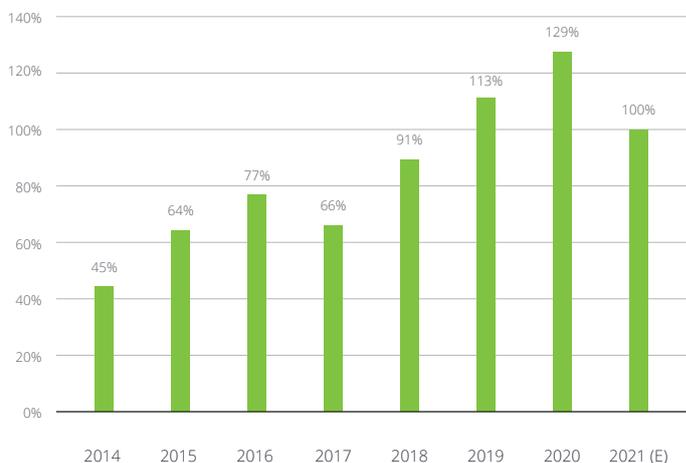
Taxa de inflação

Após o pico registado em 2016 e 2017, a taxa de inflação diminuiu até 2019, resultado da adopção de medidas de estabilização macroeconómica pelo Executivo e pelo apoio financeiro e técnico do Fundo Monetário Internacional, no âmbito do Programa de Financiamento Ampliado.

Contudo, a interrupção verificada em 2020 é explicada pela adopção de uma política monetária moderadamente acomodatória, bem como pelo efeito *pass-through* da taxa de câmbio, num ambiente de queda das receitas petrolíferas impulsionada pelos níveis de consumo durante o período pandémico mais adverso.

Segundo as últimas previsões do Executivo, deverá ser revertida a tendência de subida da taxa de inflação da economia angolana verificada em 2020, prevendo-se um valor de inflação de 19,5% em 2021 em oposição ao FMI que prevê uma taxa de 22,3%.

Dívida Pública (2014 - 2021)



Legenda

■ Dívida Pública (% do PIB)

Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2021; Unidade de Gestão da Dívida Pública – Plano Anual de Endividamento 2021

Taxa de inflação homóloga de Angola (2017 - 2021)



Fonte: Relatório de Fundamentação do Orçamento Geral do Estado 2021

* Taxa de inflação estimada para 2021 revista para 19,5%, conforme reunião de 2 de Julho de 2021 do Comité de Política Monetária do Banco Nacional de Angola

Taxa de câmbio

Conforme verificado em anos anteriores, também em 2020 se observou uma desvalorização cambial, tendo esta desvalorização sido sujeita a uma correcção ligeira nos primeiros 6 meses de 2021.

Em 2020 a política monetária manteve-se acomodatória, com o objectivo de apoiar as reformas estruturais do mercado cambial e conter os riscos da inflação.

O objectivo será continuar com a normalização da taxa de câmbio e minimizar a diferença para as taxas praticadas no mercado paralelo. O regime de câmbio flutuante tem aproximado o câmbio formal do “informal”.

O BNA pretende continuar a reforçar a flexibilização do regime de taxa de câmbio com uma política monetária restritiva com vista à retoma do processo de desinflação da economia.

Reservas internacionais líquidas

Desde 2019, que se verifica uma redução das reservas internacionais líquidas, à semelhança do registado em todo o período em análise. No entanto, o ritmo de diminuição das reservas internacionais líquidas abrandou desde inícios de 2018, atingindo cerca de 8 mil milhões de USD em Junho de 2021.

Taxa de câmbio (2014 - 2021)



Fonte: BNA. Taxas de final de ano.

Reservas internacionais líquidas (2014 - 2021)



Fonte: BNA - Evolução das Reservas Internacionais, Junho 2021

Taxas de juro

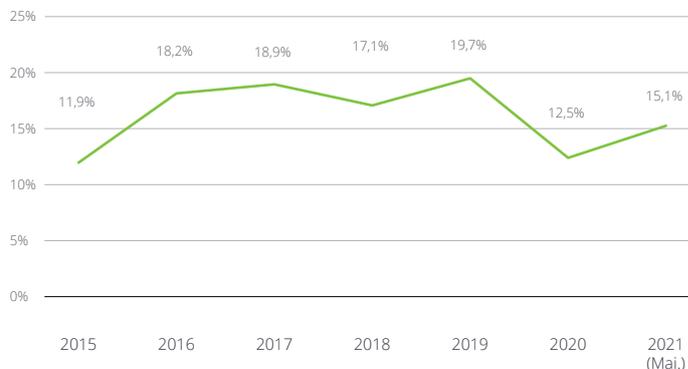
A taxa LUIBOR a 3 meses registou aumentos desde o início do período em análise até 2019, período a partir do qual tem vindo a decrescer consideravelmente atingindo 15,1% no final de Maio de 2021.

A taxa de juro de empréstimos a sociedades não financeiras a 1 ano e em moeda nacional sofreu uma subida acentuada em 2018 no seguimento do aumento da taxa pelo BNA, tendo descido abruptamente em 2020, encontrando-se estabilizada em torno de 13%.

A taxa de juro associada aos empréstimos a particulares a 1 ano e em moeda nacional tem vindo a decrescer desde 2019. Adicionalmente, a taxa de juro de remuneração dos depósitos a prazo, após um aumento verificado ao longo de 2020, tem vindo em 2021 a corrigir em baixa para valores similares aos registados em finais de 2019.

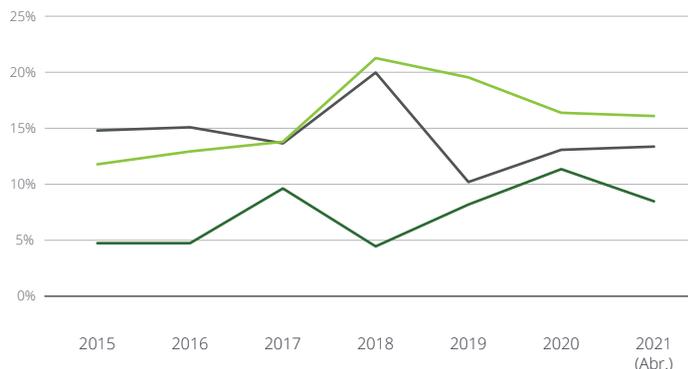
O BNA tem mantido inalterada a taxa de juro directora em 15,5% desde 2019, contudo em reunião de 2 de julho de 2021, o Comité de Política Monetária do Banco Nacional de Angola decidiu aumentar a taxa básica para 20,0%, firmando o seu compromisso no controlo da inflação.

Taxa LUIBOR a 3 meses (2015 - 2021)



Fonte: BNA

Taxa de Juro (2015 - 2021)



Legenda

- Empréstimo a sociedades não financeiras
- Empréstimo a particulares
- Depósito a prazo

Fonte: BNA, Taxas de Juro das OSD, Maio 2021

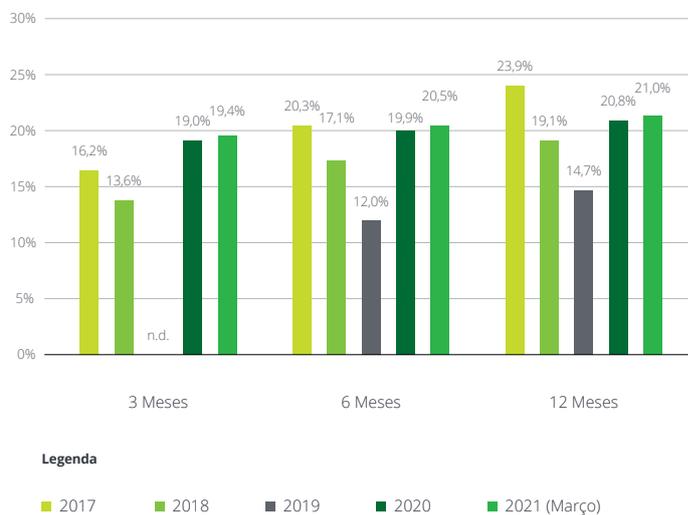
Evolução das Yields

A *yield* dos bilhetes de tesouro a 3 meses fechou 2020 em 19,0% após ter registado uma média de 13,6% em 2018. Também a taxa das 6-m T-bill aumentou em 2020 para 19,9%, depois de ter totalizado uma média de 12% em 2019. A 12 meses, a *yield* das obrigações do tesouro atingiu em 2020 uma média de 20,8%, encontrando-se estabilizada nos primeiros 3 meses de 2021.

Massa Monetária ¹

A massa monetária aumentou 25,3% em 2020 face ao valor registado no ano anterior, à semelhança do verificado em 2019 com um aumento de 28,0%. Em termos acumulados, nos últimos 5 anos verificou-se um aumento de 114% na massa monetária, repartido de forma homogénea entre os 3 agregados monetários. Até Abril 2021, tem-se verificado uma estabilização da massa monetária.

Evolução das Yields (2017 – 2021)



Fonte: BNA - Taxas de Juro do Banco Central, Maio 2021

Massa Monetária (2015 – 2021)



Fonte: BNA – Agregados Monetários, Maio 2021

Nota: M2 e M3 apresentam valores muito próximos e não distinguíveis graficamente.

¹ A Massa Monetária é composta por M1, M2 e M3.

M1 (Moeda): compreende as Notas e moedas em poder do público + Depósitos à Ordem de empresas, de particulares e do governo local, em moeda nacional e moeda estrangeira.

M2 (Moeda + quase Moeda): M1 + Depósitos a prazo das empresas e de particulares, em moeda nacional e estrangeira + Outras Obrigações em moeda estrangeira de empresas e particulares.

M3 (Meios de Pagamento): M2 + Outros Instrumentos Financeiros, representados pelos títulos do banco central em poder de entidades privadas + Empréstimos e Acordos de Recompra, quer em moeda nacional quer em moeda estrangeira, dos particulares e das empresas não financeira privadas.

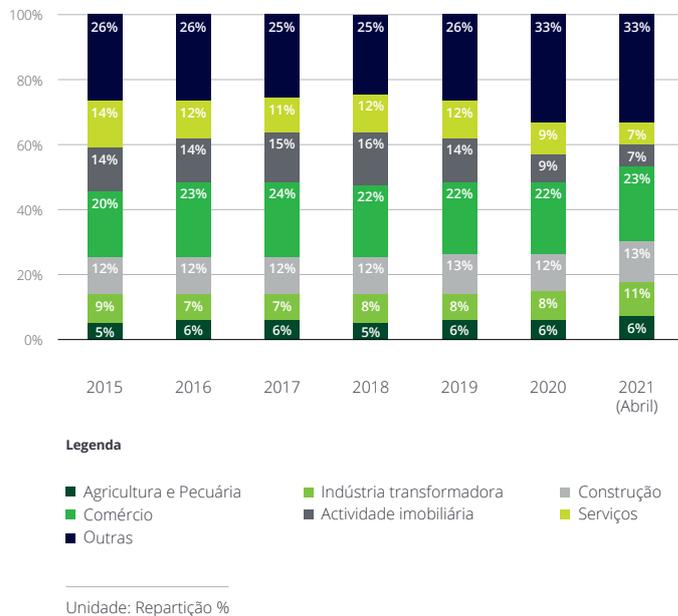
Crédito à economia por sector de actividade

Segundo os dados do BNA o sector bancário registou em 2020 uma estrutura de crédito à economia muito equiparada ao verificado em anos anteriores.

As maiores diminuições no crédito à economia registaram-se nos sectores da actividade imobiliária (37,7%), serviços (27,5%) e construção (15,2%). O sector da agricultura e pescas que, apesar de apresentar o menor peso na carteira de crédito à economia, apresentou um aumento de 5,1%.

Nos últimos 3 anos, o sector do comércio tem-se mantido como o sector com maior representatividade na carteira de crédito à economia, estabilizado em torno dos 22%.

Crédito à economia por sector de actividade (2015 - 2021)



Fonte: BNA - Créditos por Sector de Actividade, Maio 2021

Considerações finais e perspectivas futuras

Em 2020, registou-se uma recessão económica global de 3,3% em resultado dos impactos da pandemia COVID-19. Nas economias mais desenvolvidas observou-se uma desaceleração do crescimento em 4,7%. Relativamente à região da África Subsaariana, verificou-se uma recessão de 1,9% em 2020. Apesar do 2º trimestre de 2021 representar o início do processo de consolidação para a recuperação económica, o panorama mantém-se ainda incerto.

O processo em curso de vacinação da população mundial, ainda que apresentando desequilíbrios continentais e regionais, tende a acelerar o cenário de consolidação para uma recuperação económica global.

A diminuição verificada no comércio e no investimento da China a curto prazo, na quebra da procura dos países da OCDE e da União Europeia, devido aos longos períodos de confinamento, e na diminuição das trocas comerciais entre países africanos, motivada por uma quebra generalizada da procura, iniciaram, com o processo em curso de vacinação, sinais de inversão e de recuperação no arranque do ano, pelo que se estima um crescimento global de 6% em 2021.

De acordo com FMI, no seu *World Economic Outlook* de Abril de 2021, estima-se que a Índia, a China e os mercados emergentes irão liderar a recuperação económica em 2021. Os Estados Unidos da América será o único país desenvolvido com uma taxa de crescimento económico acima de 6%. Para a região da África Subsaariana antevê-se uma taxa de crescimento de 3,4% em 2021.

Adicionalmente, o cenário de ressurgimento de vagas da COVID-19, o sobre-endividamento público e privado, a volatilidade dos mercados financeiros, a quebra do turismo, os eventos meteorológicos extremos e as tensões sociais, representam factores negativos que podem vir a condicionar a recuperação no continente africano.

No que concerne à economia angolana, e em termos estruturais, continua a verificar-se uma considerável dependência do sector petrolífero e do preço desta matéria-prima nos mercados internacionais, levando, segundo dados do FMI, a um aumento do rácio dívida/PIB de 64% em 2015 para 129% em 2020 em resultado da desvalorização cambial verificada que incide sobre a grande parte da dívida pública, denominada em moeda estrangeira.

Num contexto de crise pandémica COVID-19, e consequente crise económica e social, tanto o Executivo como o FMI, nas suas mais recentes projecções, estimam que a economia nacional apresente um crescimento marginal em 2021 entre 0% de 0,4%, respectivamente.

Para promover a estabilidade macroeconómica, o investimento privado e uma economia mais diversificada, foram introduzidas grandes reformas nos últimos anos — incluindo um imposto de valor acrescentado, uma lei de responsabilidade fiscal, a liberalização do regime cambial e uma lei do investimento privado e das privatizações. No entanto, a pandemia da COVID-19 não permitiu ainda concretizar de forma plena os benefícios esperados com essas medidas.

A pandemia acelerou os esforços para implementar o KWENDA, o primeiro programa de transferências financeiras móveis e instantâneas de dinheiro, que pretende alcançar 1,6 milhões de famílias pobres, num país onde a situação socioeconómica se agravou e com uma taxa de desemprego a manter-se acima de 30%. No entanto, as principais reformas macroeconómicas implementadas antes da pandemia da COVID-19 melhoraram a resiliência do país aos choques externos e, em consequência disso, o FMI tem vindo a considerar que a dívida pública angolana manter-se-á sustentável.

(R)evolução no sector bancário em Angola: o papel das pessoas e da tecnologia

(R)Evolução no sector bancário em Angola: o papel das pessoas e da tecnologia

A tecnologia e a visão de futuro andam de mãos dadas desde que os bancos começaram a incorporar na sua actividade as novidades tecnológicas que foram surgindo ao longo dos tempos. Os bancos foram sendo capazes de incorporar as novas tecnologias, adaptando-as às suas necessidades e, também, contribuindo significativamente para o seu aperfeiçoamento.

Estas tecnologias mudaram e continuam a mudar, de forma significativa, o modo de actuação dos bancos, seja na maneira em como são processadas as informações do negócio, seja no relacionamento com clientes, na estruturação de canais de comercialização ou no desenvolvimento de novos produtos e serviços fazendo com que uma potencial ameaça se torne num verdadeiro aliado da actividade bancária.

Antes de se tornarem amplamente disseminadas, todas essas tecnologias foram, em algum momento, fruto de uma visão de futuro. O *home banking* foi tentado de diversas maneiras pelos bancos desde o aparecimento dos microcomputadores. Até o início da década de 90, do século passado, muitos críticos acreditaram que não haveria procura para esse tipo de serviço, até que com a disseminação da internet os clientes aderiram massivamente ao acesso bancário feito através dos seus computadores. Tendência essa que foi recentemente potenciada fruto da pandemia COVID-19, em que as pessoas se viram confinadas e a sua interacção com a maioria dos serviços passou a ser feita de forma digital. Esta tendência fica patente, em Angola, se analisarmos a evolução do número de operações realizadas através do *home banking*, que passaram de 153 752, em 2015, para 10 684 769 em 2020 (segundo dados da EMIS).

Essa visão de futuro só teve continuidade porque executivos e técnicos insistiram na sua materialização. Ou seja, são as pessoas que criam as condições favoráveis para a superação de obstáculos e a construção e consolidação das novas plataformas tecnológicas.

Apesar de todos esses avanços tecnológicos, a banca angolana depara-se com uma série de constrangimentos, sendo que a introdução de novos processos de natureza tecnológica poderia simplificar e melhorar algumas actividades diárias dos bancos, nomeadamente:

- Interacção personalizada dos bancos com os seus clientes: cada cliente é único e a oferta de produtos e serviços pode ser também única e direccionada para cada cliente;
- Agilidade, rapidez e segurança acrescida na forma como se transfere dinheiro para outros bancos;
- Análise de risco para contratação de crédito dos clientes mais rápida, menos burocrática e evitando papel;
- Desmaterialização do dinheiro físico em digital: mais limpo e seguro;
- Simplificação 'disruptiva' da forma como se licencia a compra de moeda estrangeira e se efectua créditos documentários.

Por outro lado, há que entender as mudanças das expectativas do consumidor. A Deloitte recentemente efectuou um questionário sobre a percepção da banca digital em 17 países, tendo sido recolhida a opinião de cerca de 17 000 pessoas. Deste estudo conclui-se que apesar da taxa de adopção da banca digital ser encorajadora, a mesma assenta meramente na transaccionalidade, e se depara com alguma resistência para matérias mais estruturais, como sejam, no caso dos particulares, o crédito à habitação. Outro dado importante obtido foi o facto que os consumidores emocionalmente ligados ao seu banco são 35% mais valiosos, emergindo daqui a importância do conhecimento aprofundado dos consumidores e de serem criados produtos bancários cada vez mais personalizados. Nesse contexto, a antecipação e a capacidade de ligação emocional ao cliente é um activo cada vez mais valioso e relevante para o sistema bancário.

Desenvolver uma visão de futuro para o sector bancário deve ser um exercício regular. Sendo que essa evolução assentará na capacidade que as pessoas têm em adaptar-se às novas tecnologias, tendo em consideração as expectativas dos consumidores.

Da conjugação destes factores, avançamos com cinco focos para a determinação da evolução do sector bancário:

- Ciência de dados (*data science*);
- Moeda digital;
- Perfil do consumidor;
- Regulação; e
- Cibersegurança.

A **ciência de dados** permitirá o manuseamento, em tempo real, de um grande volume de dados produzidos interna e externamente, em formatos variados, e que irão ajudar a conhecer melhor os clientes e o seu comportamento no relacionamento com o banco e a potenciar a capacidade de antecipação e de oferta personalizada. Essas ferramentas, além de ajudarem na criação de produtos e serviços mais adequados, permitirão o desenvolvimento de competências internas e poderão ter papel decisivo no desenho de processos de negócio mais efectivos e eficientes. Há que ter em consideração que essas ferramentas estão alicerçadas na qualidade e integridade dos dados, pelo que, uma premissa de base para o sucesso deste tipo de iniciativas é a melhoria efectiva da informação constante das bases de dados dos bancos. No entanto, a sua manutenção não deverá ser descurada, devendo ser criados ou reforçados mecanismos que permitam uma recolha de informação, junto dos clientes, de forma célere, eficaz e tempestiva.

A **moeda digital** será um dos vectores de transformação dos sistemas de pagamento nos próximos anos. A sua integração nos telemóveis permitirá a criação de carteiras electrónicas, transferências mais rápidas e eficientes independentemente de localização geográfica e fronteiras monetárias e ampliação da utilização do sistema bancário para camadas sociais que estão hoje à margem dos bancos. Desta forma conseguir-se-á aumentar o nível de bancarização e os bancos aumentarão a base de depósitos para desenvolverem a sua actividade. A alavancagem e disseminação da utilização do pagamento móvel (*mobile money*) deverá servir como complemento ao processo de inclusão financeira da população, bem como o combate à informalidade dos mercados e desta forma permitir uma maior base de produto bancário para os bancos. A digitalização da economia e posterior inclusão financeira poderão trazer largos benefícios à população em geral, quer pelo surgimento de novos empregos, quer pelo aumento dos salários e consequente melhoria da qualidade de vida.



O **consumidor** que emerge deste universo interconectado tem uma visão de mundo e padrões de comportamento que precisam ser mais bem entendidos e captados pelos bancos. A procura de serviços financeiros ágeis, disponíveis em qualquer canal electrónico e associados com actividades desenvolvidas em canais virtuais de convivência social e económica caracteriza o comportamento do consumidor do século XXI. Os clientes tornam-se mais sofisticados e exigentes e terão a expectativa de que os bancos os conheçam, surpreendam, simplifiquem e ganhem a sua confiança, sendo que estes objectivos só serão atingidos com o aumento da qualidade de serviço prestado actualmente pelos bancos. De acordo com o inquérito à qualidade dos serviços bancários na óptica do consumidor/empresas, referente ao 1º trimestre de 2021, o nível de qualidade geral dos serviços bancários é de 7,98 (numa escala de 1 a 10), sendo os deveres de informação e a capacidade de respostas dos bancos as áreas com pior avaliação, ou seja, que carecem de ser melhorados (fonte: Banco Nacional de Angola).

Se em épocas anteriores a grande questão de **regulação** era a fragilidade dos mercados em desenvolvimento, desta vez o principal risco vem dos próprios mercados desenvolvidos. As grandes transformações tecnológicas irão implicar mecanismos de controlo inovadores sobre os meios de pagamento digitais que fluirão entre mercados de todos os cantos do mundo.

A **segurança** e a confiança a ela inerentes são itens indissociáveis do negócio bancário, enfrenta novos desafios com a disseminação do ambiente de convergência digital. Seja pela perspectiva das novas ferramentas tecnológicas utilizadas, seja pelo crescente volume de usuários recém-chegados ao sistema financeiro. Os bancos enfrentarão desafios únicos por forma a garantirem um ambiente seguro para a realização de transações financeiras o que exigirá um esforço adicional em matéria de capacitação de recursos humanos.

Em suma, verifica-se uma dinâmica de constante evolução do uso de tecnologia fortemente influenciada pela visão de futuro e cuja base para a evolução do sector bancário assenta na capacidade das pessoas em adaptar essas tecnologias ao negócio bancário e de elas próprias evoluírem e assegurarem uma adequada capacitação.

Para isso há que assegurar uma **humanização do futuro do trabalho** de forma a maximizar o potencial do capital humano dado que a evolução da tecnologia digital induz automatismo, influencia a localização do trabalho e desafia capacidades e padrões de talento. Essa humanização passará: (i) pela re-arquitectura do trabalho em que o foco passará a estar na eficácia da colaboração entre homem e tecnologia, através da reengenharia de processos; (ii) pelo desbloqueio da força laboral em que o foco estará na actualização do talento, em particular no desenvolvimento de novas competências, cultura corporativa e sentido de propósito comum; e (iii) na adaptação ao local de trabalho em que o foco estará no entendimento e optimização do ambiente de trabalho.

Os investimentos tecnológicos e em recursos humanos constituem os principais desafios para o futuro da banca. No contexto do Estudo agora divulgado e das reflexões aqui apresentadas, a Deloitte continuará a ser um agente activo e um parceiro de referência na apresentação de soluções que permitam responder aos vários desafios de curto prazo na prossecução de um desenvolvimento estrutural de Angola, das suas organizações e da sua população.

Estudo da Banca em Análise 2021

Activos

↑19%

Os activos totais cresceram cerca de 19%, com especial destaque para a rubrica de títulos e valores mobiliários e aplicações, em virtude da sua rentabilidade e menor risco. Este crescimento também foi influenciado pela desvalorização do Kwanza face ao Euro e ao USD em 2020.

Títulos e Valores Mobiliários

↑35%

Os títulos e valores mobiliários cresceram cerca de 35%, tendo este crescimento sido refreado pelos impactos significativos na carteira de Títulos de Dívida Pública, que decorrentes do *downgrade* do *rating* de Angola, representaram um activo menos atractivo.

Rácio de Solvabilidade e Regulamentar

22,8%

Redução de 1,3% no Rácio de Solvabilidade face a 2019, mantendo-se acima do valor mínimo regulamentar com uma margem de segurança, o que demonstra a resiliência do sector.

Crédito Líquido a Clientes

↑10%

O Crédito Líquido a Clientes apresentou um crescimento de 10%, para o qual contribuiu significativamente o incentivo à concessão de crédito, nomeadamente através da publicação do Aviso n.º 10/2020 sobre a concessão de crédito ao sector real da economia. Este crescimento foi atenuado pelo aumento do risco de crédito de clientes decorrente da Pandemia da COVID-19, bem como pelo número reduzido de projectos com viabilidade económica.

Rácio de transformação

↓2 p.p.

Redução do rácio de transformação dos Bancos, em cerca de 2 p.p., passando para 23% em 2020, em virtude dos depósitos captados terem aumentado em maior proporção do que o crédito líquido a clientes. Este aumento dos depósitos é explicado pelo aumento de poupança das famílias motivado pela menor capacidade de consumo decorrente das medidas de emergência definidas para controlar a pandemia em território nacional e pela desvalorização do Kwanza face ao Euro e ao USD em 2020.

Cost-to-income

↑65 p.p.

O rácio *cost-to-income* aumentou 65 p.p. face a 2019, relacionado com a transferência da carteira de crédito malparada do BPC para a Recredit. Sem o contributo do BPC, este rácio registou um aumento de cerca de 4 p.p. para 36% em 2020, em virtude do aumento dos Custos Operacionais dos Bancos a operar no Mercado.

Margem financeira

↑32%

A Margem financeira registou um aumento expressivo de 32%, em função da combinação do aumento dos juros e rendimentos gerados pelos Bancos (cerca de 17%) e uma contracção dos juros e encargos pagos pelos Bancos (cerca de -6%).

Resultados Líquidos

↓237%

O BPC com o maior prejuízo registado da história da banca (524 923 milhões de kwanzas), contribuiu de forma significativa para a redução expressiva dos Resultados Líquidos do Sector. Mesmo sem o contributo do BPC, o sector registou uma redução dos Resultados Líquidos de 32% face a 2019.

* p.p.: pontos percentuais

Bases de preparação do estudo

A análise do sector bancário nacional resulta, à semelhança do que tem sido a metodologia adoptada em edições anteriores, da compilação da informação pública disponibilizada pelos Bancos que actuam no mercado angolano e pelo Banco Nacional de Angola (BNA). Para efeitos de comparação, foram também recolhidos alguns dados referentes a outros mercados, nomeadamente o português, norte-americano, sul-africano e nigeriano.

Os valores agregados, salvo quando expressamente mencionado, resultam da informação do sistema financeiro disponibilizada pelo Banco Nacional de Angola.

O presente Estudo inclui a informação financeira em base individual dos Bancos a operar em Angola durante o ano de 2020, com a excepção do Banco Económico, S.A. para o qual ainda não se encontram disponíveis as Demonstrações Financeiras para o ano de 2019 e 2020. Contudo, foi considerado o contributo do BE na apresentação da informação consolidada do sector, mediante a informação agregada do sector bancário disponibilizada pelo BNA e pela ABANC.

Na Figura 1, são apresentados os Bancos que se encontravam em actividade no final do ano de 2020, sendo que na Figura 2, é apresentado o Banco que, durante o ano de 2020, viu a sua licença revogada devido ao incumprimento dos requisitos mínimos regulamentares ao nível do capital social mínimo e dos fundos próprios regulamentares e, por esse motivo, foi excluído do Estudo, excepto para apresentação da informação agregada com referência a 2019.

Ao longo do Estudo, são apresentados vários *rankings* relacionados com a informação financeira dos Bancos, com vista a fornecer uma visão comparativa do seu desempenho face aos restantes elementos do sector bancário nacional. Em virtude do processo de adopção plena das Normas Internacionais de Contabilidade e de Relato Financeiro (IAS/IFRS) ter sido concluído em 2017, a informação financeira de 2019 e 2020, já foi preparada tendo em consideração este referencial contabilístico, o que permite uma maior comparabilidade.

Adicionalmente, os valores apresentados referentes ao exercício de 2019 foram retirados dos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2019, não tendo sido considerados os saldos reexpressos de 2019 presentes nos Relatórios e Contas com referência a 31 de Dezembro de 2020.

Figura 1 – Bancos em actividade em 2020

Sigla	Designação	Ano de Início de actividade
BPC	Banco de Poupança e Crédito, S.A.	1977
BCI	Banco de Comércio e Indústria, S.A.	1991
BCGA	Banco Caixa Geral Angola, S.A.	1993
BFA	Banco de Fomento Angola, S.A.	1993
BAI	Banco Angolano de Investimentos, S.A.	1997
BCA	Banco Comercial Angolano, S.A.	1999
BSOL	Banco Sol, S.A.	2001
BE	Banco Económico, S.A. *	2002
KEVE	Banco Keve, S.A.	2003
BMF	Banco BAI Micro Finanças, S.A.	2004
BIC	Banco BIC, S.A.	2005
BDA	Banco de Desenvolvimento de Angola	2007
BNI	Banco de Negócios Internacional, S.A.	2007
VTB	Banco VTB África, S.A.	2007
FNB	Finibanco Angola, S.A.	2008
BCH	Banco Comercial do Huambo, S.A.	2010
BVB	Banco Valor, S.A.	2010
SBA	Standard Bank de Angola, S.A.	2010
SCBA	Standard Chartered Bank de Angola, S.A.	2014
YETU	Banco YETU, S.A.	2015
BIR	Banco de Investimento Rural, S.A.	2015
BPG	Banco Prestígio, S.A.	2015
BCS	Banco de Crédito do Sul, S.A.	2015
ATL	Banco Millennium Atlântico, S.A. **	2016
BOCLB	Banco da China Limitada - Sucursal em Luanda	2017

Fonte: BNA-Lista de Instituições autorizadas

* O Banco Económico, S.A. surge da redenominação do Banco Espírito Santo Angola S.A. ocorrida em 2014, após as medidas de saneamento aplicadas pelo BNA.

** Em 2016, o Banco Millennium Angola, S.A. e o Banco Privado Atlântico, S.A. fundiram-se, dando origem ao Banco Millennium Atlântico, S.A..

Figura 2 – Bancos com licença revogada em 2020

Sigla	Designação
BKI	Banco Kwanza Investimento, S.A.

Introdução

No plano económico o ano de 2020 foi marcado essencialmente pela tendência económica desfavorável devido à pandemia da COVID-19, quer a nível nacional, quer a nível internacional, com especial destaque para: (i) a redução acentuada do preço do petróleo, para valores historicamente baixos; (ii) a recessão económica em Angola pelo quinto ano consecutivo; (iii) a desvalorização do Kwanza face a outras moedas de referência e; (iv) as medidas de emergência definidas para controlar a pandemia em território nacional que limitaram o desenvolvimento das actividades, nomeadamente pela redução de horários da restauração, serviços públicos e espaços comerciais. Não obstante, os Bancos mantiveram um conjunto de balcões abertos para servir a população, sendo de enaltecer o esforço efectuado pelos trabalhadores bancários neste período de pandemia, que permitiu manter uma aparente normalidade no funcionamento do Sistema Financeiro Angolano (SFA).

Por outro lado, o ano de 2020 foi também marcado por um conjunto de eventos importantes para o sector bancário, dos quais se destacam: (i) descida da notação de *rating* de Angola pela *Moody's*, de B3 para Caa1, bem como pela agência de notação financeira *Fitch* que baixou o *rating* de Angola de B- para CCC, a qual teve um impacto significativo no apuramento de perdas por imparidade adicionais nas posições soberanas detidas pelos Bancos (i.e. dívida pública da República de Angola e crédito ao Estado); (ii) publicação do Aviso n.º 10/2020, de 3 de Abril, que veio regular os termos e condições para a concessão de crédito ao sector real da economia, no âmbito do Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (PRODESI); (iii) publicação da Lei n.º 05/20, de 27 de Janeiro, sobre a Prevenção e Combate ao Branqueamento de Capitais, Financiamento do Terrorismo e Proliferação de Armas de Destruição em Massa (BC/FT/PADM); (iv) aprovação na generalidade em 2020 e promulgação em Maio de 2021, da Lei do Regime Geral das Instituições Financeiras, que veio contribuir para um alinhamento do enquadramento jurídico das Instituições Financeiras às melhores práticas internacionais e que atesta o BNA como autoridade macroprudencial nacional; (v) programa de compra pelo BNA de Obrigações do Tesouro detidas pelas empresas, para disponibilização de liquidez; (vi) foram decretadas moratórias de pagamento das prestações dos empréstimos para os clientes bancários; (vii) colocação em circulação da nova família do Kwanza “série2020”, que foi introduzida de forma faseada, num processo que terminou em Janeiro de 2021, com a entrada em circulação da nota de 5 000 kwanzas; (viii) publicação

da Lei n.º 40/20 – Lei do Sistema de Pagamento, de 16 de Dezembro, que revogou a lei anterior datada de 2005; (ix) dinamização do mercado cambial com a implementação da plataforma *Bloomberg* que permitiu negociações directas entre os Bancos e as petrolíferas, diamantíferas e o Tesouro Nacional, bem como a adopção da compra de divisas a prazo, que tem vindo a contribuir para a redução da volatilidade da taxa de câmbio do Kwanza face a outras moedas de referência, nomeadamente Euro e Dólar norte-americano; (x) alteração do Código do Imposto Industrial (CII), que trouxe um conjunto de alterações com impacto na actividade bancária, nomeadamente ao nível das variações cambiais não realizadas, bem como ao nível das perdas por imparidade constituídas sobre créditos com garantia; e (xi) foi iniciado em Maio de 2020 o Projecto de Equivalência de Supervisão e Regulação, o qual prevê reforçar a estabilidade financeira, a protecção de consumidores e investidores e a transparência do SFA, em linha com os padrões internacionais, visando facilitar o processo de avaliação da referida equivalência pela Autoridade Bancária Europeia (EBA). Este Projecto prevê um horizonte temporal de 3 anos, e destaca-se o Processo de Avaliação e Revisão pelo Supervisor (SREP), bem como a implementação do Processo de Auto-avaliação da Adequação do Capital Interno (ICAAP) e do Processo de Auto-avaliação da Adequação da Liquidez Interna (ILAAP).

Em função de todas as situações elencadas anteriormente, os Bancos vão sentir cada vez uma pressão maior em virtude do aumento da exigência da regulamentação, bem como da complexidade dos temas, o que torna fundamental aliar o processo de transformação digital ao foco na capacitação dos recursos humanos do SFA.

Ainda no decorrer de 2020 foi dada continuidade à implementação do Programa de Estabilização Macroeconómica (PEM) definido no início de 2018, o qual conta com o acompanhamento do Fundo Monetário Internacional (FMI), ao abrigo do Programa de Financiamento Ampliado, tendo em vista o apoio às reformas económicas já iniciadas com a implementação do PEM.

Por último, relativamente ao exercício de Avaliação da Qualidade dos Activos (AQA) referenciado em 2019 como um dos eventos indeléveis e que produziu ajustes relevantes nas contas dos Bancos no encerramento contabilístico de 2019, importa salientar que durante 2020 os Bancos continuaram a efectuar esforços no sentido de finalizarem a incorporação dos impactos nas suas demonstrações financeiras.

Meios Electrónicos de Pagamento

Em 2020, a utilização dos Meios Electrónicos de Pagamento no mercado nacional demonstra a tendência de crescimento verificada nos últimos anos na utilização dos terminais de pagamentos automáticos (TPA), o que não se verifica na utilização das caixas automáticas (ATM), o que se justifica atendendo ao contexto pandémico que se viveu em 2020, com uma redução no manuseio de dinheiro físico.

O número de Cartões Multicaixa Emitidos¹ apresentaram um aumento de 7,1 milhões em 2019 para 8,4 milhões em 2020, que se traduz num crescimento de cerca de 18%. Por outro lado, os Cartões Multicaixa Activos registaram um aumento de 4,6 milhões em 2019 para 5,1 milhões em 2020, de acordo com os dados divulgados pela Empresa Interbancária de Serviços, S.A. (EMIS), demonstrando um aumento do *gap* entre os cartões Multicaixa emitidos e os cartões Multicaixa Activos.

Relativamente à Rede de Terminais, o número de Caixas Automáticas (ATM) registou um crescimento muito ligeiro de 0,7% e os Terminais de Pagamento Automático (TPA) registaram um aumento de 13%. O número de ATM aumentou de forma residual de 3 125 em 2019 para 3 148 e o número de TPA fixou-se em 130 502 terminais em 2020 face a 115 212 em 2019. No que concerne ao número de transacções, em 2020 verificou-se um decréscimo de aproximadamente 0,9% face a 2019 nas transacções realizadas em ATM, contrariamente ao verificado em TPA que apresentou um crescimento de 15%, situação que se explica pelos impactos da COVID-19 nestes canais de pagamento.

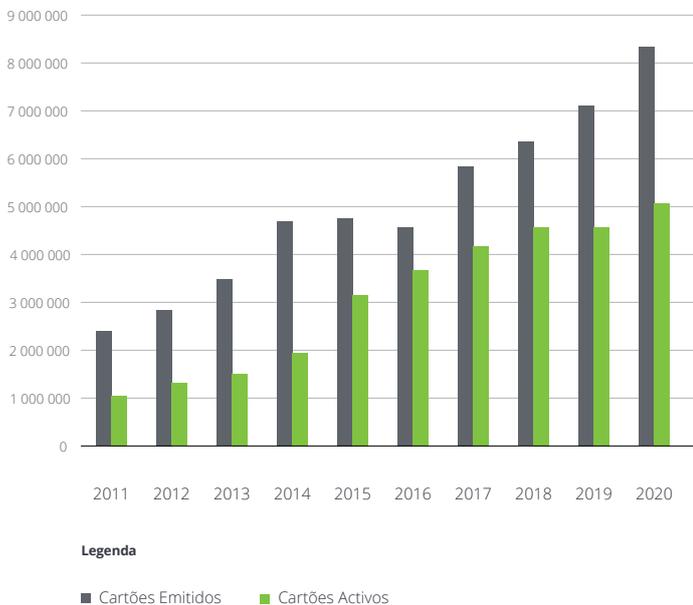
Por outro lado, após o lançamento do Multicaixa Express (MCX), este canal interbancário de pagamentos disponibilizado pela EMIS tem vindo a ganhar muita popularidade, sendo que em 2019 foram registadas cerca de 19,6 milhões de operações, e em 2020, este número registou um aumento expressivo para as 179,6 milhões de operações, o que se traduz num crescimento de cerca de 820%.

Por último, na edição deste ano do Estudo apresentamos também a evolução das transacções e montantes associados aos pagamentos ao Estado por via electrónica, através da Referência Única de Pagamento ao Estado (RUPE), que tem vindo a registar taxas de crescimento muito significativas, quer em montante, quer em número de transacções. A EMIS proporciona este tipo de pagamento na Rede Multicaixa (CA e TPA), no Multicaixa Express, no *internet/mobile banking*, ou nos balcões dos bancos. Em 2019 foram registadas cerca de 2,1 milhões de transacções desta natureza, e em 2020, este número registou um aumento para as 2,3 milhões de transacções, o que se traduz num crescimento de cerca de 9%. Ao nível do montante associado a estas transacções em 2020, o mesmo ascendeu a 1 750 455 milhões de kwanzas, face a 1 132 357 milhões de kwanzas ocorridas em 2019, cifrando-se num aumento percentual de 55%.

¹ **Cartões Multicaixa Emitidos:** total de cartões emitidos, incluem os cartões válidos (incluem os cartões activos e os cartões inactivos), acrescidos dos cartões por activar

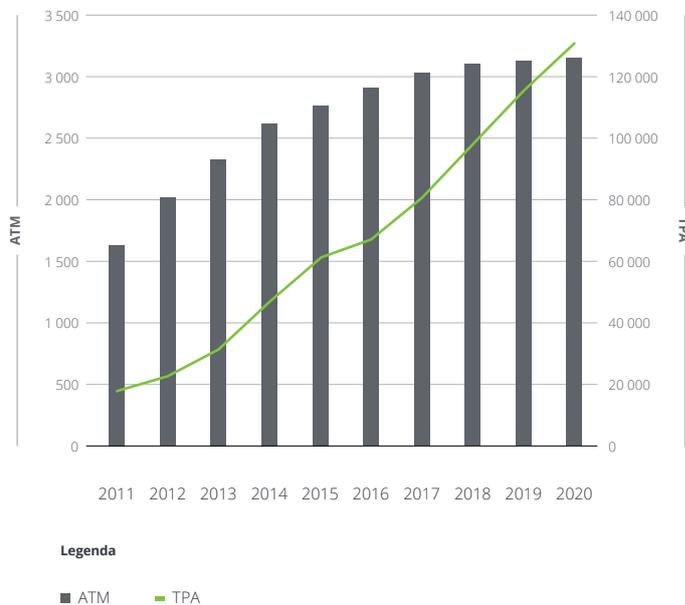


Figura 3 – Cartões Multicaixa



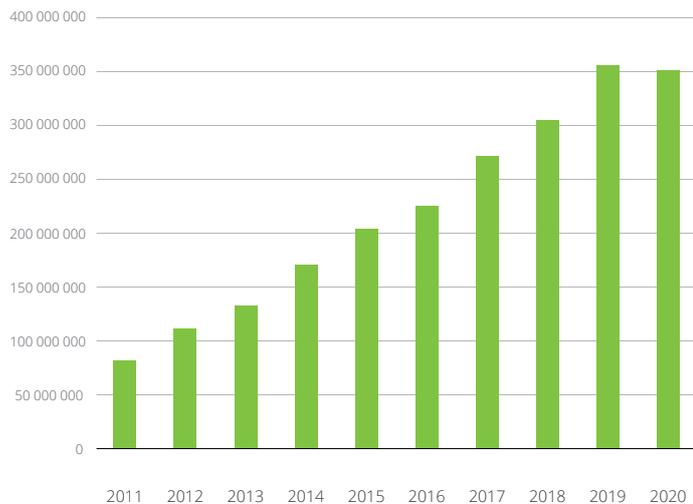
Fonte: EMIS

Figura 4 – Rede de Terminais



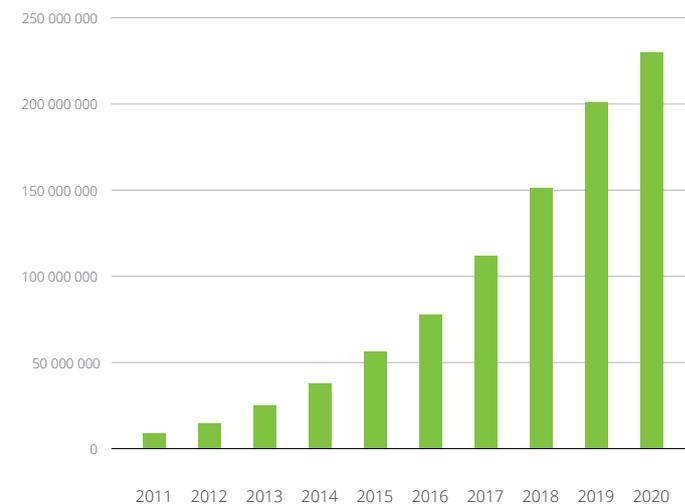
Fonte: EMIS

Figura 5 – Transacções realizadas em ATM



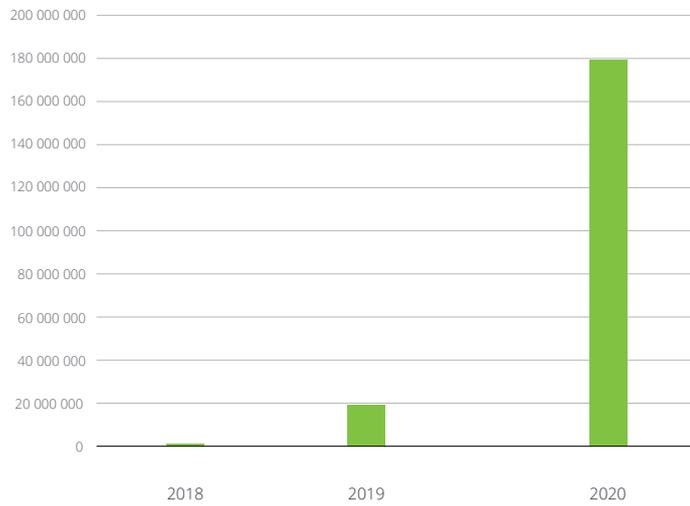
Fonte: EMIS

Figura 6 – Transacções realizadas em TPA



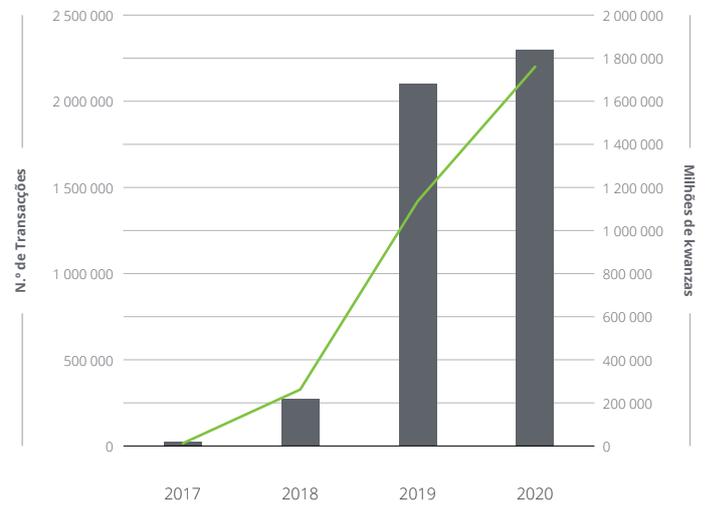
Fonte: EMIS

Figura 7 – Transacções Multicaixa Express



Fonte: EMIS

Figura 8 – Transacções RUPE*

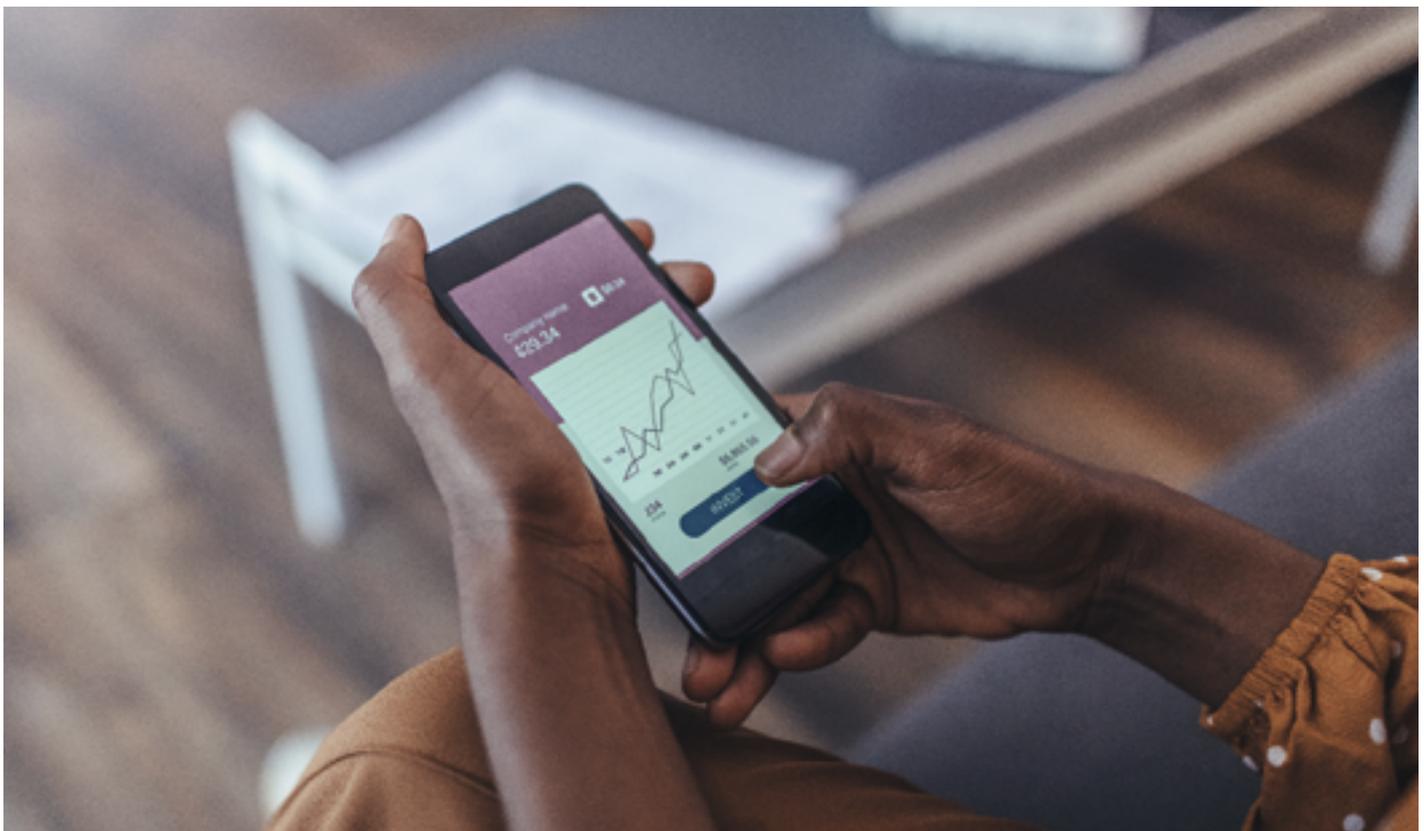


Legenda

■ N.º de Transacções ■ Valor das transacções (Milhões de kwanzas)

* Referência Única de Pagamento ao Estado

Fonte: EMIS



Balcões e Colaboradores

A informação relativa a **Colaboradores** para os anos de 2019 e 2020 resulta da informação pública disponível relativamente a esta matéria. Até 2018 era utilizada informação compilada pela ABANC que à data de elaboração do presente estudo não disponibilizou a informação com referência a 2019 e 2020.

No que respeita à evolução do número de colaboradores no SFA, importa salientar que para os Bancos BE e BVB os últimos valores disponíveis são de 2018, pelo que não foram considerados para esta análise.

Para o ano de 2020, o número de colaboradores registou uma diminuição de 2,9% (de 20 306 colaboradores em 2019 para 19 713 colaboradores em 2020).

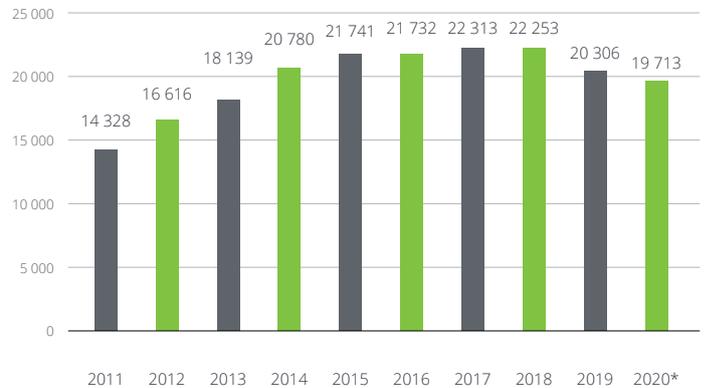
Relativamente aos dois últimos anos, 2019 e 2020, verifica-se a continuação da diminuição do número de colaboradores que tem vindo a ser levada a cabo por parte do BPC, com um decréscimo de cerca de 2 000 colaboradores desde 2018. Também o BNI e o ATL têm levado a cabo um programa de *downsizing*, com uma redução de 218 e 103 colaboradores face a 2019, respectivamente.

A informação relativa a **Balcões** para 2020 resulta da informação pública disponível relativamente a esta matéria. Até 2019 foi utilizada informação compilada pela ABANC, sendo que à data da elaboração do presente estudo não disponibilizou a informação com referência a 2020.

O número de balcões registou igualmente uma diminuição de aproximadamente 8,6% (de 1 844 balcões em 2019 para 1 685 em 2020), com destaque para o encerramento de 60 balcões do BPC, 36 balcões do BCI, 30 balcões do BNI e 29 balcões do Banco SOL.

Em 2019, conforme ilustrado na Figura 9, o nível de concentração geográfica dos balcões existentes em Luanda (53%), Benguela (8%), Huíla (6%) e Huambo (4%) continuam a concentrar a maioria dos balcões existentes a nível nacional, com 67% dos balcões. Não obstante, durante 2019 verificou-se uma redução da concentração geográfica de balcões nestas províncias face ao total de balcões existentes a nível nacional, em cerca de 6%.

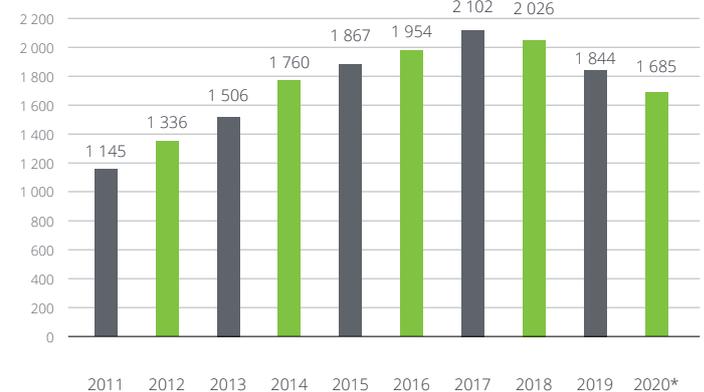
Figura 9 – Evolução do número de colaboradores



* Para o Banco SCBA foram considerados os dados de 2019 por não se encontrarem disponíveis os valores referentes a 2020.

Fonte: ABANC (até 2018) e Relatórios e Contas dos Bancos (2019 e 2020)

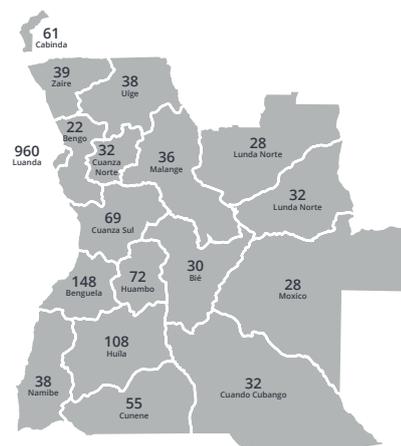
Figura 10 – Evolução do número de balcões



* Para o Banco SCBA foram considerados os dados de 2019 por não se encontrarem disponíveis os valores referentes a 2020.

Fonte: ABANC (até 2019) e Relatórios e Contas dos Bancos (2020)

Figura 11 – Dispersão geográfica dos balcões em 2019



Fonte: ABANC

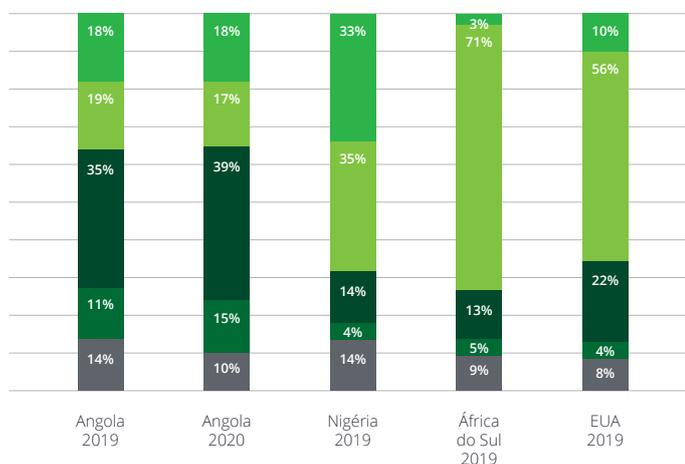
Estrutura de Activos

O peso do crédito sobre clientes na estrutura global de activos, em 2020, registou uma diminuição de 2 pontos percentuais face ao seu peso em 2019, passando de 19% para 17%, mesmo considerando a entrada em vigor do Aviso n.º 10/2020, que veio estabelecer regras para os Bancos concederem crédito com base no valor do seu Activo, mas cuja a aplicação tem vindo a deparar-se com alguns constrangimentos, nomeadamente pelo número reduzido de projectos com viabilidade económica.

Com esta tendência de diminuição verificada nos últimos anos, o peso do crédito na estrutura global de activos ainda está a ficar mais aquém dos valores registados em mercados mais maduros, nomeadamente a África do Sul, Nigéria e EUA.

Em contrapartida, o peso dos títulos e valores mobiliários continua a ser superior ao verificado em mercados mais maduros, fruto da exposição significativa dos Bancos nacionais à dívida pública angolana, tendo o seu peso em 2020 aumentado face a 2019, representado agora cerca de 39% do total da estrutura de Activos do SFA.

Figura 12 – Estrutura de Activos



Legenda

- Caixa e disponibilidades
- Crédito sobre clientes
- Títulos e valores mobiliários
- Outros activos remunerados
- Outros valores



Activos Totais

Visão Agregada

O valor total dos activos dos Bancos em análise ascendeu a 16 822 321 milhões de kwanzas no final do exercício de 2020, correspondendo a um crescimento de aproximadamente 19%, face ao exercício de 2019. Este montante não inclui os contributos do BE, uma vez que ainda não publicou as suas contas com referência a 31 de Dezembro de 2019 e 2020.

O valor total dos activos dos Bancos tem vindo a apresentar uma tendência de crescimento muito acentuado desde 2012, tendo-se verificado um aumento de 185% até 2020, ao qual não tem sido alheio a desvalorização cambial do Kwanza face ao dólar norte-americano e ao euro, entre 2017 e 2020.

Posição relativa dos Bancos

Depois de, no ano de 2017, o *ranking* do total de activos ter sido liderado pelo BPC, o BAI assumiu essa liderança em 2018, tendo vindo a consolidar a mesma durante os exercícios de 2019 e 2020, com um total de 2 641 703 milhões de kwanzas e 3 056 904 milhões de kwanzas, respectivamente.

No exercício de 2020, a posição relativa entre os cinco maiores Bancos manteve-se sem alterações face a 2019, como o BFA permanece como o 2.º Banco com maior activo total, o BPC na 3.ª posição, BIC e ATL como 4.º e 5.º Bancos do *ranking*, respectivamente.

Adicionalmente, no final de 2020, os cinco maiores Bancos representam 71,9% do total dos activos dos Bancos em estudo e o seu activo registou um aumento de cerca de 18,5%. Em 2019, este indicador ascendeu 72,4%.

Importa referir que a exclusão do BE do *ranking* de 2020 e 2019, por indisponibilidade de informação, pode resultar na alteração das conclusões agora indicadas, nomeadamente no que diz respeito ao nível de concentração do total de activos, face à sua dimensão e eventual evolução registada em 2020.

Figura 13 – Evolução do Total de Activos



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Figura 14 – Ranking Total de Activos

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	3 056 904	1	BAI	2 641 703
2	BFA	2 874 900	2	BFA	2 195 058
3	BPC	2 353 256	3	BPC	2 024 089
4	BIC	2 052 121	4	BIC	1 740 931
5	ATL	1 749 990	5	ATL	1 601 479
6	SBA	880 282	6	SBA	606 237
7	BSOL	663 881	7	BSOL	602 708
8	BCGA	610 001	8	BCGA	547 100
9	BDA	497 620	9	BDA	529 629
10	BCI	467 363	10	BNI	377 772
11	BNI	440 521	11	VTB	184 705
12	VTB	198 895	12	KEVE	176 206
13	KEVE	172 185	13	BCI	173 266
14	FNB	139 756	14	FNB	129 874
15	BIR	118 095	15	BCS	106 798
16	BCS	99 231	16	BCA	93 470
17	BCA	97 120	17	BIR	80 533
18	BVB	65 537	18	BVB	64 275
19	BOCLB	60 370	19	SCBA	51 085
20	SCBA	58 150	20	BCH	45 665
21	YETU	51 653	21	YETU	42 490
22	BCH	48 636	22	BPG	41 170
23	BPG	45 238	23	BMF	21 289
24	BMF	20 616	24	BOCLB	14 348
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Crédito Líquido sobre Depósitos

Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em análise, em 2020 verificou-se uma redução do rácio de transformação dos Bancos, em cerca de dois pontos percentuais, tendo este rácio assumido o valor de 23% em 2020, face aos 25% verificados em 2019.

Embora o crédito líquido a clientes tenha subido em 2020 face a 2019 (cerca de 10%), os depósitos captados aumentaram em maior proporção (cerca de 21%), decorrente do aumento da poupança das famílias e o efeito cambial dos depósitos denominados em moeda estrangeira.

Adicionalmente, verificou-se uma diferença de aproximadamente 61 pontos percentuais, entre o sector bancário nacional e os mercados mais maduros, tais como a África do Sul e Portugal, no que diz respeito ao rácio de Crédito Líquido sobre Depósitos.

Posição relativa dos Bancos

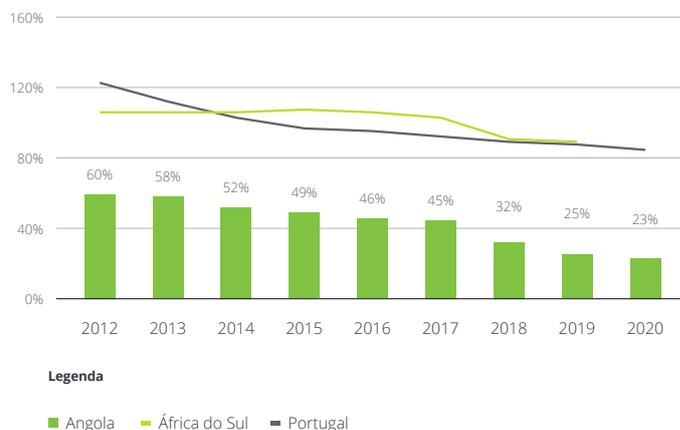
Em 2020, os cinco Bancos que apresentaram o maior rácio de transformação foram o BOCLB, BIC, o KEVE, o BCS e BSOL, para os quais foi apurado, um rácio de transformação de 1821%, 49%, 48%, 44%, 39%, respectivamente.

Relativamente a este rácio, importa destacar a diminuição do ATL, resultante do aumento do crédito concedido inferior ao aumento dos depósitos captados, sendo que a moderação do crédito concedido é reflexo das incertezas impostas pela actual situação pandémica e da política monetária restritiva.

Por outro lado, o BOCLB e BIC passaram a ser os Bancos com maior rácio de transformação do mercado, em 2020, passando a ocupar a primeira e segunda posição respectivamente, fruto da variação de 3% e 46% em 2019 para 1 821% e 49% em 2020. Relativamente ao BOCLB, a variação abrupta justificou-se por um lado, pelo aumento significativo da concessão de crédito a clientes e, por outro, a diminuição acentuada nos depósitos captados.

O BCS também registou um aumento significativo do seu rácio de transformação fruto do crescimento significativo do crédito concedido a clientes (cerca de 50%), bem como da redução dos depósitos captados (cerca de 37%).

Figura 15 – Crédito Líquido sobre Depósitos



Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 16 – Ranking Rácio de transformação (Crédito líquido/depósitos totais)

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	1821%	1	BIC	47%
2	BIC	49%	2	BSOL	46%
3	KEVE	48%	3	KEVE	43%
4	BCS	44%	4	ATL	36%
5	BSOL	39%	5	BNI	28%
6	BNI	37%	6	FNB	26%
7	BIR	34%	7	BCI	25%
8	ATL	30%	8	BCGA	25%
9	BCGA	23%	9	SBA	21%
10	SBA	20%	10	BFA	20%
11	FNB	20%	11	BAI	20%
12	BVB	18%	12	BIR	19%
13	YETU	16%	13	BCS	18%
14	BCA	15%	14	BCA	18%
15	BPG	15%	15	BVB	14%
16	BFA	15%	16	BMF	7%
17	BAI	14%	17	YETU	6%
18	BCI	11%	18	BPG	6%
19	BMF	8%	19	VTB	4%
20	VTB	6%	20	SCBA	4%
21	BCH	5%	21	BOCLB	3%
22	BPC	4%	22	BPC	3%
23	SCBA	1%	23	BCH	0,4%
24	BDA*	n.a.	24	BDA*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Crédito a Clientes

Visão Agregada

Considerando os Bancos analisados, o total de crédito líquido ascendeu a 2 921 048 milhões de kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 10% face a 2019, pelo que a diminuição verificada entre 2018 e 2019 inverteu neste último ano.

A evolução do crédito líquido concedido pelos Bancos apresentou uma redução acumulada de aproximadamente 18% de 2016 a 2019, explicada essencialmente pela implementação das medidas definidas no âmbito do AQA (2019) e, existência de políticas mais rigorosas de concessão de crédito. Em 2020, a tendência decrescente verificada inverteu-se pelo impacto das medidas para estimular o financiamento adoptadas pelo Governo Angolano, bem como pela depreciação do Kwanza.

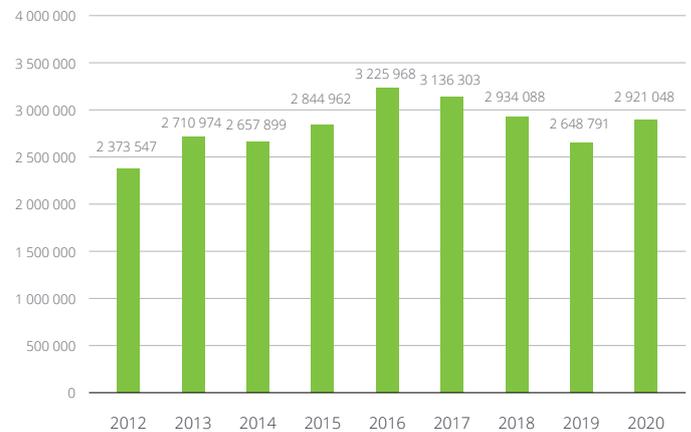
A evolução apresentada não considera a informação relativa ao BE pelo motivo já referido.

A evolução do crédito concedido em moeda nacional e estrangeira tem vindo a consolidar a tendência iniciada em 2017 de um aumento do peso do crédito em moeda estrangeira face ao crédito total.

No exercício de 2020, o crédito em moeda estrangeira representou aproximadamente 39% do crédito total concedido, sem variação face ao verificado no exercício de 2019.

Para este aspecto, contribui de forma muito significativa o efeito da depreciação cambial do Kwanza face ao Dólar norte-americano e ao Euro verificado desde 2017.

Figura 17 – Evolução do Crédito Líquido a Clientes



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Figura 18 – Estrutura de Créditos por Moeda



Legenda

■ Moeda Nacional ■ Moeda Estrangeira

Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2020

Posição Relativa dos Bancos

No que diz respeito ao posicionamento dos cinco Bancos com um maior volume de crédito líquido, o BIC manteve a posição de liderança com o maior volume de concessão de crédito, tal como o BFA e BSOL, que mantiveram a 4.ª e 5.ª posição respectivamente. Relativamente aos restantes lugares, o ATL ascendeu à 2.ª posição, ultrapassando o BAI que desceu para a 3.ª posição.

Adicionalmente, no final do ano de 2020, os cinco maiores Bancos representam 69,2% do total do crédito líquido a clientes concedidos pelos Bancos em estudo. Em 2019, este rácio ascendeu a 75,6%, verificando-se uma diminuição na concentração do crédito concedido no exercício de 2020.

Importa referir que a exclusão do BE do *ranking* de 2020 e 2019, por indisponibilidade de informação.

Figura 19 – *Ranking* Crédito Líquido a Clientes

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIC	662 838	1	BIC	563 100
2	ATL	454 271	2	BAI	448 712
3	BAI	366 759	3	ATL	442 701
4	BFA	333 373	4	BFA	327 937
5	BSOL	204 909	5	BSOL	219 326
6	BDA	201 754	6	BDA	147 654
7	SBA	140 309	7	BCGA	112 377
8	BNI	126 527	8	SBA	91 505
9	BCGA	119 781	9	BNI	87 423
10	BPC	64 608	10	KEVE	51 285
11	KEVE	61 517	11	BCI	45 684
12	BCI	46 990	12	BPC	41 725
13	BOCLB	38 684	13	FNB	22 786
14	BIR	26 577	14	BCS	11 734
15	FNB	20 047	15	BIR	9 917
16	BCS	17 588	16	BCA	7 649
17	VTB	10 604	17	BVB	6 305
18	BVB	8 524	18	VTB	5 659
19	BCA	5 951	19	YETU	1 602
20	YETU	4 481	20	BPG	1 381
21	BPG	2 962	21	SCBA	1 214
22	BMF	854	22	BMF	850
23	BCH	848	23	BOCLB	170
24	SCBA	290	24	BCH	70
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

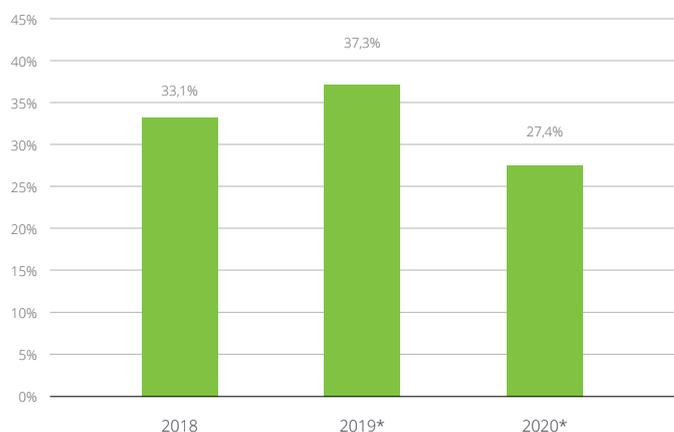
* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

No que se refere ao rácio de crédito vencido, e de acordo com as Demonstrações Financeiras em análise, registou-se uma diminuição para os 27,4% em 2020, sendo que em 2019 este rácio foi de aproximadamente 37,3%.

Caso não fosse considerado o BPC neste rácio, observar-se-ia um rácio de crédito vencido de 15,4% e de 17,8% em 2019 e 2020, respectivamente.

Figura 20 – Rácio de Crédito Vencido



* O BE foi excluído da análise por indisponibilidade de informação.

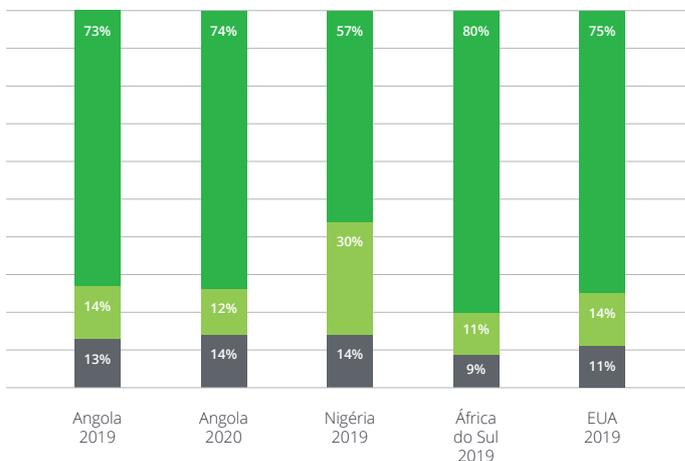
Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Estrutura de *Funding*

Na estrutura de *funding* do activo, as alterações foram pouco significativas, tendo-se verificado um aumento pouco expressivo do peso dos Depósitos de clientes, de 73% para 74%, a qual foi compensada pela diminuição do peso relativo dos Outros passivos.

Adicionalmente, verifica-se que o peso dos fundos próprios na estrutura de *funding* registou um ligeiro aumento de 13% para 14%, sendo superior face a outros mercados mais maduros, nomeadamente África do Sul.

Figura 21 – Estrutura de *Funding*



Legenda

- Depósitos de clientes
- Outros passivos
- Fundos próprios

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Bancos Centrais; Demonstrações Financeiras dos Bancos



Depósitos de Clientes

Visão Agregada

De acordo com a informação disponibilizada pelo BNA, o valor total dos depósitos no sector bancário nacional era de cerca de 12 028 mil milhões de kwanzas no final de 2020, o que representa um aumento de, aproximadamente, 22% face a 2019.

O valor total dos depósitos tem vindo a apresentar um crescimento acentuado desde 2014, tendo-se verificado um aumento entre 2014 e 2020 de cerca de 150%.

No que diz respeito à composição dos depósitos por natureza, o valor dos depósitos a prazo situa-se acima dos 6 436 mil milhões de kwanzas, representando cerca de 54% do total de depósitos, enquanto que os depósitos à ordem ultrapassam os 5 592 mil milhões de kwanzas.

Figura 22 – Evolução dos Depósitos por Natureza



Legenda

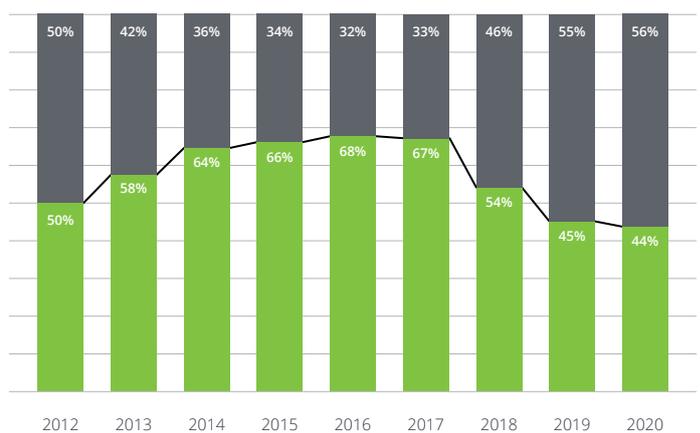
■ Depósitos à ordem ■ Depósitos a prazo Unidade: Milhões de kwanzas

Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2020

De acordo com os dados publicados pelo BNA, o peso dos depósitos em moeda nacional manteve a tendência de decréscimo em detrimento da moeda estrangeira, embora em 2020 esta tendência tenha desacelerado, passando os depósitos em moeda nacional a representar 44% dos depósitos totais em 2020, o que corresponde a uma diminuição de apenas um ponto percentual face a 2019.

O aumento do peso dos depósitos em moeda estrangeira está de forma global relacionado com a desvalorização cambial acentuada do Kwanza face ao Dólar norte-americano e ao Euro, verificada entre 2018 e 2020.

Figura 23 – Estrutura dos Depósitos por Moeda



Legenda

■ Moeda Nacional ■ Moeda Estrangeira

Fonte: Boletim Estatístico do BNA com referência a Dezembro de 2020

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita aos depósitos de clientes, não se verificaram alterações expressivas relativamente aos cinco maiores Bancos, com o BAI a manter a liderança, seguido do BFA e ATL que subiu uma posição face a 2019, ocupando a terceira posição, destronando o BPC do TOP3.

O SBA tem vindo a registar um crescimento de depósitos de clientes assinalável nos últimos anos e já ocupa o 6.º lugar do *ranking* com uma margem confortável face ao 7.º lugar.

Por último, no final de 2020, os cinco maiores Bancos em estudo representam, aproximadamente, 74% do total dos depósitos captados pelos Bancos, mantendo-se esta quota de mercado similar face ao exercício de 2019, o que atesta o nível de concentração elevado que existe nos depósitos de clientes.

Figura 24 – *Ranking* Depósitos de Clientes

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BAI	2 704 506	1	BAI	2 285 012
2	BFA	2 252 203	2	BFA	1 622 898
3	ATL	1 523 971	3	BPC	1 440 365
4	BPC	1 443 704	4	ATL	1 234 986
5	BIC	1 346 637	5	BIC	1 202 785
6	SBA	691 667	6	BSOL	478 737
7	BSOL	525 162	7	BCGA	457 217
8	BCGA	520 078	8	SBA	432 183
9	BCI	417 106	9	BNI	310 677
10	BNI	344 278	10	BCI	185 153
11	VTB	164 037	11	VTB	145 239
12	KEVE	128 132	12	KEVE	120 640
13	FNB	102 640	13	FNB	86 951
14	BIR	79 244	14	BCS	64 501
15	BVB	48 559	15	BIR	53 461
16	BCS	40 340	16	BVB	45 934
17	BCA	38 966	17	BCA	43 169
18	SCBA	38 918	18	SCBA	33 491
19	YETU	27 664	19	YETU	24 774
20	BPG	19 599	20	BPG	24 494
21	BCH	15 782	21	BCH	18 268
22	BMF	11 127	22	BMF	12 493
23	BOCLB	2 124	23	BOCLB	5 048
24	BDA*	n.a.	24	BDA*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Capitais Próprios

Visão Agregada

O valor total dos capitais próprios dos Bancos em análise ascendeu 2 358 mil milhões de kwanzas no final do exercício de 2020, o que correspondeu a um reforço dos capitais próprios por parte do sector bancário, de cerca de 31% face a 2019, mesmo sem considerar a informação relativa ao BE.

O valor total dos capitais próprios tem vindo a apresentar uma clara tendência de crescimento desde 2012, tendo-se verificado um aumento entre 2012 e 2020 a rondar os 288%.

Posição relativa dos Bancos

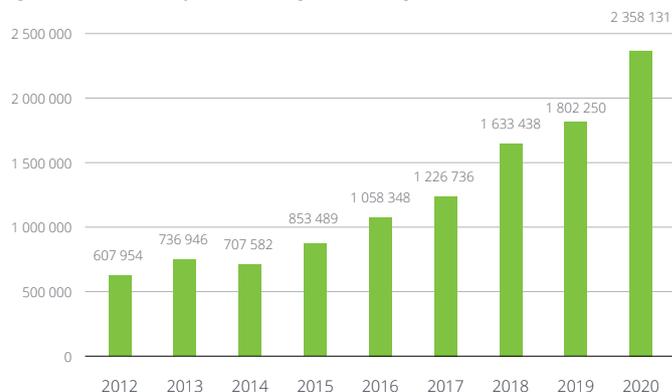
No que respeita aos capitais próprios, verificou-se que o BFA continua a assumir a liderança face a 2019, com um total de 497 977 milhões de kwanzas, que corresponde a um aumento de aproximadamente 7,7%, fruto da incorporação em Reservas que cresceu 20,1% em parte explicada pela incorporação do Resultado Líquido do exercício de 2019.

Na 2.ª e 3.ª posições encontra-se o BIC e BAI, que mantiveram a posição face a 2019.

O BDA ocupa agora a 4.ª posição por troca com o ATL que desceu para a 5.ª posição, sendo que esta alteração é explicada pelo impacto da incorporação nos Fundos Próprios do BDA do Resultado Líquido do Exercício de 2019, que ascendeu a 86 312 milhões de kwanzas.

Adicionalmente, importa salientar o reforço significativo dos Capitais Próprios no BPC e no BCI, que fruto do Plano de Recapitalização e Reestruturação (PRR) que foram alvo, passaram de Capitais Próprios negativos de 82 120 milhões de kwanzas e 40 962 milhões de kwanzas, respectivamente, para Capitais Próprios positivos de 91 453 milhões de kwanzas e 26 257 milhões de kwanzas, respectivamente.

Figura 25 – Evolução dos Capitais Próprios



Fonte: ABANC; Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Figura 26 – Ranking dos Capitais Próprios

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	497 977	1	BFA	462 206
2	BIC	482 697	2	BIC	363 719
3	BAI	291 371	3	BAI	298 166
4	BDA	220 059	4	ATL	163 318
5	ATL	178 957	5	BDA	156 476
6	SBA	116 982	6	SBA	95 666
7	BPC	91 453	7	BCGA	76 607
8	BCGA	78 429	8	BSOL	42 440
9	BSOL	73 040	9	BCS	33 847
10	BCS	38 200	10	BCA	29 761
11	BCA	34 967	11	KEVE	29 490
12	KEVE	31 197	12	BCH	24 760
13	BCH	30 968	13	FNB	22 028
14	FNB	27 704	14	BNI	21 582
15	BCI	26 257	15	VTB	18 514
16	BNI	24 947	16	BVB	14 943
17	BIR	23 202	17	BIR	14 770
18	VTB	20 783	18	YETU	14 359
19	YETU	16 658	19	BPG	12 004
20	BVB	14 683	20	SCBA	8 650
21	BPG	12 407	21	BMF	8 077
22	SCBA	9 846	22	BOCLB	6 829
23	BMF	8 655	23	BCI	- 40 962
24	BOCLB	6 693	24	BPC	- 82 120
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Produto Bancário

Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, a margem financeira no final do exercício de 2020 ascendeu a 756 293 milhões de kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 32% face a 2019. A margem complementar no final de 2020 fixou-se em valor negativo de 184 868 milhões de kwanzas, o que corresponde a uma diminuição de cerca de 126% face a 2019. Este valor é impactado pelo BPC, que caso não fosse considerado, a margem complementar apresentava uma subida de 8%, sendo apresentado na Figura 27.b, as componentes do Produto Bancário excluindo o BPC, em virtude do impacto que este Banco tem na análise destes indicadores.

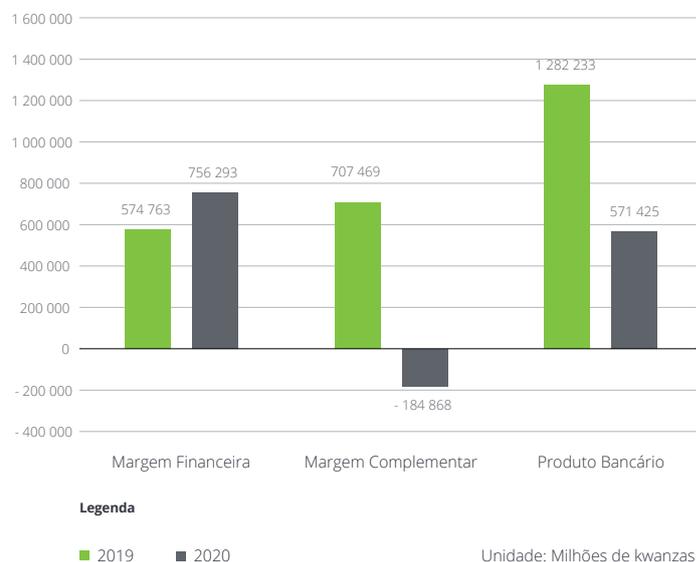
A variação destas duas componentes levou a uma redução de aproximadamente 55% no produto bancário em 2020, que passou de 1 282 233 milhões de kwanzas em 2019 para 571 425 milhões de kwanzas em 2020.

Caso o BPC não fosse considerado no Estudo, o produto bancário dos Bancos em análise tinha registado um crescimento de 11% face a 2019.

No que respeita às principais variações na margem complementar (excluindo o BPC), destaca-se o impacto positivo dos resultados de activos financeiros e dos resultados de alienação de outros activos, que registaram uma variação positiva face a 2019 de 88 669 milhões de kwanzas, tendo esta variação sido atenuada pela contracção dos resultados cambiais de 2020, que reduziram 18 566 milhões de kwanzas face a 2019.

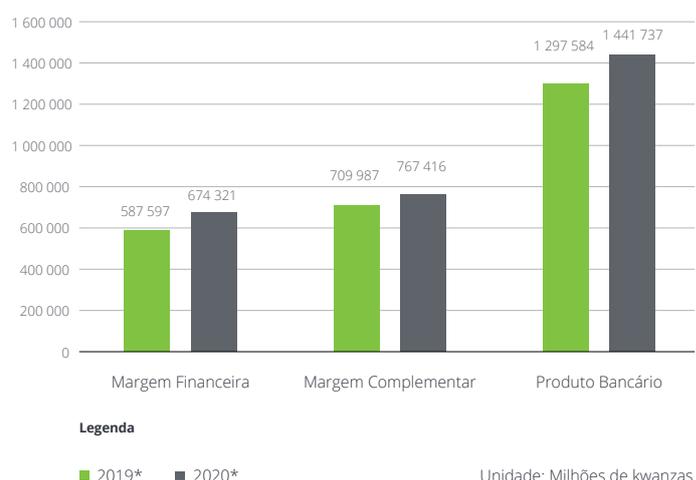
A informação apresentada poderia sofrer algumas alterações caso existisse informação disponível relativamente ao BE, para 2019 e 2020.

Figura 27.a – Componentes do Produto Bancário – Total



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 27.b – Componentes do Produto Bancário – Excluindo o BPC



* Esta análise não considera o BPC

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita a este indicador, verificou-se que o BFA atingiu a liderança em 2020, tendo apresentado um total de produto bancário de 274 224 milhões de kwanzas, o que corresponde a um aumento de cerca de 31% comparativamente ao ano de 2019, o qual teve um contributo significativo dos resultados cambiais e de rendimentos de serviços e comissões.

Ainda relativamente ao produto bancário, importa salientar que a posição relativa entre os cinco maiores Bancos sofreu várias alterações, uma vez que o BIC e o BAI passaram a ser o 2.º e 3.º, respectivamente, descendo uma posição cada um. O BDA e o ATL mantiveram-se em 4.º e 5.º lugar.

O BE não foi considerado nos *rankings* de 2020 e 2019 por indisponibilidade de informação financeira.

Por último, o BPC manteve a evolução negativa em relação ao produto bancário, tendo registado uma diminuição de -15 351 milhões de kwanzas em 2019, para um produto bancário negativo de 870 312 milhões de kwanzas, mantendo o último lugar dos Bancos considerados neste estudo, para o qual contribuiu essencialmente o valor registado na rubrica de "Outros resultados de exploração" justificado pelo reconhecimento da menos-valia na cessão de 80% da carteira de crédito malparado à RECREDIT.

Figura 28 – *Ranking* Produto Bancário

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	274 224	1	BIC	272 728
2	BIC	262 181	2	BAI	215 257
3	BAI	233 042	3	BFA	209 869
4	BDA	133 207	4	BDA	123 994
5	ATL	108 389	5	ATL	102 600
6	SBA	83 429	6	SBA	61 106
7	BNI	50 477	7	BSOL	48 125
8	BCGA	42 594	8	BCGA	39 382
9	BSOL	42 051	9	BNI	38 882
10	KEVE	30 066	10	KEVE	35 132
11	BCI	26 893	11	BCS	26 888
12	BCS	23 626	12	BCI	20 283
13	BIR	20 933	13	BCA	17 555
14	VTB	20 631	14	VTB	15 425
15	BCA	17 377	15	FNB	13 427
16	FNB	16 628	16	BVB	10 602
17	YETU	11 575	17	BIR	10 477
18	BPG	10 234	18	BCH	10 172
19	BCH	9 762	19	YETU	9 357
20	BVB	9 717	20	BPG	8 375
21	SCBA	7 266	21	SCBA	4 221
22	BMF	4 332	22	BMF	2 955
23	BOCLB	3 102	23	BOCLB	- 110
24	BPC	- 870 312	24	BPC	- 15 351
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Custos operacionais, provisões e imparidades líquidas e outros custos

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos em estudo, as dotações líquidas de provisões e imparidades registaram uma redução significativa face a 2019, tendo em 2020 atingido o montante de -24 043 milhões de kwanzas, comparativamente aos 486 400 milhões de kwanzas em 2019, sendo que este número está muito influenciado pela reversão de imparidade da carteira de crédito registada pelo BPC no âmbito da transferência de uma parte significativa da sua carteira para a RECREEDIT. Caso o BPC não fosse considerado no Estudo, o total das provisões e das imparidades líquidas em 2020 tinham ascendido a 386 353 milhões de kwanzas, face a 164 934 milhões de kwanzas em 2019, o que reflecte uma variação de cerca de 134%. Este impacto é em grande medida explicado pelo reforço de imparidade efectuado na Carteira de Títulos de Dívida Pública, decorrentes do *downgrade* do *rating* de Angola.

Devido a estes efeitos, é apresentado na Figura 29.b, as componentes de Custos operacionais, Provisões e Imparidades líquidas e Outros custos expurgando o efeito do BPC, em virtude do impacto que este Banco tem na análise destes indicadores.

Os Custos operacionais no ano de 2020 ascenderam a 585 650 milhões de kwanzas, o que corresponde a um aumento de aproximadamente 20% face a 2019.

Os Outros custos registaram uma redução de cerca de 6% face a 2019, relacionado com a diminuição da rubrica dos impostos sobre os resultados correntes entre 2020 e 2019.

É de referir que os valores agora apresentados não incluem o contributo do BE, por indisponibilidade de informação financeira e que, com elevada probabilidade originaria alterações aos números apresentados.

Figura 29.a – Custos operacionais, provisões e imparidades líquidas e outros custos – Total



Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Figura 29.b – Custos operacionais, provisões e imparidades líquidas e outros custos – Excluindo o BPC



* Esta análise não considera o BPC.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Resultados Líquidos

Visão Agregada

O total do resultado líquido do sector bancário nacional registou uma redução para um valor negativo acumulado de 165 927 milhões de kwanzas, o que representa uma redução de cerca de 237% face a 2019. Esta variação, é explicada quase na sua maioria pelo contributo resultante do aumento dos Outros resultados de exploração, justificado pelo reconhecimento da menos-valia na cessão de 80% da carteira de crédito malparado do BPC à RECREDIT.

Devido aos impactos resultantes dos resultados negativos apresentados pelo BPC nos últimos 2 anos, apresentamos na Figura 30, o gráfico com a evolução dos resultados considerando também a não inclusão do BPC na informação.

Considerando a exclusão do BPC desta análise, os Resultados Líquidos em 2020 tinham registado um decréscimo de 32% face a 2019, o que revela que a Banca teve um ano particularmente desafiante em virtude do contexto pandémico.

Adicionalmente, também se registou um aumento dos custos de estrutura dos Bancos de forma generalizada, que não foi compensado pelo aumento da margem financeira.

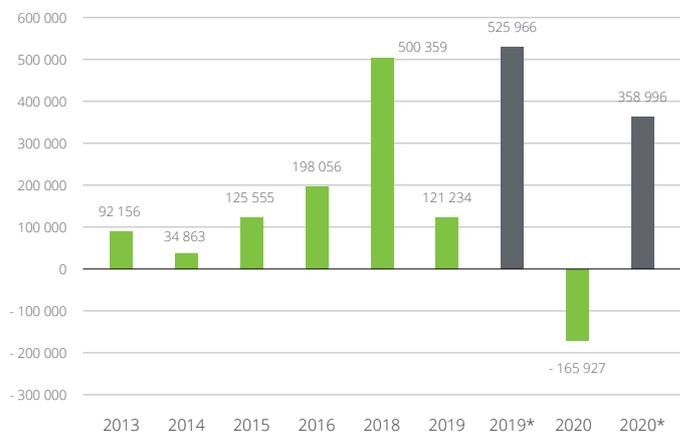
Importa salientar que a indisponibilidade de informação relativamente ao BE pode ser susceptível de alterar as conclusões agora indicadas.

Posição Relativa dos Bancos

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente Estudo, em 2020 verificou-se a manutenção da liderança do BFA, seguido de muito perto pelo BDA que subiu uma posição, face a 2019, ultrapassando o BAI que ocupou a 2.ª posição. O 5.º lugar do *ranking* é ocupado pelo BIC que desceu uma posição, face a 2019, que era ocupado, pelo SBA que por sua vez subiu duas posições (passou para 3.ª posição).

O prejuízo de 524 923 milhões de kwanzas apresentado pelo BPC em 2020, é o maior prejuízo da história da banca angolana, sendo que nos últimos anos tem vindo a apresentar prejuízos sucessivos.

Figura 30 – Evolução dos Resultados Líquidos



* Esta análise não considera o BPC

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Figura 31 – Ranking Resultados Líquidos

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BFA	89 849	1	BFA	119 940
2	BDA	74 560	2	BAI	118 733
3	SBA	36 131	3	BDA	86 312
4	BAI	28 672	4	BIC	70 657
5	BIC	21 289	5	SBA	32 128
6	ATL	15 592	6	ATL	30 465
7	BCGA	12 493	7	BCGA	21 383
8	BIR	11 617	8	BCS	14 647
9	VTB	10 080	9	BCA	10 890
10	BCS	9 353	10	VTB	8 679
11	BSOL	8 819	11	BCH	7 164
12	BCA	6 799	12	BIR	5 572
13	BCH	6 208	13	FNB	5 501
14	FNB	5 667	14	BVB	5 423
15	BVB	4 380	15	YETU	4 483
16	BCI	4 198	16	BSOL	4 049
17	YETU	4 140	17	BPG	3 576
18	BPG	3 621	18	KEVE	2 703
19	BNI	3 402	19	BNI	2 502
20	KEVE	1 707	20	BMF	402
21	BMF	578	21	SCBA	- 822
22	SCBA	- 21	22	BOCLB	- 1 715
23	BOCLB	- 136	23	BCI	- 26 190
24	BPC	- 524 923	24	BPC	- 404 732
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em milhões de kwanzas)

Rentabilidade

Visão Agregada

No ano de 2020, o Retorno dos Activos Médios (ROAA), bem como o Retorno dos Fundos Próprios Médios (ROAE) dos Bancos analisados reduziram face ao ano de 2019, cerca de 2 pontos percentuais e 15 pontos percentuais, respectivamente.

Relativamente à Margem Financeira em percentagem dos activos, este indicador registou um aumento em 2020, de cerca de 0,6 pontos percentuais.

Caso não fosse considerado o BPC na presente análise, o sector bancário nacional teria registado um ROAA de 2,7% e 4,6%, em 2020 e 2019 respectivamente. No caso do ROAE, este indicador passaria para 17% e 31% em 2020 e 2019, respectivamente.

Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, os cinco Bancos que apresentaram os indicadores mais elevados no que se refere ao peso da Margem Financeira sobre os activos foram o BCH, o BMF, o BIR, o BVB e o YETU, tendo o BCH apresentado um valor de 13,3%, ao passo que o BMF, o BIR, o BVB e o YETU apresentaram valores de 10,9%, 10,5%, 8,6% e 7,8%, respectivamente.

O primeiro Banco de grande dimensão neste *ranking* é o BFA que ocupa a 8.ª posição com um peso da Margem Financeira sobre os activos de 7,4%, substancialmente maior que a maioria dos grandes bancos do sistema (em 2019 ocupava a 6.ª posição).

Figura 32 – Indicadores de Rentabilidade

Indicadores de Rentabilidade	2020*	2020	2019*	2019	2018	2017
Margem Financeira em % dos activos	5,1%	4,9%	5,1%	4,3%	5,3%	4,9%
Retorno dos Activos Médios (ROAA)	2,7%	-1,1%	4,6%	0,9%	4,4%	1,6%
Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)	17%	-8,0%	30,8%	7,0%	34,5%	13,9%

* Indicadores de Rentabilidade excluindo o BPC

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Figura 33 – *Ranking* Margem Financeira em % dos activos

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCH	13,3%	1	BVB	15,7%
2	BMF	10,9%	2	BCH	12,1%
3	BIR	10,5%	3	BIR	11,4%
4	BVB	8,6%	4	BMF	9,9%
5	YETU	7,8%	5	YETU	9,0%
6	BDA	7,5%	6	BFA	7,9%
7	KEVE	7,4%	7	SBA	7,5%
8	BFA	7,4%	8	BCI	7,4%
9	SBA	6,9%	9	SCBA	7,2%
10	SCBA	6,5%	10	BIC	6,0%
11	BCA	5,8%	11	BCA	5,7%
12	BCI	5,5%	12	KEVE	5,5%
13	BCGA	4,8%	13	BCS	5,4%
14	FNB	4,8%	14	BCGA	5,4%
15	BAI	4,6%	15	BDA	4,7%
16	BIC	4,6%	16	ATL	4,5%
17	BCS	4,5%	17	BAI	4,4%
18	BNI	4,4%	18	BNI	3,3%
19	BPC	3,7%	19	BPG	2,6%
20	BOCLB	3,6%	20	BSOL	1,5%
21	BPG	3,0%	21	FNB	0,4%
22	ATL	2,6%	22	VTB	-0,2%
23	BSOL	1,0%	23	BPC	-0,7%
24	VTB	0,5%	24	BOCLB	-0,8%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao Retorno dos Activos Médios (ROAA), o BDA subiu para a 1.ª posição em 2020, com um retorno de 14,5%. O BCH subiu da 3.ª posição em 2019 para a 2.ª posição em 2020, ao inverso do BCS que passou da 1.ª para a 4.ª posição.

O *ranking* dos 5 maiores bancos a nível deste indicador fica completo com o BIR e o YETU, que em 2019 ocupavam o 6.º e 5.º lugares, respectivamente.

O primeiro Banco de grande dimensão neste *ranking* é o BFA que ocupa a 12.ª posição com um ROAA de 1,1%, seguido pelo BAI, com um ROAA de 1,0%, ocupando a posição imediatamente seguinte deste *ranking*.

Figura 34 – *Ranking* Retorno dos Activos Médios (ROAA)

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	14,5%	1	BCS	17,6%
2	BCH	13,2%	2	BDA	17,3%
3	BIR	11,7%	3	BCH	17,2%
4	BCS	9,1%	4	BCA	14,2%
5	YETU	8,8%	5	YETU	13,7%
6	BPG	8,4%	6	BIR	11,7%
7	BCA	7,1%	7	BPG	10,2%
8	BVB	6,7%	8	BVB	9,9%
9	VTB	5,3%	9	VTB	6,3%
10	SBA	4,9%	10	BFA	6,2%
11	FNB	4,2%	11	SBA	6,1%
12	BFA	3,5%	12	BAI	5,1%
13	BMF	2,8%	13	FNB	4,8%
14	BCGA	2,2%	14	BCGA	4,7%
15	BSOL	1,4%	15	BIC	4,6%
16	BCI	1,3%	16	BMF	2,2%
17	BIC	1,1%	17	ATL	2,1%
18	BAI	1,0%	18	KEVE	1,6%
19	KEVE	1,0%	19	BNI	0,7%
20	ATL	0,9%	20	BSOL	0,7%
21	BNI	0,8%	21	SCBA	-1,7%
22	SCBA	0,0%	22	BCI	-15,0%
23	BOCLB	-0,2%	23	BOCLB	-15,2%
24	BPC	-24,0%	24	BPC	-20,6%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)



Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao Retorno dos Activos Médios (ROAE), verificou-se que se manteve a tendência generalizada de redução deste indicador, que resultou em alterações significativas na posição relativa dos Bancos, entre 2019 e 2020.

O BIR assumiu a liderança deste *ranking* em 2020, por troca com o BDA que ocupa agora a 3.^a. Destaca-se a subida do VTB à 2.^a posição do *ranking*, tendo subido da 3.^a posição ocupada em 2019, bem como do SBA e do BPG que apresentaram melhorias significativas face a 2019, subindo para a 4.^a e 5.^a posição face à 8.^a e 11.^a posições ocupadas em 2019.

Figura 35 – Ranking Retorno dos Capitais Próprios Médios (ROAE)

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BIR	61,2%	1	BDA	60,2%
2	VTB	51,3%	2	BCS	51,4%
3	BDA	39,6%	3	VTB	49,8%
4	SBA	34,0%	4	BIR	47,8%
5	BPG	29,7%	5	BAI	47,7%
6	BVB	29,6%	6	BCA	43,6%
7	YETU	26,7%	7	BVB	43,2%
8	BCS	26,0%	8	SBA	40,0%
9	FNB	22,8%	9	YETU	35,9%
10	BCH	22,3%	10	BCH	33,8%
11	BCA	21,0%	11	BPG	32,6%
12	BFA	18,7%	12	BCGA	30,1%
13	BCGA	16,1%	13	BFA	29,1%
14	BSOL	15,3%	14	FNB	27,5%
15	BNI	14,6%	15	BIC	23,6%
16	BAI	9,7%	16	ATL	20,4%
17	ATL	9,1%	17	BNI	12,1%
18	BMF	6,9%	18	KEVE	10,8%
19	KEVE	5,6%	19	BSOL	9,9%
20	BIC	5,0%	20	BMF	5,1%
21	SCBA	-0,2%	21	SCBA	-9,4%
22	BOCLB	-2,0%	22	BOCLB	-23,8%
23	BCI*	n.a.	23	BPC*	n.a.
24	BPC*	n.a.	24	BCI*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Banco com capitais próprios negativos em 2019.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)



Eficiência

Visão Agregada

De acordo com a informação reportada pelos Bancos nas respectivas Demonstrações Financeiras, em 2020 verificou-se um aumento de cerca de 65 pontos percentuais do rácio *cost-to-income* e uma manutenção dos Custos operacionais sobre os Activos. Em 2019, o rácio *cost-to-income* foi de 38%, ao passo que os Custos operacionais sobre os Activos corresponderam a 4,1%.

Caso não fosse considerado o BPC no rácio *cost-to-income* do sector bancário, este indicador seria de 36% e 32% em 2020 e 2019, respectivamente, o que revela um aumento do custo da operação dos Bancos. No que respeita aos Custos operacionais sobre os Activos, este indicador seria de 4,2% em 2020 e 3,7% em 2019.

Posição Relativa dos Bancos

No que respeita ao *cost-to-income*, verificou-se uma tendência generalizada de aumento deste indicador, mas que não resultaram em alterações significativas na posição relativa dos Bancos, entre 2019 e 2020, nomeadamente no TOP 5.

Em 2020, o BDA manteve o primeiro lugar do *ranking* com um rácio *cost-to-income* de aproximadamente 9,9% face ao rácio de 6,7% registado em 2019.

O BCH ocupa o 2.º lugar do *ranking*, com um rácio de 22,4%, seguido do BIC, VTB, com um rácio de 23,3% e 24,2%, respectivamente. Por outro lado, o BCS deixou a 5.ª posição do *ranking*, com o agravamento do seu rácio de 25,8%, em 2019, para 41,8%, em 2020, permitindo ao BIR ascender à 5.ª posição do *ranking* com um rácio de 27,8%.

Figura 36 – Indicadores de Eficiência

Indicadores de Eficiência	2020*	2020	2019*	2019	2018	2017
<i>Cost-to-income</i>	36%	102%	32%	38%	31%	53%
Custos operacionais (% Activos)	4,2%	4,1%	3,7%	4,1%	4,4%	4,1%

* Indicadores de eficiência excluindo o BPC.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Figura 37 – Ranking *Cost-to-income*

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BDA	9,9%	1	BDA	6,7%
2	BCH	22,4%	2	BCH	18,5%
3	BIC	23,3%	3	BIC	19,6%
4	VTB	24,2%	4	VTB	21,6%
5	BIR	27,8%	5	BCS	25,8%
6	BFA	33,5%	6	BIR	28,1%
7	BPG	36,1%	7	BAI	30,5%
8	SBA	36,7%	8	BVB	31,7%
9	BAI	36,9%	9	BCA	34,4%
10	BCS	41,8%	10	BFA	36,7%
11	FNB	41,8%	11	BCGA	38,7%
12	BNI	42,9%	12	SBA	38,9%
13	BCGA	43,5%	13	ATL	39,4%
14	BVB	44,1%	14	FNB	40,6%
15	ATL	45,0%	15	YETU	43,0%
16	BCA	49,9%	16	BNI	43,3%
17	YETU	53,0%	17	BPG	43,6%
18	KEVE	58,8%	18	KEVE	44,6%
19	BOCLB	58,8%	19	BSOL	69,6%
20	BMF	64,2%	20	BMF	76,9%
21	SCBA	78,3%	21	SCBA	105,3%
22	BSOL	85,2%	22	BCI	114,6%
23	BCI	121,4%	23	BOCLB*	n.a.
24	BPC*	n.a.	24	BPC*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Bancos com produto bancário negativo.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, o VTB, BDA, o BAI, o BCGA e o BPC foram os cinco Bancos que apresentaram a menor percentagem de Custos Operacionais sobre os Activos, tendo sido apurados rácios de 2,6% para o VTB e BDA, e um rácio a ronda os 3% para o BAI, BCGA e BPC.

Figura 38 – Ranking Custos Operacionais (% Activos)

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	VTB	2,56%	1	BDA	1,66%
2	BDA	2,58%	2	VTB	2,33%
3	BAI	3,04%	3	BAI	2,87%
4	BCGA	3,17%	4	ATL	2,92%
5	BPC	3,31%	5	BIC	3,29%
6	BIC	3,34%	6	BCGA	3,41%
7	ATL	3,55%	7	BFA	3,47%
8	BFA	4,22%	8	SBA	4,46%
9	SBA	4,27%	9	BCH	4,51%
10	BCH	4,65%	10	BNI	5,64%
11	FNB	5,31%	11	BPC	5,89%
12	BIR	5,83%	12	BVB	6,12%
13	BSOL	5,95%	13	BIR	6,30%
14	BNI	6,05%	14	BSOL	6,60%
15	BOCLB	6,32%	15	FNB	7,28%
16	BVB	6,61%	16	BCA	7,89%
17	BCA	9,09%	17	BCS	8,35%
18	BCS	9,58%	18	KEVE	9,33%
19	BPG	9,64%	19	SCBA	10,29%
20	KEVE	10,14%	20	BPG	10,45%
21	BCI	10,18%	21	YETU	12,33%
22	SCBA	10,49%	22	BMF	12,58%
23	YETU	13,05%	23	BOCLB	14,23%
24	BMF	13,27%	24	BCI	16,61%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)



Adequação de Capital

Visão Agregada

De acordo com o relatório sobre os indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário elaborado pelo Departamento de Supervisão Bancária do BNA, em 2020, verificou-se uma ligeira quebra do rácio de solvabilidade do sistema financeiro, tendo o mesmo se situado em 22,8%, face ao rácio de 24,1% apurado em 2019, ainda assim bastante acima do rácio mínimo regulamentar (10%).

No que diz respeito aos rácios de Fundos Próprios de Base (Nível 1) sobre os Activos Médios Ponderados pelo Risco, em 2020 este indicador foi de 17,13%, o que representa uma diminuição de 2,53 pontos percentuais face a 2019.

Posição Relativa dos Bancos

De acordo com a informação reportada pelos Bancos, o BCH, o BOCLB, o BMF, o BDA e o BIR foram os 5 Bancos que apresentaram rácios de solvabilidade mais elevados com referência a 31 de Dezembro de 2020, tendo os mesmos ascendido a 205%, 190%, 160%, 84% e 70%, respectivamente.

É de realçar a evolução verificada relativamente ao BOCLB, com um rácio de 190% em 2020, comparativamente com o rácio de 58% em 2019. Em sentido inverso, regista-se a redução verificada no rácio de solvabilidade do FNB, de 64%, em 2019, para 42%, em 2020.

No que respeita ao BPC e BCI, que apresentavam em 2019, um Rácio de Solvabilidade Regulamentar abaixo do mínimo exigido de 10% pelo Banco Nacional de Angola (-11% e -28%, respectivamente), mas que fruto do Plano de Recapitalização que se encontra em curso, no exercício findo em 31 de Dezembro de 2020, já se encontram a cumprir o Rácio de Solvabilidade Regulamentar (24% e 17%, respectivamente).

Em suma, para os Bancos que disponibilizaram esta informação verifica-se que todos cumprem com o Rácio de Solvabilidade Regulamentar exigido. Não obstante, o ATL e o BNI apresentam um Rácio de Solvabilidade Regulamentar ligeiramente acima do mínimo exigido (12,3% e 12,6%, respectivamente).

Figura 39 – Indicadores de Adequação de Capital

Indicadores de Adequação de Capital	2020	2019
Rácio de solvabilidade	22,77%	24,09%
Fundos Próprios de Base (Nível I) / Activos Ponderados pelo Risco	17,13%	19,66%

Fonte: Indicadores de Solidez Financeira do Sector Bancário 2020 e 2019 (BNA)

Figura 40 – Ranking Rácio de Solvabilidade

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCH	205,3%	1	BCH	189,2%
2	BOCLB	190,2%	2	YETU	168,0%
3	BMF	160,0%	3	BMF	151,0%
4	BDA	84,2%	4	BDA	86,7%
5	BIR	70,3%	5	BIR	79,5%
6	BCA	63,0%	6	FNB	63,5%
7	BFA	56,4%	7	BFA	58,5%
8	BCS	43,8%	8	BOCLB	58,2%
9	FNB	42,4%	9	SCBA	51,8%
10	BPG	40,8%	10	BCA	46,0%
11	SBA	38,0%	11	BPG	44,6%
12	VTB	32,6%	12	BCS	37,7%
13	BCGA	30,0%	13	BCGA	33,0%
14	YETU	27,4%	14	SBA	28,0%
15	BIC	25,3%	15	VTB	25,6%
16	BPC	23,6%	16	BIC	20,3%
17	BSOL	18,1%	17	BAI	17,0%
18	BAI	17,0%	18	BNI	16,1%
19	BCI	16,6%	19	KEVE	16,0%
20	KEVE	15,0%	20	ATL	14,5%
21	BNI	12,6%	21	BSOL	11,3%
22	ATL	12,3%	22	BPC	-11,0%
23	SCBA	n.d.	23	BCI	-28,1%
24	BVB	n.d.	24	BVB*	n.d.
25	BE	n.d.	25	BE*	n.d.

* Bancos com produto bancário negativo.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Crescimento

Visão Agregada

De acordo com as Demonstrações Financeiras dos Bancos que foram objecto do presente estudo em 2020, o activo do sistema financeiro nacional apresentou um crescimento de 19%, tendo crescido a um ritmo bastante mais acelerado do que em 2019.

Relativamente ao Crédito Líquido a Clientes, este indicador apresentou um crescimento relevante de 10%, para o qual contribuiu significativamente o incentivo à concessão de crédito, nomeadamente através da publicação do Aviso n.º 10/2020, que veio actualizar as disposições dos Avisos n.º 4/2019 e n.º 7/2019 sobre a concessão de crédito ao sector real da economia.

Por outro lado, o indicador de crescimento relativo aos Depósitos de clientes apresentou um valor de 21%, um valor superior em 8 pontos percentuais ao verificado em 2019.

No que respeita à margem financeira, este indicador apresentou um aumento de 37 p.p. face a 2019, sendo que o produto bancário e o resultado líquido do exercício apresentaram decréscimos significativos de 55% e 237%, respectivamente, face a 2019. Caso o BPC não fosse considerado no Estudo o produto bancário iria registar um aumento de 11% face a 2019.

Importa realçar, novamente, que a indisponibilidade de informação relativamente ao BE, para os exercícios de 2019 e 2020, pode influenciar as conclusões acima apresentadas.

Figura 41 – Indicadores de Crescimento

Indicadores de Rentabilidade	2020	2019	2018	2017
Activo (%)	19%	11%	25%	3%
Crédito líquido a clientes (%)	10%	-10%	-6%	-3%
Depósitos de clientes (%)	21%	13%	31%	-1%
Margem financeira (%)	32%	-5%	24%	8%
Produto bancário (%)	-55%	-11%	104%	-3%
Resultado líquido do exercício (%)	-237%	-76%	203%	-6%

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

O BOCLB assumiu a 1.ª posição do *ranking* com o maior crescimento dos Activos, tendo registado um aumento de 321% face a 2019. O BCI também registou um crescimento expressivo no activo, fruto do aumento da carteira de títulos e valores mobiliários, resultante do aumento de capital efectuado no Banco durante 2020, sob a forma de títulos de dívida pública nacional, no âmbito do Plano de Recapitalização e Reestruturação e que conduzirá à sua privatização no âmbito do PROPRIV.

Importa destacar que os três Bancos que mais cresceram, em termos de activos, face a 2019, são Bancos de pequena e média dimensão, o que não deixa de ser um fenómeno expectável tendo em consideração a maior margem de crescimento desses Bancos, em percentagem dos seus activos, face aos activos totais dos Bancos de dimensão mais elevada. Não obstante, este *ranking* permite aferir a elevada taxa de crescimento do BFA e do SBA, cerca de 31% e 45%, respectivamente, o que lhes permitiu fecharem o TOP 5 deste *ranking*.

Por outro lado, os Bancos maiores que cresceram menos em 2020 foram o BAI e o BPC que registaram crescimentos de 16% e o ATL de 9%.

Figura 42 – *Ranking* Crescimento do Activo

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	321%	1	BIR	436%
2	BCI	170%	2	VTB	101%
3	BIR	47%	3	YETU	85%
4	SBA	45%	4	BCS	80%
5	BFA	31%	5	BOCLB	76%
6	YETU	22%	6	BCA	56%
7	BIC	18%	7	BCGA	51%
8	BNI	17%	8	BMF	43%
9	BPC	16%	9	BPG	43%
10	BAI	16%	10	BVB	41%
11	SCBA	14%	11	SBA	37%
12	BCGA	11%	12	BIC	33%
13	BSOL	10%	13	FNB	31%
14	BPG	10%	14	BAI	29%
15	ATL	9%	15	BFA	29%
16	VTB	8%	16	BNI	25%
17	FNB	8%	17	BCH	21%
18	BCH	7%	18	ATL	18%
19	BCA	4%	19	SCBA	13%
20	BVB	2%	20	BSOL	13%
21	KEVE	-2%	21	BDA	13%
22	BMF	-3%	22	KEVE	11%
23	BDA	-6%	23	BPC	6%
24	BCS	-7%	24	BCI	-1%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, os cinco Bancos que registaram uma taxa de crescimento mais significativa no crédito concedido foram o BOCLB, o BCH, o YETU, o BIR, e o BPG, tendo o crédito concedido por estes Bancos aumentado em 22 611%, 1 116%, 180%, 168%, 115% respectivamente, face a 2019.

O crescimento exponencial do BOCLB explica-se pela base reduzida de crédito concedido a clientes. Por outro lado, destaca-se a presença do BDA e SBA, que diminuíram o seu posicionamento no *ranking*, passando de 4.º e 5.º lugar para 8.º e 11.º, respectivamente. Porém, continuam a assumir um papel importante no financiamento à diversificação da economia nacional reflectindo-se no crescimento de 53% para o SBA e 37% para o BDA.

Tal como referido anteriormente, este aumento está intimamente relacionado com a publicação do Aviso n.º 10/2020 que visa apoiar as iniciativas do Executivo orientadas para a diversificação da economia, nomeadamente o Programa de Apoio à Produção, Diversificação das Exportações e Substituição das Importações (PRODESI). Este Aviso veio actualizar as disposições dos Avisos n.º 4/2019 e n.º 7/2019, nomeadamente aumentava o valor mínimo que deverá ser concedido pelos bancos até ao final de 2020, ou seja, de 2,0% do seu activo líquido para 2,5%.

No que diz respeito aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), verificou-se que os mesmos apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os -18% e os 55%, tendo o BAI uma redução no crédito líquido a clientes de aproximadamente 18%, ao passo que o BPC, BIC, ATL e o BFA apresentaram uma taxa de crescimento de 55%, 18%, 3% e 2%, respectivamente.

Figura 43 – *Ranking* Crescimento do Crédito Líquido a Clientes

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	22 611%	1	VTB	68 466%
2	BCH	1 116%	2	BPG	163%
3	YETU	180%	3	BIR	93%
4	BIR	168%	4	SBA	70%
5	BPG	115%	5	BDA	54%
6	VTB	87%	6	BCS	53%
7	BPC	55%	7	BMF	43%
8	SBA	53%	8	BIC	42%
9	BCS	50%	9	BCGA	41%
10	BNI	45%	10	BSOL	31%
11	BDA	37%	11	BAI	20%
12	BVB	35%	12	BFA	11%
13	KEVE	20%	13	ATL	5%
14	BIC	18%	14	KEVE	3%
15	BCGA	7%	15	FNB	3%
16	BCI	3%	16	BNI	1%
17	ATL	3%	17	BVB	-3%
18	BFA	2%	18	BCI	-6%
19	BMF	0%	19	YETU	-27%
20	BSOL	-7%	20	BCA	-35%
21	FNB	-12%	21	BPC	-94%
22	BAI	-18%	22	BCH	-95%
23	BCA	-22%	23	BOCLB*	n.a.
24	SCBA	-76%	24	SCBA*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Não aplicável, dado que este Banco não tinha qualquer operação de crédito em 2018.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, os cinco Bancos que registaram maiores taxas de crescimento na captação dos depósitos de clientes foram o BCI, o SBA, o BIR, o BFA e o ATL, tendo os depósitos captados por estas Instituições aumentado em 125%, 60%, 48%, 39% e 23%, respectivamente, face a 2019.

Importa destacar que ao contrário do ano anterior, três dos cinco Bancos que apresentaram maiores taxas de crescimento dos depósitos captados em 2019 e 2020, são bancos de elevada dimensão, nomeadamente BFA e ATL e um banco de média dimensão que está se a aproximar dos maiores em termos de activos, neste caso o SBA.

No que diz respeito aos restantes Bancos de elevada dimensão do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BPC e BIC), verificou-se que apresentaram taxas de crescimento que variaram entre os 18% e os 0%, tendo o BAI sido o Banco que apresentou a taxa de crescimento de depósitos captados mais elevada entre estes Bancos, ao passo que o BPC apresentou uma taxa de crescimento nula face a 2019.

Adicionalmente, na análise deste indicador, não deverá ser descurado o efeito da desvalorização do Kwana face ao Dólar norte-americano e ao Euro, entre 2017 e 2020, o que é susceptível de diminuir o efeito de alargamento da base depósitos, por contrapartida da valorização dos depósitos em moeda estrangeira.

Figura 44 – Ranking Crescimento dos Depósitos de Clientes

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BCI	125%	1	BOCLB	1 132%
2	SBA	60%	2	BIR	742%
3	BIR	48%	3	BPG	471%
4	BFA	39%	4	VTB	156%
5	ATL	23%	5	BCS	118%
6	BAI	18%	6	YETU	108%
7	FNB	18%	7	BMF	82%
8	SCBA	16%	8	BCGA	63%
9	BCGA	14%	9	BCI	50%
10	VTB	13%	10	BVB	33%
11	BIC	12%	11	BFA	32%
12	YETU	12%	12	BIC	31%
13	BNI	11%	13	SBA	28%
14	BSOL	10%	14	FNB	28%
15	KEVE	6%	15	BCH	26%
16	BVB	6%	16	BAI	26%
17	BPC	0%	17	BNI	22%
18	BCA	-10%	18	BCA	21%
19	BMF	-11%	19	BPC	19%
20	BCH	-14%	20	ATL	18%
21	BPG	-27%	21	BSOL	18%
22	BCS	-37%	22	SCBA	4%
23	BOCLB	-58%	23	KEVE	-7%
24	BDA*	n.a.	24	BDA*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Banco sem qualquer depósito captado, devido à natureza da sua actividade.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)

Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento da margem financeira foram o BOCLB, o BPC, o VTB, o BIR e o BDA, tendo a margem financeira destes Bancos aumentado 1 578%, 739%, 414%, 91% e 65%, respectivamente, face a 2019. Destaque para o VTB, dado que em 2019 a margem financeira apurada foi negativa, no valor de 320 milhões de kwanzas, tendo passado para uma margem financeira positiva de 1 004 milhões de kwanzas em 2020.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), o BPC foi o Banco que registou a taxa de crescimento mais elevada da margem financeira, encontrando-se na segunda posição do *ranking* global. O BAI e BFA apresentaram uma taxa de crescimento de 27% e 22%, respectivamente, face a 2019.

Em sentido inverso, destacam-se o BIC e o ATL que registaram uma contracção de 5% e 34%, respectivamente.

Figura 45 – *Ranking* Crescimento da Margem Financeira

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	1 578%	1	BDA	1 282%
2	BPC	739%	2	BIR	480%
3	VTB	414%	3	BPG	244%
4	BIR	91%	4	YETU	80%
5	BDA	65%	5	BVB	47%
6	BNI	61%	6	BIC	38%
7	BPG	42%	7	BCH	36%
8	KEVE	39%	8	BFA	30%
9	BCI	38%	9	BCA	28%
10	SBA	30%	10	BAI	21%
11	BCA	28%	11	BCI	15%
12	BMF	27%	12	BCGA	15%
13	BAI	27%	13	BMF	9%
14	YETU	24%	14	SBA	8%
15	BCH	24%	15	BCS	5%
16	BFA	22%	16	KEVE	3%
17	BCGA	14%	17	SCBA	0%
18	BCS	4%	18	ATL	-1%
19	SCBA	3%	19	FNB	-5%
20	FNB	1%	20	BNI	-14%
21	BIC	-5%	21	BSOL	-86%
22	BSOL	-27%	22	BPC	-123%
23	ATL	-34%	23	VTB	-170%
24	BVB	-35%	24	BOCLB*	n.a.
25	BE**	n.d.	25	BE**	n.d.

* Não aplicável, dado que este Banco apresentou uma margem financeira nula em 2018 e 2017.

** Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)



Posição Relativa dos Bancos

No que respeita à taxa de crescimento do produto bancário, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento em 2020 foram o BOCLB, o BIR, o SCBA, o BMF e o SBA, tendo o produto bancário destes Bancos aumentado em 2 914%, 100%, 72%, 47% e 37%, respectivamente, face a 2019.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema em termos de activos (BAI, BFA, BPC, BIC e ATL), verifica-se que nenhum dos Bancos se encontra no *ranking* global dos cinco maiores Bancos em termos de crescimento absoluto. O BFA foi o único Banco que conseguiu apresentar uma taxa de crescimento que lhe permite estar no TOP10, com aproximadamente 31%. O BAI e o ATL, apresentaram um crescimento de 8% e 6%, respectivamente, face a 2019, ao passo que o BIC e BPC apresentaram um decréscimo de 4% e 5 570%, respectivamente, encontrando-se no conjunto dos Bancos com menor posição no *ranking* global.

Tal como abordado anteriormente, a variação negativa do produto bancário no BPC pela margem complementar que foi afectada pelo reconhecimento da menos-valia na cessão de 80% da carteira de crédito malparado à RECREDIT.

Figura 46 – *Ranking* Crescimento do Produto Bancário

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BOCLB	2 914%	1	BIR	629%
2	BIR	100%	2	YETU	93%
3	SCBA	72%	3	BDA	49%
4	BMF	47%	4	BIC	43%
5	SBA	37%	5	BPG	40%
6	VTB	34%	6	BVB	37%
7	BCI	33%	7	BMF	34%
8	BFA	31%	8	BCA	28%
9	BNI	30%	9	BAI	21%
10	FNB	24%	10	BCS	13%
11	YETU	24%	11	VTB	12%
12	BPG	22%	12	SBA	8%
13	BAI	8%	13	BCH	5%
14	BCGA	8%	14	KEVE	2%
15	BDA	7%	15	BCGA	1%
16	ATL	6%	16	BCI	0%
17	BCA	-1%	17	ATL	-2%
18	BIC	-4%	18	SCBA	-2%
19	BCH	-4%	19	BNI	-11%
20	BVB	-8%	20	FNB	-11%
21	BCS	-12%	21	BFA	-25%
22	BSOL	-13%	22	BSOL	-28%
23	KEVE	-14%	23	BPC	-116%
24	BPC	-5 570%	24	BOCLB	-326%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagem)



Posição Relativa dos Bancos

Em 2020, os cinco Bancos que registaram as maiores taxas de crescimento do resultado líquido do exercício foram o BSOL, o BCI, o BIR, o SCBA e o BOCLB, tendo o resultado líquido destes Bancos aumentado em 118%, 116%, 108%, 97% e 92%, respectivamente, face a 2019.

Relativamente aos cinco maiores Bancos do sistema financeiro em termos de activos, o BAI, BFA, BPC, BIC e ATL registaram um decréscimo significativo de 76%, 25%, 30%, 70% e 49%, respectivamente, face a 2019.

Figura 47 – Ranking Crescimento do Resultado Líquido do Exercício

2020			2019		
Ranking	Banco	Valor	Ranking	Banco	Valor
1	BSOL	118%	1	BIR	2 659%
2	BCI	116%	2	BAI	137%
3	BIR	108%	3	YETU	77%
4	SCBA	97%	4	BMF	68%
5	BOCLB	92%	5	BIC	39%
6	BMF	44%	6	BVB	35%
7	BNI	36%	7	BCA	35%
8	VTB	16%	8	BPG	34%
9	SBA	12%	9	BDA	29%
10	FNB	3%	10	BCS	26%
11	BPG	1%	11	VTB	20%
12	YETU	-8%	12	ATL	12%
13	BCH	-13%	13	BCH	8%
14	BDA	-14%	14	BCGA	4%
15	BVB	-19%	15	SBA	-1%
16	BFA	-25%	16	BSOL	-10%
17	BPC	-30%	17	FNB	-15%
18	BCS	-36%	18	BFA	-31%
19	KEVE	-37%	19	BOCLB	-41%
20	BCA	-38%	20	KEVE	-41%
21	BCGA	-42%	21	BNI	-63%
22	ATL	-49%	22	SCBA	-160%
23	BIC	-70%	23	BPC	-1407%
24	BAI	-76%	24	BCI	-3829%
25	BE*	n.d.	25	BE*	n.d.

* Banco sem informação financeira disponível.

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos (valores em percentagens)



Conclusões finais e perspectivas futuras

O ano de 2020 ficou marcado pela actual crise pandémica COVID-19 que afectou de forma significativa a estabilidade social e o crescimento económico do País, com múltiplos impactos em diversos sectores de actividade, e consequentemente na actividade bancária. A pandemia veio também alterar profundamente a forma de trabalho e como as pessoas se relacionam entre si, pelo que as Organizações foram obrigadas a alterar sistemas informáticos e processos internos.

O teletrabalho foi sem dúvida uma mudança estrutural trazida pelas circunstâncias da pandemia, e que desafiou todos os agentes económicos a encontrarem mecanismos, para conseguir ultrapassar os diversos desafios e riscos impostos por este novo paradigma, nomeadamente (i) a pouca supervisão e interacção social, (ii) a capacitação dos colaboradores no ambiente remoto, (iii) a redução da capacidade de inovação devido as circunstâncias do pouco contacto físico e (iv) a dificuldade de criar e manter a cultura corporativa.

Complementarmente, o surgimento de novos desafios decorrentes da evolução do quadro concorrencial e da maior exigência e sofisticação dos Clientes teve um impacto crescente para o sector bancário. Neste contexto, as preocupações com o desenvolvimento sustentável do negócio, adequando-o, de forma rentável, e as preocupações de natureza ambiental, social e de governação já se manifestaram em 2020 e tenderão a reforçar a sua importância no futuro próximo, muito em linha com os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas até 2030.

Mesmo perante este quadro tão adverso, que exigiu uma enorme capacidade de resiliência e adaptação do sector financeiro, assistimos em 2020 a uma trajectória mista dos principais indicadores do sector face a 2019, fruto do amadurecimento do sistema financeiro. Por um lado, observou-se um aumento do total dos activos (cerca de 19%) e do crédito líquido concedido a clientes (cerca de 10% em 2020, invertendo a tendência de diminuição do período 2016-2019), com uma diminuição do produto bancário (cerca de 55%, em larga medida influenciado pelo BPC, sem o qual, o produto bancário dos Bancos analisados tinha registado um crescimento de 11% face a 2019). Ao nível do resultado líquido verifica-se um prejuízo agregado, em larga medida decorrente do reconhecimento da menos-valia na cessão de cerca de 80% da carteira de crédito malparado do BPC à RECREREDIT, com um *haircut* de 94%. Caso o BPC não fosse considerado,

o resultado líquido agregado dos bancos analisados no estudo registaria um decréscimo de 32% face a 2019, o que traduz, ainda assim, um período extremamente desafiante para o sector bancário nacional.

Conforme apresentado no presente estudo, o BPC apresentou o maior prejuízo de sempre da história da banca nacional, tendo sido expurgado este efeito em algumas análises, de modo a não enviesar as conclusões obtidas. Relativamente ao BE, também perspectivamos que existam algumas dificuldades, em função dos resultados obtidos no exercício de AQA, ainda que, por indisponibilidade de informação, não seja possível apresentar qualquer conclusão.

No que diz respeito aos níveis de literacia financeira, o contínuo aumento de utilização dos meios electrónicos de pagamento representa um sinal encorajador e positivo, com o aumento expressivo de alguns canais de pagamento, no qual se destaca a utilização do Multicaixa Express. Por outro lado, o ano de 2020 ficou ainda marcado com a decisão do BNA em encarregar a EMIS da implementação e da operação do STI – Sistema de Transferências Instantâneas que pretende dotar o mercado de uma solução de prestação de serviços financeiros em linha com a tendência mundial, assegurando a interoperabilidade entre operadores de pagamentos bancários e não bancários. Adicionalmente, o BNA também atribuiu a primeira licença de Prestador de Serviços de Pagamentos à Unitel Serviços Financeiros Móveis, S.A., que irá permitir que sejam efectuadas transferências móveis e instantâneas, vulgarmente conhecidas como pagamentos móveis ou *Mobile Money*.

No que diz respeito ao crédito, pese embora as políticas de incentivo à concessão de crédito empreendidas pelo Executivo e Banco Nacional de Angola que motivou um crescimento do crédito líquido em 2020, os Bancos ainda continuam a justificar a maior aposta em dívida pública nacional, ao invés do crédito a Clientes, uma vez que uma parte relevante das empresas a operar no mercado ainda apresentam (i) debilidades na prestação de informação contabilística, (ii) défice na capacidade de gestão e conhecimento do negócio, (iii) planos de negócios pouco credíveis e (iv) falta de garantias reais. Segundo os principais *stakeholders* do sector financeiro, estas fragilidades afectam significativamente a capacidade de análise de risco e dificultam a concessão do crédito.

Não obstante, o sector bancário é um pilar fundamental no apoio à economia e respectivo tecido empresarial, pelo que face ao processo de recuperação

socioeconómica no período pós-pandemia do País que iremos assistir, irá tornar-se ainda mais crucial, e perspectivamos que os Bancos irão dar uma resposta à altura neste momento particularmente difícil que vivemos.

A revolução em curso na Regulação e Supervisão do sector bancário nacional, derivada de alterações legislativas e dos normativos emitidos pelo Banco Nacional de Angola, acompanhando as melhores práticas internacionais, devem também servir de mote para a continuação do investimento nas áreas de (i) *compliance*, (ii) gestão de riscos, (iii) prevenção e combate ao Branqueamento de Capitais e Financiamento do Terrorismo, (iv) recuperação de crédito e (v) governação corporativa, quer ao nível do aumento das competências das equipas, quer ao nível da infraestrutura tecnológica de suporte.

Ao nível da gestão de Capital Humano, os novos contextos de trabalho exigem, uma abordagem disruptiva, que estimule a criação de novas profissões, competências e espaços de trabalho que se coadunem com a actual mudança de paradigma.

No lado tecnológico, os Bancos devem manter a aposta na digitalização, na melhoria da qualidade dos seus dados e na transformação tecnológica, uma vez que são vitais para o seu desenvolvimento e competitividade num mundo cada vez mais dinâmico. Também a alteração dos padrões de comportamento dos consumidores, e a cada vez maior exigência de sofisticação tecnológica, que prevalece na indústria bancária, obriga os Bancos a estarem atentos a esta evolução, acautelando sempre os riscos de *Cyber Security*.

Não obstante o actual contexto de crise socioeconómica, a Deloitte manteve uma presença forte em Angola, de modo a garantir que se mantém perto dos seus clientes, assumindo-se com um parceiro de excelência para o sistema financeiro, dispondo de soluções que permitam dar resposta aos actuais desafios e preparar os Bancos para o futuro.



Demonstrações Financeiras

Balanço dos Bancos 2020

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
Activo											
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	222 111	311 704	13 034	69 498	5 719	100 157	16 385	2 321	0	474 217	190 924
Disponibilidades em outras instituições de crédito	110 382	189 132	6 697	45 999	1 536	18 060	16 226	4 665	0	26 277	38 268
Aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito	83 591	672 038	15 194	169 072	929	93 070	9 918	177 136	0	649 092	167 715
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	216 927	85 016	0	0	0	0	0	27 467	0	365 694	0
Activos financeiros ao justo valor através de outro rendimento integral	5 761	434	46 040	111	44	204	68	4 639	0	0	0
Investimentos ao custo amortizado	410 081	1 263 492	0	185 084	37 516	166 302	21 110	74 925	0	977 837	856 594
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Crédito a clientes	454 271	366 759	5 951	119 781	848	46 990	17 588	201 754	0	333 373	662 838
Activos não correntes detidos para venda	7 280	18 786	0	0	0	5 839	0	0	0	268	52 751
Outros activos tangíveis	68 688	94 954	7 464	10 476	1 013	30 274	10 356	2 031	0	30 575	22 720
Activos intangíveis	39 041	5 846	723	1 082	516	487	103	24	0	213	2 064
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	0	8 927	0	0	0	0	0	0	0	50	910
Activos por impostos correntes	2 419	1 286	0	192	6	185	235	200	0	4	12 423
Activos por impostos diferidos	3 440	122	629	5 933	0	0	44	0	0	1 646	0
Outros activos	126 000	38 409	1 388	2 771	511	5 796	7 198	2 459	0	15 653	44 913
TOTAL DO ACTIVO	1 749 990	3 056 904	97 120	610 001	48 636	467 363	99 231	497 620	0	2 874 900	2 052 121
Passivo											
Recursos de bancos centrais e de outras instituições de crédito	14 098	7 156	288	763	0	867	5 159	56 570	0	4 088	116 131
Recursos de clientes e outros empréstimos	1 523 971	2 704 506	38 966	520 078	15 782	417 106	40 340	0	0	2 252 203	1 346 637
Responsabilidades representadas por títulos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros ao justo valor através de resultados	3 978	0	0	0	0	414	0	0	0	4 244	0
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros associados a activos transferidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos não correntes detidos para venda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Provisões	3 933	7 937	110	115	22	3 483	137	145	0	41 468	27 096
Passivos por impostos correntes	0	3 101	0	375	202	0	3 756	0	0	7 785	923
Passivos por impostos diferidos	111	0	743	1 433	0	6 013	403	0	0	0	0
Passivos subordinados	0	0	0	0	0	0	0	160 914	0	0	0
Outros passivos	24 942	42 834	22 047	8 807	1 662	13 224	11 236	59 932	0	67 134	78 637
TOTAL DO PASSIVO	1 571 033	2 765 534	62 153	531 572	17 668	441 106	61 032	277 562	0	2 376 922	1 569 424
Capital Próprio											
Capital Social	53 822	157 545	7 500	9 377	10 000	67 254	17 000	118 522	0	15 000	20 000
Prémios de emissão	34 810	- 9 204	0	0	0	- 2 617	0	0	0	0	0
(-) Acções próprias	- 492	- 739	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Outros instrumentos de capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reservas de reavaliação	207	- 174	1 985	633	0	15 617	0	1 038	0	0	325 357
Outras reservas e resultados transitados	75 017	115 271	18 684	55 926	14 760	- 58 195	11 847	25 939	0	393 129	116 051
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado líquido do exercício	15 592	28 672	6 799	12 493	6 208	4 198	9 353	74 560	0	89 849	21 289
TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO	178 957	291 371	34 967	78 429	30 968	26 257	38 200	220 059	0	497 977	482 697
TOTAL DO PASSIVO E DO CAPITAL PRÓPRIO	1 749 990	3 056 904	97 120	610 001	48 636	467 363	99 231	497 620	0	2 874 900	2 052 121

Milhões de kwanzas

BIR	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
14 269	4 473	29 366	3 592	75 534	4 987	103 000	6 760	15 866	19 828	147 520	9 115	46 862	9 734	1 896 977
14 404	390	13 260	8 753	341 346	2 719	107 062	15 742	33 063	12 011	65 182	16 422	115 086	2 475	1 205 155
13 610	1 015	70 280	3 910	129 301	3 056	26 978	3 755	8 219	13 908	142 267	3 076	10 995	10 847	2 478 970
41	0	5 994	0	0	6	0	0	0	0	1 825	0	1 035	0	704 004
0	0	470	0	386 570	0	18 186	0	45	118	89 033	26 544	37	84	578 386
40 716	12 201	122 151	5 120	609 845	28 871	114 169	27 321	46 420	44 767	235 844	0	11 774	16 401	5 308 539
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
26 577	854	126 527	38 684	64 608	2 962	204 909	8 524	20 047	61 517	140 309	290	10 604	4 481	2 921 048
0	0	24 562	0	0	0	30 067	0	4 183	0	0	0	0	0	143 736
3 866	1 443	15 793	216	112 834	526	40 458	2 826	10 441	14 666	39 912	1 428	931	2 441	526 335
800	51	679	34	3 999	158	76	103	415	962	6 386	146	9	295	64 211
0	0	0	0	1 049	0	584	0	0	0	0	0	0	0	11 520
42	0	406	0	1 480	68	1 541	16	76	0	449	45	0	0	21 072
0	0	11 847	0	0	1 032	835	0	0	0	1 151	0	0	0	26 679
3 770	188	19 186	61	626 691	854	16 015	489	980	4 408	10 406	1 085	1 563	4 894	935 689
118 095	20 616	440 521	60 370	2 353 256	45 238	663 881	65 537	139 756	172 185	880 282	58 150	198 895	51 653	16 822 321
11 508	36	13 842	0	619 540	7 623	52 173	24	534	6 374	894	0	1 222	60	918 951
79 244	11 127	344 278	2 124	1 443 704	19 599	525 162	48 559	102 640	128 132	691 667	38 918	164 037	27 664	12 486 442
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4 746	0	0	0	4 746
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	215	0	0	0	8 851
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
55	0	4 272	540	131 109	485	5 569	25	3 924	4 131	2 796	1 027	541	128	239 048
0	0	3 238	35	14	0	0	0	7	0	2 919	0	4 954	782	28 090
0	0	3 677	0	0	1 985	0	0	881	0	0	0	0	261	15 507
0	0	27 677	50 684	0	0	0	0	0	0	19 553	0	0	0	258 828
4 085	798	18 589	294	67 436	3 140	7 938	2 247	4 065	2 350	40 510	8 360	7 358	6 101	503 726
94 893	11 961	415 574	53 677	2 261 803	32 832	590 842	50 854	112 052	140 987	763 300	48 304	178 112	34 995	14 464 191
10 000	10 335	26 880	9 960	1 060 907	7 832	30 000	9 262	7 516	24 053	9 530	8 742	7 500	9 000	1 707 537
0	0	0	0	113 507	0	- 684	0	148	0	0	0	0	0	135 959
0	0	- 340	0	0	0	- 146	0	0	- 131	0	0	0	0	- 1 848
0	2 000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 000
0	0	- 291	0	18 432	0	907	0	0	0	- 1 100	2 163	0	- 39	364 736
1 585	- 4 258	- 4 704	- 3 131	- 576 469	953	34 144	1 041	14 372	5 569	72 421	- 1 038	3 203	3 557	315 673
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11 617	578	3 402	- 136	- 524 923	3 621	8 819	4 380	5 667	1 707	36 131	- 21	10 080	4 140	- 165 927
23 202	8 655	24 947	6 693	91 453	12 407	73 040	14 683	27 704	31 197	116 982	9 846	20 783	16 658	2 358 131
118 095	20 616	440 521	60 370	2 353 256	45 238	663 881	65 537	139 756	172 185	880 282	58 150	198 895	51 653	16 822 321

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Demonstração dos Resultados 2020

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
1. Juros e rendimentos similares	105 884	187 491	6 231	37 099	6 595	23 220	5 997	40 587	0	216 455	126 588
2. (-) Juros e encargos similares	- 61 839	- 55 298	- 677	- 9 275	- 314	- 5 543	- 1 346	- 2 173	0	- 29 751	- 39 444
3. Margem Financeira (1+2)	44 045	132 193	5 554	27 824	6 281	17 677	4 651	38 414	0	186 703	87 144
4. Rendimentos de instrumentos de capital	0	935	0	0	1 555	4 246	0	0	0	0	0
5. Rendimentos de serviços e comissões	15 229	22 272	2 756	8 130	- 510	- 1 983	4 337	17 105	0	23 654	12 423
6. (-) Encargos com serviços e comissões	- 3 448	- 8 921	- 414	- 1 407	0	- 414	- 282	0	0	- 6 840	- 2 766
7. Resultados de activos e passivos financeiros avaliados ao justo valor através de resultados	- 5 505	7 929	0	2 789	0	- 1 006	- 5	996	0	26 476	0
8. Resultados de activos financeiros ao justo valor através de outro rendimento integral	0	0	0	0	0	9 650	0	106	0	0	0
9. Resultados de investimentos ao custo amortizado	12 528	626	0	- 196	0	0	0	- 449	0	0	0
10. Resultados em outros activos financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Resultados cambiais	- 8 037	92 134	13 813	5 913	3 605	0	15 327	77 521	0	42 509	167 105
12. Resultados de alienação de outros activos	60 265	389	0	15	4	0	1	2	0	51	302
13. Outros resultados de exploração	- 6 689	- 14 516	- 4 332	- 475	- 1 174	- 1 279	- 404	- 486	0	1 672	- 2 028
14. Produto da actividade bancária (3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13)	108 389	233 042	17 377	42 594	9 762	26 893	23 626	133 207	0	274 224	262 181
15. (-) Custos com o pessoal	- 23 318	- 42 282	- 4 672	- 10 569	- 680	- 19 978	- 5 646	- 5 113	0	- 59 081	- 35 599
16. (-) Fornecimentos e serviços de terceiros	- 17 048	- 37 967	- 3 261	- 6 202	- 1 205	- 10 425	- 2 974	- 7 396	0	- 27 161	- 23 334
17. (-) Depreciações e amortizações do exercício	- 8 418	- 5 720	- 730	- 1 764	- 305	- 2 240	- 1 247	- 724	0	- 5 522	- 2 131
18. (-) Provisões líquidas de anulações	- 10 692	- 553	0	178	0	38	0	0	0	- 15 229	- 2 224
19. Imparidade para crédito a clientes líquida de reversões e recuperações	- 25 436	- 33 183	0	390	- 52	17 011	302	- 17 223	0	- 16 921	- 20 285
20. Imparidade para outros activos financeiros líquida de reversões e recuperações	- 9 012	- 74 390	- 1 651	- 13 731	- 1 059	- 7 568	- 617	- 1 113	0	- 42 424	- 50 888
21. Imparidade para outros activos líquida de reversões e recuperações	- 24	- 1 714	- 2	- 885	0	466	0	0	0	- 199	0
22. Resultados de filiais, associadas e empreendimentos conjuntos (equivalência patrimonial)	0	0	- 18	0	0	0	0	0	0	0	31
23. Resultado na posição monetária líquida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 118 886
24. Resultados antes de imposto de operações em continuação (14+15+16+17+18+19+20+21+22+23+24)	14 441	37 234	7 044	10 010	6 461	4 198	13 444	101 639	0	107 687	8 866
25. Impostos sobre os resultados correntes	0	0	- 743	0	- 252	0	- 3 756	- 4 767	0	- 11 141	0
26. Impostos sobre os resultados diferidos	1 151	- 8 562	498	2 483	0	0	- 335	- 22 313	0	- 6 697	12 423
27. Resultado após impostos de operações em continuação (25+26+27)	15 592	28 672	6 799	12 493	6 208	4 198	9 353	74 560	0	89 849	21 289
28. Resultado de operações descontinuadas e/ou em descontinuação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29. Resultado líquido do exercício (28+29)	15 592	28 672	6 799	12 493	6 208	4 198	9 353	74 560	0	89 849	21 289

Milhões de kwanzas

BIR	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
14 226	2 684	29 092	1 951	143 259	2 734	40 278	11 368	8 151	17 352	58 189	3 990	2 856	4 044	1 096 322
- 3 836	- 401	- 11 094	- 609	- 61 287	- 1 444	- 34 009	- 5 810	- 1 735	- 4 457	- 7 002	- 446	- 1 852	- 386	- 340 028
10 390	2 283	17 998	1 342	81 972	1 290	6 269	5 558	6 416	12 896	51 187	3 545	1 004	3 658	756 293
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	6 737
5 372	876	5 504	322	12 282	1 404	8 877	1 087	1 243	4 871	12 428	514	5 833	2 429	166 458
- 738	- 137	- 2 143	- 6	- 8 970	- 18	- 3 957	- 394	- 133	- 170	- 4 227	- 182	- 116	- 333	- 46 015
0	0	- 6	0	0	0	0	0	0	0	262	0	0	91	32 022
0	0	0	0	- 54 645	0	- 12	0	0	0	0	0	0	0	- 44 902
463	0	0	0	5 963	558	0	0	0	2 366	0	0	0	0	21 859
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6 005	1 725	16 553	1 455	- 46 084	7 133	31 088	3 623	9 609	12 175	26 718	1 271	12 594	6 279	500 033
0	0	2 030	0	- 10	0	0	104	0	- 466	0	0	0	0	62 687
- 560	- 415	10 541	- 11	- 860 819	- 133	- 213	- 262	- 507	- 1 605	- 2 939	2 119	1 315	- 548	- 883 747
20 933	4 332	50 477	3 102	- 870 312	10 234	42 051	9 717	16 628	30 066	83 429	7 266	20 631	11 575	571 425
- 2 349	- 1 134	- 9 926	- 1 135	- 42 259	- 2 202	- 16 085	- 1 826	- 3 545	- 9 114	- 18 193	- 2 097	- 2 946	- 3 444	- 323 193
- 2 852	- 1 350	- 9 711	- 496	- 16 738	- 1 290	- 15 705	- 1 441	- 2 553	- 6 411	- 10 647	- 3 049	- 1 552	- 1 670	- 212 437
- 627	- 296	- 1 994	- 192	- 6 011	- 202	- 4 018	- 1 022	- 849	- 2 143	- 1 808	- 543	- 491	- 1 022	- 50 020
37	0	- 3 129	- 539	- 7 499	- 473	- 1 891	0	- 209	0	- 1 072	- 42	83	- 4	- 43 220
- 581	- 123	- 7 599	- 504	577 890	- 20	9 854	30	267	- 8 160	- 943	4	- 356	- 42	474 322
- 1 911	- 834	- 8 564	- 372	- 213 426	- 1 472	- 5 972	- 1 276	- 3 190	- 2 206	- 11 450	- 1 561	- 237	- 755	- 455 680
21	0	- 2 829	0	53 431	0	584	198	0	- 428	0	0	0	0	48 620
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	13
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 118 886
12 670	595	6 727	- 136	- 524 923	4 575	8 819	4 380	6 548	1 605	39 316	- 21	15 132	4 638	- 109 055
- 1 053	- 17	- 3 558	0	0	0	0	0	0	103	- 3 185	0	- 5 052	- 250	- 33 670
0	0	233	0	0	- 953	0	0	- 881	0	0	0	0	- 248	- 23 202
11 617	578	3 402	- 136	- 524 923	3 621	8 819	4 380	5 667	1 707	36 131	- 21	10 080	4 140	- 165 927
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11 617	578	3 402	- 136	- 524 923	3 621	8 819	4 380	5 667	1 707	36 131	- 21	10 080	4 140	- 165 927

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Balanço dos Bancos 2019

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
Activo											
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	190 988	333 320	11 057	55 560	6 068	50 913	26 578	22 285	0	302 716	170 150
Disponibilidades em outras instituições de crédito	24 428	152 965	11 476	54 884	2 827	5 226	19 712	1 356	0	42 508	35 788
Aplicações em bancos centrais e em outras instituições de crédito	17 012	629 719	12 010	135 556	4 294	25 888	13 637	272 010	0	456 747	145 544
Activos financeiros ao justo valor através de resultados	69 425	58 350	0	0	0	0	68	19 737	0	172 690	0
Activos financeiros ao justo valor através de outro rendimento integral	34 178	117	37 659	68	44	555	0	3 413	0	0	0
Investimentos detidos até à maturidade	529 302	856 264	0	172 143	30 375	33 330	23 878	59 468	0	828 852	777 331
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Crédito a clientes	442 701	448 712	7 649	112 377	70	45 684	11 734	147 654	0	327 937	563 100
Activos não correntes detidos para venda	88 629	17 652	0	1 298	6	0	0	0	0	85	20 671
Outros activos tangíveis	61 282	66 739	7 843	9 979	1 272	8 591	10 430	1 937	0	32 588	15 160
Activos intangíveis	35 982	2 847	202	726	420	843	77	41	0	630	247
Investimentos em filiais, associadas e empreendimentos conjuntos	0	8 927	0	0	0	0	0	0	0	50	749
Activos por impostos correntes	2 056	2 036	0	0	62	137	212	64	0	4	0
Activos por impostos diferidos	2 289	8 803	0	2 017	6	0	0	0	0	7 887	0
Outros activos	103 205	55 253	5 574	2 491	223	2 099	471	1 662	0	22 363	12 192
TOTAL DO ACTIVO	1 601 479	2 641 703	93 470	547 100	45 665	173 266	106 798	529 629	0	2 195 058	1 740 931
Passivo											
Recursos de bancos centrais e de outras instituições de crédito	176 494	5 999	73	2 645	0	678	77	44 670	0	7 669	109 439
Recursos de clientes e outros empréstimos	1 234 986	2 285 012	43 169	457 217	18 268	185 153	64 501	0	0	1 622 898	1 202 785
Responsabilidades representadas por títulos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros ao justo valor através de resultados	207	0	0	0	0	0	0	0	0	12 676	0
Derivados de cobertura	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos financeiros associados a activos transferidos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos não correntes detidos para venda	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Provisões	8 382	2 835	205	758	22	7 833	734	145	0	24 362	18 880
Passivos por impostos correntes	0	12 466	0	2 204	1 131	0	5 007	0	0	4 628	6 635
Passivos por impostos diferidos	69	79	32	0	0	0	0	0	0	0	0
Passivos subordinados	0	0	0	0	0	11 992	0	283 515	0	0	0
Outros passivos	18 025	37 146	20 229	7 670	1 484	8 571	2 632	44 824	0	60 619	39 472
TOTAL DO PASSIVO	1 438 161	2 343 537	63 709	470 493	20 905	214 228	72 951	373 154	0	1 732 852	1 377 213
Capital Próprio											
Capital Social	53 822	157 545	7 500	9 377	10 000	37 254	17 000	118 522	0	15 000	20 000
Prémios de emissão	34 810	- 9 204	0	0	0	654	0	0	0	0	0
(-) Acções próprias	- 492	- 739	0	0	0	- 16 225	0	0	0	0	0
Outros instrumentos de capital	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Reservas de reavaliação	161	- 326	655	612	0	0	0	2 645	0	0	206 471
Outras reservas e resultados transitados	44 553	32 158	10 717	45 234	7 596	- 36 455	2 200	- 51 003	0	327 266	66 591
(-) Dividendos antecipados	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Resultado líquido do exercício	30 465	118 733	10 890	21 383	7 164	- 26 190	14 647	86 312	0	119 940	70 657
TOTAL DO CAPITAL PRÓPRIO	163 318	298 166	29 761	76 607	24 760	- 40 962	33 847	156 476	0	462 206	363 719
TOTAL DO PASSIVO E DO CAPITAL PRÓPRIO	1 601 479	2 641 703	93 470	547 100	45 665	173 266	106 798	529 629	0	2 195 058	1 740 931

Milhões de kwanzas

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
17 807	6 957	5 218	42 984	9 353	93 290	5 392	89 640	7 666	20 516	19 323	92 935	8 903	83 602	9 087	1 682 309
9 352	1 882	889	16 057	2 532	83 883	1 143	36 362	11 527	22 457	11 999	168 833	13 127	79 515	5 997	816 726
12 587	0	2 503	59 126	1 860	150 118	11 012	44 708	3 213	3 123	6 123	5 583	5 350	7 726	6 927	2 032 377
0	0	0	0	0	0	6	0	0	0	0	30 884	0	1 077	0	352 237
17 730	0	0	188	0	136 260	0	0	0	37	96	72 318	19 957	37	3 813	326 470
9 316	1 098	10 331	123 028	0	317 807	21 219	154 050	31 467	47 689	68 035	108 654	0	4 269	12 682	4 220 587
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9 917	25	850	87 423	170	41 725	1 381	219 326	6 305	22 786	51 285	91 505	1 214	5 659	1 602	2 648 791
0	0	0	8 394	0	0	0	0	0	1 021	0	0	0	0	0	137 756
1 870	195	1 295	17 757	333	117 039	490	41 850	3 181	11 093	16 292	27 930	359	2 559	1 930	459 992
499	166	46	586	50	3 997	52	214	31	430	424	2 468	0	27	121	51 124
0	0	0	146	0	1 049	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10 921
16	0	0	327	0	1 470	40	1 219	20	134	0	449	45	0	0	8 290
0	0	0	6 690	0	0	0	835	0	0	0	912	0	0	14	29 455
1 440	110	156	15 064	50	1 077 452	437	14 504	866	590	2 629	3 767	2 131	234	316	1 325 276
80 533	10 432	21 289	377 772	14 348	2 024 089	41 170	602 708	64 275	129 874	176 206	606 237	51 085	184 705	42 490	14 102 312
7 506	0	24	11 601	0	494 626	0	65 142	79	341	16 169	1 574	0	339	797	945 943
53 461	2 027	12 493	310 677	5 048	1 440 365	26 773	478 737	45 934	86 951	120 640	432 183	33 491	145 239	24 774	10 332 781
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4 746	0	0	0	4 746
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12 883
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
92	29	0	2 905	2	112 963	14	2 352	129	3 739	3 924	1 818	1 115	510	80	193 828
0	0	0	0	24	16	900	748	0	1 411	125	2 060	0	3 301	977	41 633
289	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	474
0	0	0	19 256	1 964	0	0	0	0	11 796	0	14 756	0	0	0	343 280
4 415	1 257	695	11 750	480	58 240	1 479	13 289	3 189	3 608	5 858	53 434	7 829	16 802	1 497	424 494
65 763	3 313	13 212	356 190	7 518	2 106 209	29 166	560 268	49 331	107 846	146 715	510 572	42 435	166 190	28 131	12 300 062
10 000	7 500	10 335	19 000	9 960	496 172	7 832	10 000	9 262	7 516	24 053	9 530	8 742	7 500	9 000	1 092 422
0	0	0	0	0	0	0	- 684	0	148	0	0	0	0	0	25 723
0	0	0	- 340	0	0	0	- 146	0	8 863	- 131	0	0	0	0	- 9 209
0	0	2 000	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2 000
0	564	0	- 291	0	- 145	0	0	0	0	0	864	734	0	- 14	211 929
- 802	- 430	- 4 660	711	- 1 416	- 173 415	596	29 220	258	0	2 866	53 145	- 5	2 335	1 494	358 754
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 604	- 604
5 572	- 515	402	2 502	- 1 715	- 404 732	3 576	4 049	5 423	5 501	2 703	32 128	- 822	8 679	4 483	121 234
14 770	7 119	8 077	21 582	6 829	- 82 120	12 004	42 440	14 943	22 028	29 490	95 666	8 650	18 514	14 359	1 802 250
80 533	10 432	21 289	377 772	14 348	2 024 089	41 170	602 708	64 275	129 874	176 206	606 237	51 085	184 705	42 490	14 102 312

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Demonstração dos Resultados 2019

	ATL	BAI	BCA	BCGA	BCH	BCI	BCS	BDA	BE	BFA	BIC
1. Juros e rendimentos similares	119 613	146 376	5 352	32 687	5 472	17 713	5 930	45 254	0	189 695	127 765
2. (-) Juros e encargos similares	- 53 255	- 42 456	- 1 016	- 8 313	- 415	- 4 894	- 1 466	- 21 969	0	- 36 219	- 36 501
3. Margem Financeira (1+2)	66 358	103 920	4 336	24 375	5 057	12 819	4 465	23 286	0	153 476	91 264
4. Rendimentos de instrumentos de capital	0	724	0	0	0	5 442	0	0	0	0	10 439
5. Rendimentos de serviços e comissões	16 813	20 892	3 493	4 874	3 235	- 1 495	8 083	19 093	0	18 794	- 2 186
6. (-) Encargos com serviços e comissões	- 1 787	- 6 872	- 193	- 975	- 433	0	- 6	0	0	- 4 731	14
7. Resultados de activos e passivos financeiros avaliados ao justo valor através de resultados	- 288	- 571	0	2 347	0	0	0	163	0	- 1 751	0
8. Resultados de activos financeiros ao justo valor através de outro rendimento integral	0	- 5	0	0	0	0	0	0	0	0	0
9. Resultados de investimentos ao custo amortizado	0	- 322	0	- 48	0	0	540	21	0	0	0
10. Resultados em outros activos financeiros	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11. Resultados cambiais	3 125	100 011	10 674	10 337	2 571	3 610	14 356	81 723	0	41 188	175 218
12. Resultados de alienação de outros activos	25 720	- 752	0	73	0	0	0	15	0	110	124
13. Outros resultados de exploração	- 7 341	- 1 768	- 754	- 1 600	- 258	- 93	- 551	- 306	0	2 783	- 2 144
14. Produto da actividade bancária (3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13)	102 600	215 257	17 555	39 382	10 172	20 283	26 888	123 994	0	209 869	272 728
15. (-) Custos com o pessoal	- 21 147	- 31 259	- 3 035	- 8 007	- 572	- 15 063	- 4 431	- 4 571	0	- 45 941	- 34 234
16. (-) Fornecimentos e serviços de terceiros	- 12 856	- 29 400	- 2 380	- 5 672	- 1 081	- 6 361	- 1 656	- 3 123	0	- 25 557	- 17 841
17. (-) Depreciações e amortizações do exercício	- 6 425	- 4 993	- 618	- 1 572	- 230	- 1 817	- 844	- 596	0	- 5 577	- 1 343
18. (-) Provisões líquidas de anulações	- 2 765	- 1 486	- 13	- 271	0	- 5 692	0	0	0	9 498	3 252
19. Imparidade para crédito a clientes líquida de reversões e recuperações	- 28 871	12 963	- 131	1 043	22	0	97	8 630	0	- 5 083	- 34 627
20. Imparidade para outros activos financeiros líquida de reversões e recuperações	175	- 28 797	- 527	- 1 029	- 15	- 14 655	0	- 2 172	0	- 8 294	- 2 054
21. Imparidade para outros activos líquida de reversões e recuperações	0	- 1 453	40	- 182	0	- 2 641	- 551	- 2 876	0	- 573	102
22. Resultados de filiais, associadas e empreendimentos conjuntos (equivalência patrimonial)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23. Resultado na posição monetária líquida	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 108 691
24. Resultados antes de imposto de operações em continuação (14+15+16+17+18+19+20+21+22+23+24)	30 712	130 830	10 890	23 691	8 295	- 25 946	19 503	119 286	0	128 342	77 292
25. Impostos sobre os resultados correntes	0	- 9 365	0	- 2 381	0	- 244	- 4 855	- 32 975	0	- 9 890	- 6 635
26. Impostos sobre os resultados diferidos	- 248	- 2 732	0	73	- 1 131	0	0	0	0	1 488	0
27. Resultado após impostos de operações em continuação (25+26+27)	30 465	118 733	10 890	21 383	7 164	- 26 190	14 647	86 312	0	119 940	70 657
28. Resultado de operações descontinuadas e/ou em descontinuação	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
29. Resultado líquido do exercício (28+29)	30 465	118 733	10 890	21 383	7 164	- 26 190	14 647	86 312	0	119 940	70 657

Milhões de kwanzas

BIR	BKI	BMF	BNI	BOCLB	BPC	BPG	BSOL	BVB	FNB	KEVE	SBA	SCBA	VTB	YETU	TOTAL
6 762	753	2 157	24 487	79	77 851	2 135	38 307	12 479	8 000	12 765	45 877	3 716	1 014	3 183	935 425
- 1 327	- 32	- 363	- 13 309	- 170	- 90 685	- 1 224	- 29 666	- 3 888	- 1 649	- 3 492	- 6 507	- 273	- 1 335	- 238	- 360 661
5 436	721	1 794	11 178	- 91	- 12 833	911	8 640	8 591	6 351	9 274	39 370	3 443	- 320	2 944	574 763
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	16 605
2 395	57	621	7 354	36	16 288	741	9 283	1 012	1 781	5 589	8 906	469	8 638	1 737	156 501
- 149	- 11	- 88	- 3 533	0	- 7 341	- 30	- 3 362	- 193	- 200	- 82	- 1 688	- 26	- 113	- 169	- 31 966
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1 559	0	0	1 006	2 465
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 2	0	0	0	- 7
0	0	0	0	0	0	1 132	0	0	- 28	1 474	0	0	0	0	2 768
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
2 928	303	702	23 770	- 17	- 4 783	5 825	36 848	1 309	6 294	18 306	13 505	685	7 273	4 138	559 900
0	0	0	102	0	40	0	23	2	0	998	0	0	48	0	26 503
- 133	- 188	- 75	11	- 38	- 6 722	- 205	- 3 308	- 119	- 771	- 427	- 544	- 350	- 101	- 299	- 25 301
10 477	883	2 955	38 882	- 110	- 15 351	8 375	48 125	10 602	13 427	35 132	61 106	4 221	15 425	9 357	1 282 233
- 1 786	- 373	- 979	- 8 785	- 832	- 41 449	- 2 514	- 15 039	- 1 583	- 2 759	- 8 601	- 13 721	- 1 415	- 2 241	- 2 599	- 272 937
- 789	- 797	- 1 050	- 6 535	- 555	- 17 692	- 963	- 18 468	- 1 324	- 1 891	- 6 068	- 8 089	- 2 833	- 905	- 970	- 174 857
- 366	- 245	- 243	- 1 527	- 216	- 8 774	- 176	0	- 454	- 799	- 987	- 1 942	- 196	- 183	- 453	- 40 575
- 66	- 7	0	- 2 286	0	- 47 874	0	- 3 945	0	- 2 888	0	369	- 500	111	- 14	- 54 577
- 1 007	0	- 150	- 9 819	0	- 163 069	- 13	2 088	- 774	2 385	- 16 669	- 904	- 4	- 109	- 1	- 234 004
- 397	24	- 111	- 1 310	0	753	- 233	- 880	- 92	- 596	0	0	- 94	0	0	- 60 305
- 425	0	- 14	- 8 086	- 3	- 111 276	0	- 8 350	0	0	0	- 1 227	0	0	0	- 137 515
0	0	0	0	0	0	0	901	0	0	0	0	0	0	0	901
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	- 108 691
5 640	- 515	407	536	- 1 715	- 404 732	4 476	4 432	6 375	6 879	2 807	35 592	- 822	12 098	5 320	199 674
- 67	- 1	- 5	- 742	0	0	- 900	0	- 952	- 1 378	- 104	- 3 465	0	- 3 419	- 837	- 78 214
0	0	0	2 708	0	0	0	- 383	0	0	0	0	0	0	0	- 225
5 572	- 515	402	2 502	- 1 715	- 404 732	3 576	4 049	5 423	5 501	2 703	32 128	- 822	8 679	4 483	121 234
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
5 572	- 515	402	2 502	- 1 715	- 404 732	3 576	4 049	5 423	5 501	2 703	32 128	- 822	8 679	4 483	121 234

Fonte: Demonstrações Financeiras dos Bancos

Deloitte.

“Deloitte” refere-se a uma ou mais firmas membro e respetivas entidades relacionadas da rede global da Deloitte Touche Tohmatsu Limited (“DTTL”). A DTTL (também referida como “Deloitte Global”) e cada uma das firmas membro são entidades legais separadas e independentes. A DTTL não presta serviços a clientes. Para mais informação aceda a www.deloitte.com/pt/about.

A Deloitte é líder global na prestação de serviços de audit and assurance, consulting, financial advisory, risk advisory, tax e serviços relacionados. A nossa rede de firmas membro compreende mais de 150 países e territórios e presta serviços a quatro em cada cinco entidades listadas na Fortune Global 500®. Para conhecer o impacto positivo criado pelos aproximadamente 330.000 profissionais da Deloitte aceda a www.deloitte.com.

Esta comunicação é exclusivamente para distribuição interna e uso dos profissionais da Deloitte Touche Tohmatsu Limited, das suas firmas membro e das suas entidades relacionadas (em conjunto a “Rede Deloitte”).

Em conformidade, nenhuma entidade da Rede Deloitte é responsável por quaisquer danos ou perdas sofridos pelos resultados que advenham da tomada de decisões baseada nesta comunicação.